

# CONEXÃO LITERATURA<sup>®</sup>

PORQUE AMAMOS LIVROS

## ENTREVISTA EXCLUSIVA

com Luciana Simon  
de Paula Leite,  
autora do livro  
**Jenipapo**



ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Distribuição Gratuita

## Luciana Simon de Paula Leite:

*entre o Direito, a Literatura  
e a defesa dos direitos humanos*



LITERATURA  
QUE TOCA  
E TRANSFORMA

“ Livros que emocionam, histórias que ficam. ”

SOBRE A REVISTA

# CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.



## SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

“

*Livros  
que  
emocionam  
histórias  
que  
ficam.*

Crédito da foto: Paloma Escarabote

## LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

A trajetória de Luciana Simon de Paula Leite é marcada pela união entre conhecimento jurídico, sensibilidade humana e paixão pela literatura. [...]

CONFIRA + NA PÁG. 06

# 06

## EXPEDIENTE



**Ademir Pascale**  
Editor-Chefe  
[ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)



**Elenir Alves**  
Assessora de Imprensa  
[elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)



ISSN: 2448-1068

## CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: [@conexaoliteratura](#)



Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)



Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: [ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)



Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# REVISTA Conexão Literatura

JULHO/2026

## ÍNDICE



01	Expediente .....	02
02	Editorial .....	04
03	Patrocinadores da Revista Conexão Literatura .....	05
04	Especial: Luciana Simon de Paula Leite, entre o Direito, a Literatura e a defesa dos direitos humanos .....	06
05	Vinte Mil Léguas Submarinas, por Ademir Pascale .....	15
06	A bagaceira: pedra fundamental do regionalismo, por Gilmar Duarte Rocha .....	19
07	Poema: Mirian Menezes de Oliveira .....	23
08	O amor é egoísta baby, por Clarissa Xavier Machado .....	25
09	Cordéis: Padre Spadoni, por Ademir Pascale .....	33
10	Poemas de Raul Shaefer Filho .....	34
11	Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny .....	38
12	Dica de leitura .....	42
13	Poema: A vida em gotas 1 - João Carlos José, por Jaff Silva .....	44
14	Ela, por Mônica Palacios .....	46
15	10 Mistérios da Literatura .....	49
16	Poema: Entre a incerteza e a esperança, por Adriano Rosa da Silva .....	50
17	Corda bamba: análise da personagem Maria, por Max Moreira .....	55
18	De A a B: linguagem e alteridade na construção de sentido, por Emerson Pagnussat .....	62
19	Poema: Como Criança, por Joaquim Cândido de Gouvêa .....	69
20	Curiosidades literárias .....	71
21	Resenha de <i>Ninguém nasce monstro</i> , por Pedro Panhoca da Silva e Fernando Hisi Panhoca .....	73
22	A literatura de autoria indígena na educação básica: do estereótipo ao protagonismo e à escrita em si, por José Flávio da Paz .....	77
23	A dialética do engajamento e o compromisso com a memória: filosofia, literatura e o ato de ler como exercício de liberdade, por José Flávio da Paz .....	84
24	Poemas de Flavio Joppert .....	92
25	Entrevista com Carlos Misawa .....	94
26	Entrevista com Mauro Kwitko .....	98
27	Entrevista com Sheila Sarra .....	102
28	Citações de grandes autores .....	104
29	Conto: A criação do universo, por Ademir Pascale .....	108
30	Conto: Quebra-cabeça, por Idicampos .....	113
31	Conto: Inocência e penitência, por Ivana T. Souza .....	119
32	Conto: A vida em gotas 1, por Jaff Silva .....	124
33	Conto: A morte de um dragão, por Ney Alencar .....	127
34	Conto: Ponto de força, por Raiane Letícia Santos Silva .....	133
35	Conto: Sem asas para voar - Parte II, por Roberto Schima .....	135
36	Conto: O despertar da loba - Ou a Maldição de Anhangá - Segunda Parte, por Sellma Luanny .....	149
37	Conto: Que horas são?, por Luciana Simon de Paula Leite .....	153
38	Lendas do Brasil .....	159
39	Passatempo .....	160
40	Baixe as edições anteriores .....	162
41	Mídia Kit .....	163
42	Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição .....	164

“

“Ler é  
sonhar  
pela mão  
de outra  
pessoa.”

Fernando  
Pessoa





**Ademir Pascale**  
Editor-Chefe

“

*A literatura é o elo que nos conecta, a ponte que nos leva a novos mundos e a outras possibilidades de ser e de pensar.*

”

# Editorial

Chegamos ao mês de julho celebrando mais uma edição da Revista Conexão Literatura, repleta de conteúdos preparados para quem aprecia o universo dos livros e da escrita.

Nesta edição, destacamos **Luciana Simon de Paula Leite**, juíza de direito e autora do livro *Jenipapo*. Confira a entrevista exclusiva que realizamos com ela e conheça mais sobre sua trajetória, inspirações e experiência na literatura.

A leitura continua sendo uma importante ferramenta para ampliar conhecimentos, estimular a reflexão e proporcionar novas descobertas por meio das mais diversas histórias.

Ao longo destas páginas, você encontrará excelentes contos, poemas, entrevistas com escritores, dicas de leitura e muitos outros conteúdos especiais.



Aproveitamos para convidar nossos leitores a acompanhar o Instagram da revista, **@revistaconexaoliteratura**, onde compartilhamos novidades, eventos e oportunidades para escritores e leitores.



Visite também nosso portal **www.revistaconexaoliteratura.com.br** para ficar sempre atualizado sobre notícias literárias, novas antologias, entrevistas e lançamentos.

Agradecemos pela companhia em mais uma edição e pelo apoio à literatura nacional. Desejamos a todos uma excelente leitura e um mês de julho repleto de boas páginas e grandes descobertas.

*Boa leitura a todos!*



# NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**Joaquim Cândido de Gouvêa**

Instagram: @joaquimgouvea\_



**Casa Brasileira de Livros**

[www.casabrasileiradelivros.com](http://www.casabrasileiradelivros.com)



**Roberto Schima**

Leia seus textos no site da Revista Conexão Literatura:  
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



**Luciana Simon de Paula Leite**

Instagram: @lucianasimonleite



**Mirian Menezes**

Escritora Independente  
Seus livros podem ser adquiridos pelo link:  
[encurtador.com.br/igdpm](http://encurtador.com.br/igdpm)



**Gilmar Duarte Rocha**

[www.gilmarduarterochoa.com.br](http://www.gilmarduarterochoa.com.br)  
Instagram: @gilmarduarterochoa



**Clarissa Xavier Machado**

Instagram: @clarissaxmachado



**Jaff Silva**

Youtube: @Jaffkamphorst  
Instagram: @jaffkamphorst

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.  
SAIBA COMO:

clique aqui



# Luciana Simon de Paula Leite: entre o Direito, a Literatura e a defesa dos direitos humanos

 Por Ademir Pascale

A trajetória de Luciana Simon de Paula Leite é marcada pela união entre conhecimento jurídico, sensibilidade humana e paixão pela literatura. Nascida em outubro de 1966, na cidade de São Paulo, Luciana cresceu em um ambiente familiar fortemente ligado à educação, à escrita e ao pensamento crítico. Filha do escritor, jornalista e crítico literário Antonio Roberto de Paula Leite e da professora aposentada Celia Therezinha Simon de Paula Leite, desenvolveu desde cedo o hábito de escrever, inicialmente para si mesma.

Durante os anos escolares, destacou-se nas atividades de redação, recebendo incentivo especial de sua professora Maria do Carmo. Formou-se em Direito pela PUC-SP e construiu uma sólida carreira na magistratura paulista, atuando em diversas comarcas do interior e, posteriormente, na capital, onde exerce atualmente o cargo de Juíza Titular da 5ª Vara da Família e Sucessões do Foro Regional de Santana.

Paralelamente à carreira jurídica, Luciana consolidou-se como escritora. Em 2021, lançou o conto “Para Nossas Meninas”, abordando a violência doméstica e familiar sob uma perspectiva literária e informativa. Em 2024, publicou o romance “Posso te pedir uma coisa?”, obra que trata da adoção tardia interracial e incorpora orientações jurídicas em notas de rodapé. No mesmo ano, lançou “Jenipapo”, seu primeiro romance totalmente ficcional, inspirado na trajetória de Giovanni Gallo, fundador do Museu do Marajó, com forte enfoque nos direitos humanos.

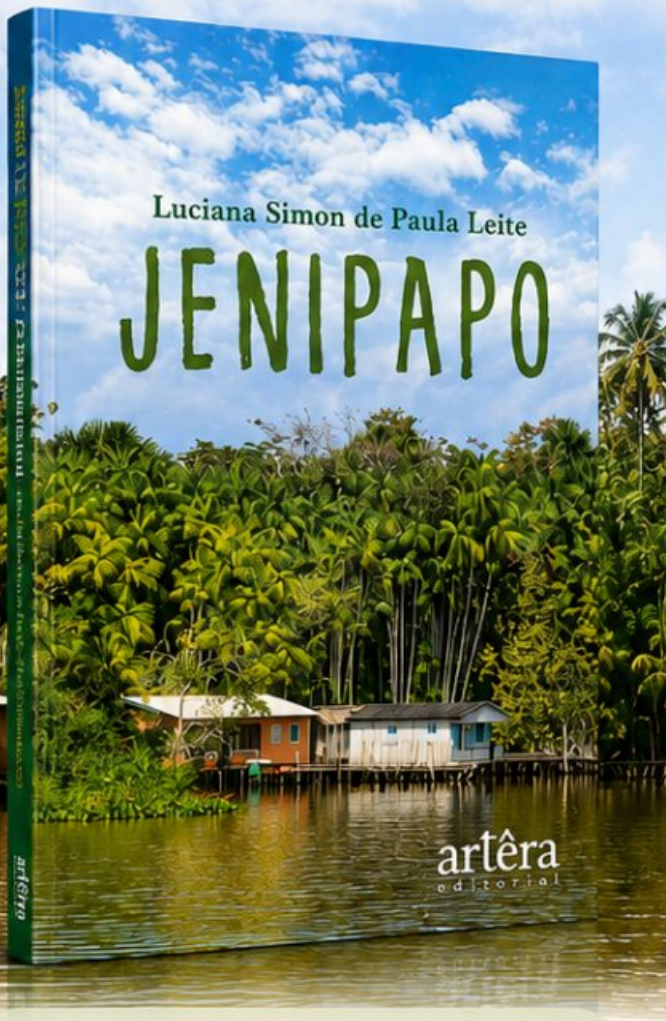
Especialista em Direito de Família e Sucessões, mestranda em Direito Civil pela PUC-SP, colunista do jornal digital Magis e associada da AJEB, Luciana demonstra que literatura e Direito podem dialogar de forma profunda e transformadora. Além de palestrante e articulista, ela também contribui mensalmente com contos publicados na Revista Conexão Literatura, fortalecendo seu compromisso com a cultura, a reflexão social e a valorização da palavra escrita.

A relevância de sua produção literária vai além do entretenimento. Seus livros promovem debates sobre temas de grande impacto social, como violência contra a mulher, adoção, preconceito racial, direitos humanos e relações familiares. Dessa forma, sua obra contribui para a formação de leitores mais conscientes e sensíveis às questões que permeiam a sociedade contemporânea.



Crédito da foto: Paloma Escarabote

“*Literatura e Direito caminham juntos quando a palavra se torna ponte entre realidades e a Justiça encontra voz na empatia.*”



“ Os maiores desafios estão na necessidade desse trabalho ser respeitado e valorizado pelo seu conteúdo, pois eu acredito nele.

Luciana Simon de Paula Leite ”

A literatura tem o poder de nos colocar no lugar do outro, ampliar nossa empatia e provocar mudanças reais na forma como enxergamos o mundo e as relações humanas. Obras como “Jenipapo” nos lembram que cada história carrega não apenas beleza, mas também um propósito transformador.



## Entrevista | Luciana Simon de Paula Leite

**Revista Conexão Literatura:** Luciana, sua trajetória profissional é marcada por anos de atuação na magistratura. Em que momento a escrita deixou de ser um hábito pessoal e passou a ocupar um espaço mais significativo em sua vida?

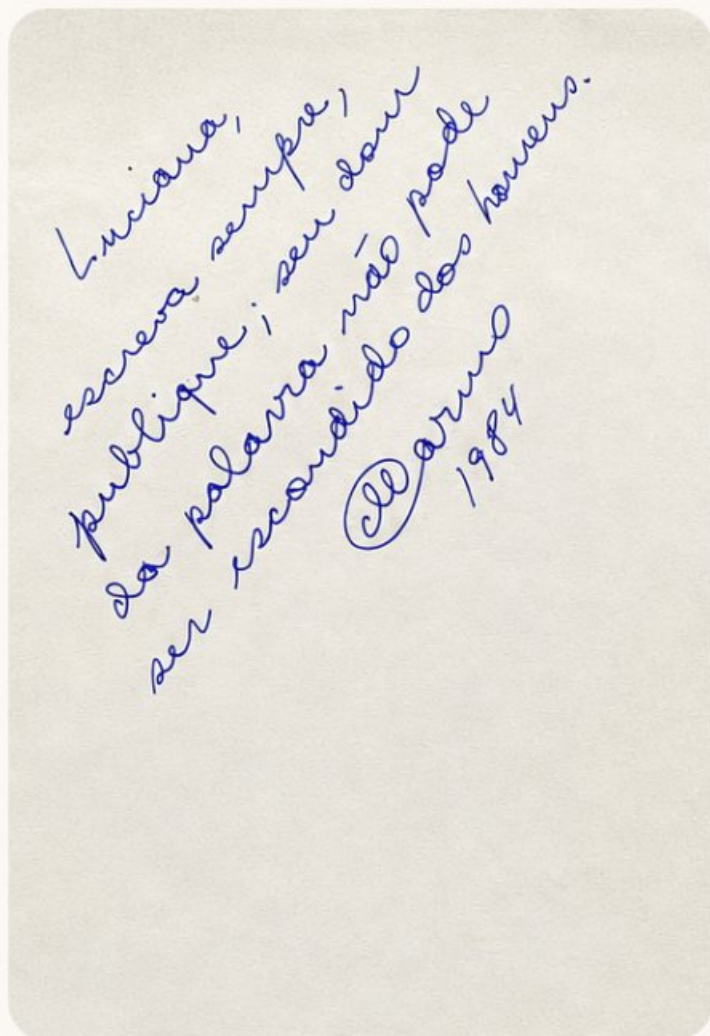
**Luciana Simon de Paula Leite:** No período da pandemia. Foi tudo marcante e difícil emocionalmente. Comecei a acompanhar notícias de feminicídios e violência contra a mulher, que tiveram um aumento vertiginoso. Isso me estimulou a escrever sobre os mecanismos da violência doméstica e familiar, num livro ficcional, mas com orientações jurídicas para auxiliar as leitoras.

**Revista Conexão Literatura:** Seu mais recente romance, “Jenipapo”, é inspirado na obra e na trajetória de Giovanni Gallo. Como surgiu a ideia de transformar essa inspiração em uma narrativa ficcional e quais foram os maiores desafios durante a construção do livro?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Comecei pesquisando sobre a Ilha de Marajó, pois meu primeiro livro, Para Nossas Meninas, sobre violência doméstica e familiar, tem como cenário final de ação Belém, um lugar que eu tinha conhecido rapidamente há anos atrás, numa viagem ao Maranhão como destino final. Então, encontrei a história e os dados do legado de Giovanni Gallo e o museu do Marajó, achei excepcional a riqueza dessa biografia e do entorno humano e geográfico para um livro que também contasse a trajetória de uma jovem com deficiência, um projeto antigo, pela necessidade de valorização e visibilização. Os maiores desafios não foram no processo de pesquisa (obra literária de Giovanni Gallo), escrita na viagem ao interior do Marajó para conhecer o museu, sentir o lugar e as pessoas. Os maiores desafios estão na necessidade desse trabalho ser respeitado e valorizado pelo seu conteúdo, pois eu acredito nele.

**Revista Conexão Literatura:** “Jenipapo” aborda temas ligados aos direitos humanos. De que maneira sua experiência como magistrada contribuiu para a construção dos personagens e das reflexões presentes na obra?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Não nos dissociamos de quem somos ao escrever. Dos nossos olhares. Do que nos encanta, preocupa ou comove. Em última análise, o magistrado é um solucionador de problemas, dentro do limite possível. Para mim arte é mudar a realidade para algo mais equilibrado e benéfico às pessoas, fazendo-as refletir, repensar e sentir empatia.



Carta escrita em 1984 pela professora da Luciana.

✦ Não é distinto do trabalho em que busco, na dimensão do possível e de natureza técnica, melhorar contextos, equilibrar direitos e deveres, proteger pessoas indefesas, dar voz a quem não tem. O Direito é isso. De uma certa forma, escrever de modo ficcional, mas considerando fatos históricos e contextos reais, para que sejam vistos, ponderados, modificados para melhor, tem liame com a atividade a que estou acostumada no trabalho jurídico, até mesmo de modo natural e intuitivo.



**Revista Conexão Literatura:** Em “Posso te pedir uma coisa?”, você trata da adoção tardia interracial, tema extremamente relevante e sensível. Qual foi a principal mensagem que desejou transmitir aos leitores por meio desse romance?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Todos nós poderíamos ser o protagonista João, aguardando o amor, uma família, proteção, infância, dignidade. Amor é o que realmente tem valor. Suplanta quaisquer preconceitos.

**Revista Conexão Literatura:** Seus livros frequentemente estabelecem uma ponte entre literatura e questões jurídicas. Você acredita que a ficção pode ser uma ferramenta eficaz para ampliar a conscientização social sobre temas complexos?


**Luciana Simon de Paula Leite:** Tenho absoluta certeza disso. Arte é entretenimento, sim. Mas tem uma função muito maior. A de instigar o pensamento, a identificação com o outro, a tolerância e concorrer para a pacificação humana. Tanto no âmbito subjetivo como nas interações sociais.

**Revista Conexão Literatura:** Como é o seu processo criativo? Você costuma planejar detalhadamente suas histórias antes de escrever ou permite que a narrativa e os personagens se desenvolvam de forma mais espontânea ao longo da escrita?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Parto de uma ideia. O que eu gostaria de escrever? Qual tema acho que é relevante, tem riqueza, necessidade de ser prestigiado, redimensionado? A história acontece num movimento natural, sem prévio planejamento, após a concepção inicial.

**Revista Conexão Literatura:** Conciliar uma carreira exigente na magistratura, os estudos acadêmicos, palestras e a produção literária certamente não é uma tarefa simples. Como você organiza sua rotina para encontrar tempo e inspiração para escrever?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Tento me organizar quanto a horários, mas realmente é complicado. Os livros foram escritos em finais de semana, feriados, meu tempo livre.



*“NÃO NOS DISSOCIAMOS DE QUEM SOMOS  
AO ESCREVER. DOS NOSSOS OLHARES. DO  
QUE NOS ENCANTA, PREOCUPA OU  
COMOVE.”*

**LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE**



Crédito da foto: Paloma Escarabote.

“

*Acreditar em si mesma, na sua honestidade e na utilidade do seu trabalho para sensibilizar, acolher, sugerir caminhos, o que efetivamente sinto.*

*Luciana Simon de Paula Leite*

”

**Revista Conexão Literatura:** Ao longo de sua carreira literária, houve algum autor ou obra que exerceu influência especial sobre sua formação como escritora?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Fernando Pessoa me marcou bastante na juventude, com seus textos incríveis. Dos escritores contemporâneos, gosto bastante do Itamar Veira Junior. A linguagem é lírica, bela, forte. Admiro Clarice Lispector, seus textos são bastante densos e exigem séria reflexão.

**Revista Conexão Literatura:** Além dos romances já publicados e dos contos que escreve regularmente, existem novos projetos literários em andamento que você possa compartilhar com os leitores da Revista Conexão Literatura?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Não é simples escrever e publicar sozinha. Acreditar em si mesma, na sua honestidade e na utilidade do seu trabalho para sensibilizar, acolher, sugerir caminhos, o que efetivamente sinto. Publicar esses livros, com minha carreira, foi um movimento que exigiu coragem, na exposição e amadurecimento pessoal. Embora o formato, informes jurídicos/orientações simples em notas de rodapé e em partes do texto, haja se mostrado necessário pela temática de dois livros (violência doméstica e familiar e adoção tardia interracial), Jenipapo não seguiu a mesma linha.

Estou na fase de elaboração de dissertação de mestrado e até finalização, não posso pensar em outro projeto de livro. Mas estou meditando a respeito de um romance envolvendo crianças com transtorno do espectro autista. Porque são estigmatizadas. Porque precisamos aprender com elas. Porque precisamos evoluir. E finalmente, porque acredito na qualidade do que escrevo, sem falsa modéstia.



“

*Publicar esses livros, com minha carreira, foi um movimento que exigiu coragem, na exposição e amadurecimento pessoal.*



*Luciana Simon de Paula Leite*



**Revista Conexão Literatura:** Como você avalia a importância das revistas literárias e dos espaços independentes de divulgação para autores contemporâneos, especialmente aqueles que estão iniciando sua trajetória na literatura?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Avalio de modo essencial. Num país onde a cultura é pouco prestigiada, para ser generosa, onde os estereótipos humanos ainda prevalecem e a desinformação e o ódio disseminados graciosamente nas redes sociais pretendem a inexistência de limites éticos, existir um veículo de divulgação da literatura e de autores independentes, com acessibilidade on-line, faz toda a diferença.

**Revista Conexão Literatura:** Em sua opinião, qual é o papel da literatura na construção de uma sociedade mais empática, justa e consciente dos desafios humanos e sociais da atualidade?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Primordial. Quem não lê, não cresce, não se revê, não evolui, não conhece outras possibilidades, outras identidades e inclusive, não se encontra no próximo.

**Revista Conexão Literatura:** Ao olhar para sua trajetória como magistrada, pesquisadora e escritora, qual foi o momento mais marcante de sua carreira até agora e por quê?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Acho que agora. Nesse momento. Em que não tenho ilusões, mas sei do meu valor humano e profissional. Não como ser infalível, que não sou nem ninguém é. Mas como alguém que se esforça no que faz. Que busca fazer o seu melhor.

**Revista Conexão Literatura:** Para os leitores que desejam acompanhar seu trabalho, conhecer seus livros e suas futuras publicações, quais são os melhores canais de contato e onde podem encontrar mais informações sobre você e sua produção literária?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Além de publicar contos nesta revista incrível, posto minhas atividades no instagram,



ACOMPANHE MEU TRABALHO NO INSTAGRAM

[@lucianasimonleite](https://www.instagram.com/lucianasimonleite)



Crédito da foto: Paloma Escarabote.



Crédito da foto da capa: Paloma Escarabote.

## Luciana Simon de Paula Leite

É paulistana, residente e domiciliada na cidade de São Paulo (SP), divorciada, filha de Antonio Roberto de Paula Leite — crítico literário, escritor, jornalista, bacharel em Direito, professor e assessor parlamentar — e de Celia Therezinha Simon de Paula Leite, professora aposentada. Nasceu em outubro de 1966, na capital paulista.

Desde pequena, cultivou o hábito de escrever para si mesma. cursou o ensino médio no Colégio Palmares, onde se destacou nas atividades de redação, recebendo incentivo de sua professora Maria do Carmo para desenvolver a escrita.

Formou-se em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e ingressou na magistratura paulista em junho de 1992. Após atuar em diversas comarcas do interior do estado, passou a trabalhar na capital como Juíza Auxiliar e, posteriormente, como Juíza Titular I da 5ª Vara da Família e Sucessões do Foro Regional de Santana, entrância final, cargo que ocupa desde abril de 2007.

Possui especialização em Direito de Família e Sucessões pela Escola Paulista de Direito (EPD), concluída em 2018. Em 2026, cursa Mestrado em Direito Civil na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em dezembro de 2021, lançou o conto “Para Nossas Meninas” (Editora Autografia, Rio de Janeiro), obra que reúne informações jurídicas relacionadas à violência doméstica e familiar. Em 2024, publicou o romance “Posso Te Pedir uma Coisa?”, pela Editora Lumen Juris, abordando a adoção tardia interracial, com orientações jurídicas apresentadas em notas de rodapé. Ainda em 2024, lançou, pela Artêra Editorial, o romance “Para Nossas Meninas” na obra de Giovanni Gallo, fundador do Museu do Marajó. Trata-se de seu primeiro livro exclusivamente ficcional, cuja temática central envolve os direitos humanos.

É colunista do jornal digital Magis, onde escreve sobre Direito das Mulheres. Também possui artigos publicados em obras coletivas, entre elas: *Mulheres, um Grito de Socorro* (Editora Leader, 2023), *Mulheres no Direito* (Editora Scortecchi, 2026), *Ainda Somos Nós* (Oficina Literária, 2025) e *AJEB, Direito e Arte* (e-book coordenado pelo professor Rodolfo Pamplona Filho). Além disso, atua como palestrante na área jurídica.

É associada da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB) e publica mensalmente contos na Revista Conexão Literatura.



E-mail:  
lucianasimonpleite@gmail.com



Instagram:  
@lucianasimonleite

REVISTA  
**CONEXÃO**  
L I T E R A T U R A

LITERATURA  
QUE CONECTA  
HISTÓRIAS,  
IDEIAS E  
TRANSFORMA  
REALIDADES.

CONHEÇA O LIVRO

# JENIPAPO

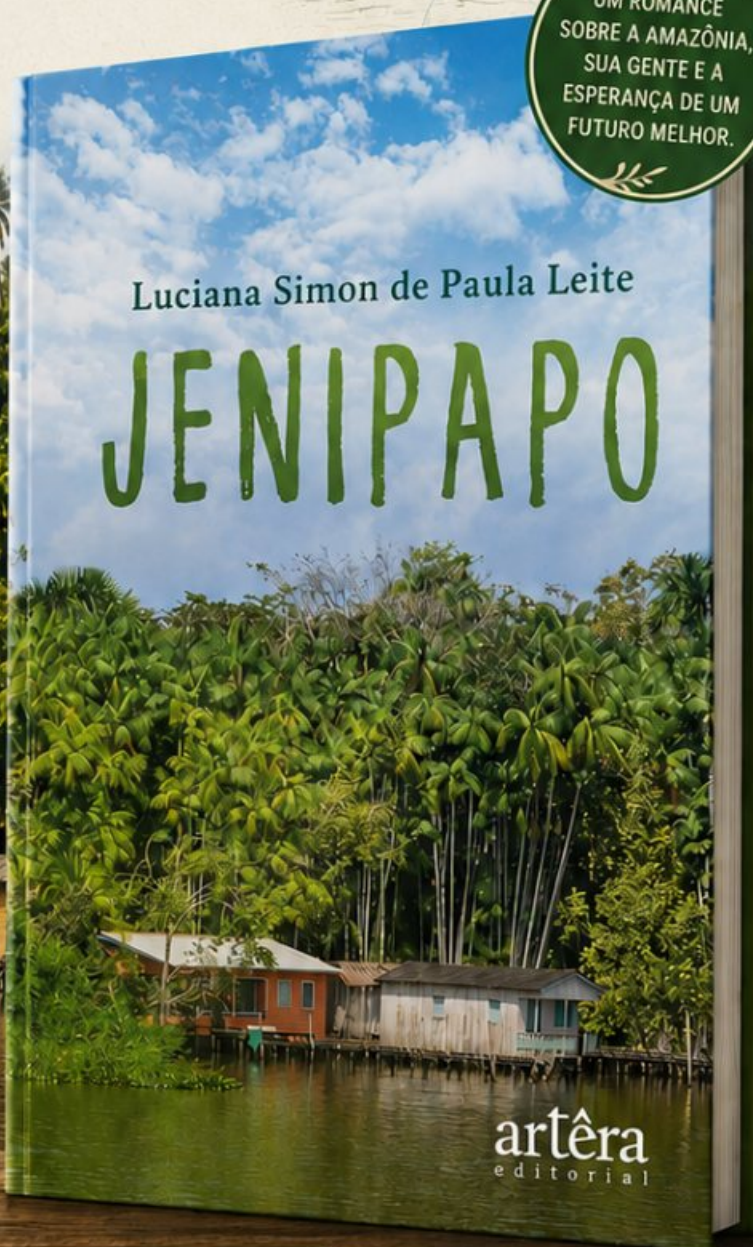
DA AUTORA  
**LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE**

## SINOPSE

Jenipapo é uma obra de ficção baseada em fatos, aborda a realidade do Marajó hodiernamente com menção a episódios que envolveram diretamente Giovanni Gallo, padre jesuíta que se instalou na região albergada pelo Município de Santa Cruz do Arari na década de 1970 e que fundou o Museu do Marajó, homem visionário e que muito esforçou-se para o desenvolvimento sustentável do Marajó mediante combate à pobreza extrema.

A atualidade da temática é irrefutável posto concernente à preservação da Região Amazônica e seus problemas múltiplos, tais como aquecimento global, risco à subsistência, segurança e saúde de comunidades ribeirinhas e quilombolas, poluição ambiental, sem olvidar a dinâmica das relações humanas instigando reflexões sobre capacitismo, racismo, abuso sexual infantil, afeto, parentalidade, conjugalidade, entre outros fatores.

Mas é a sombra de Giovanni Gallo, com seu incondicional apreço ao Marajó, sua cultura e natureza e, especialmente, seu franco desejo de concorrer para a melhoria de qualidade de vida do homem marajoara, prestigiando sua história e estimulando autoestima, que inegavelmente permeia a obra, absolutamente atual, cuja leitura é necessária.



PARA ADQUIRIR O LIVRO:

**CLIQUE AQUI**



artêra  
editorial

★ PARTICIPE DA ANTOLOGIA ★

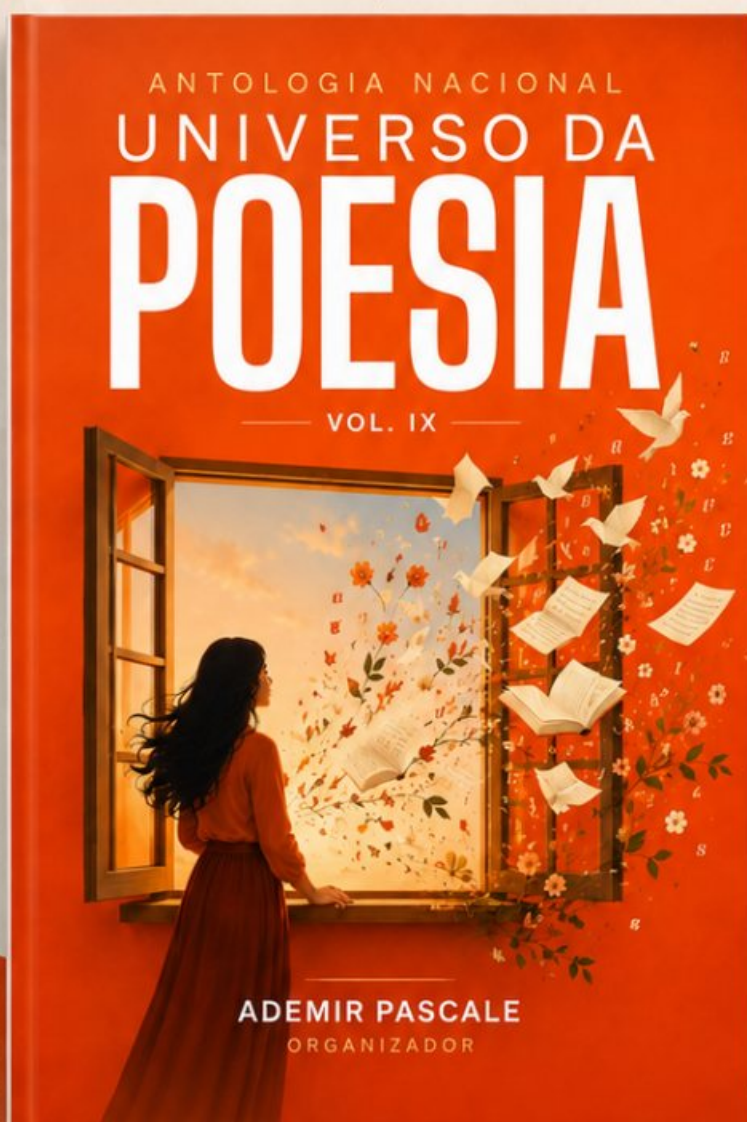
# UNIVERSO DA POESIA

VOL. IX

A SUA  
POESIA  
PODE  
INSPIRAR  
O MUNDO.



SUA VOZ.  
SUAS PALAVRAS.  
O MUNDO TODO  
PARA LER.



AUTORES DE  
TODO O BRASIL



E-BOOK  
PROFISSIONAL



ALCANCE NACIONAL  
E INTERNACIONAL

SAIBA MAIS: CHIQUE AQUI



# VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

A obra de Júlio Verne que  
continua fascinando gerações

Por Ademir Pascale

Poucos escritores conseguiram despertar tanto a imaginação dos leitores quanto Júlio Verne. Mesmo após mais de um século de sua morte, suas histórias continuam encantando pessoas de diferentes idades e culturas. Entre seus muitos clássicos, existe uma obra que ocupa um lugar especial na literatura mundial: *Vinte Mil Léguas Submarinas*.

Publicado em 1870, o romance apresenta uma aventura extraordinária pelos oceanos do planeta. A história acompanha o professor Pierre Aronnax, seu fiel criado Conseil e o arpoador Ned Land, que acabam embarcando em uma jornada inesperada a bordo do *Nautilus*, um submarino avançadíssimo comandado pelo misterioso Capitão Nemo.

O que torna essa narrativa tão fascinante é que ela vai muito além de uma simples aventura marítima. Verne cria um universo repleto de descobertas científicas, reflexões sobre a humanidade e descrições impressionantes do mundo submarino. Em uma época em que os oceanos ainda eram pouco conhecidos, ele imaginou paisagens, criaturas e tecnologias que pareciam impossíveis para seu tempo.

Ao reler trechos da obra, fica fácil compreender por que ela permanece atual. O livro transmite uma sensação constante de descoberta. A cada capítulo, o leitor tem a impressão de estar explorando algo novo, seja uma floresta submarina, um naufrágio esquecido ou uma região remota dos mares.

“  
Verne  
conseguiu unir  
ciência e aventura  
de forma natural,  
criando uma  
leitura envolvente  
e ao mesmo tempo  
enriquecedora.”



Na minha opinião, um dos maiores méritos de Verne foi sua capacidade de equilibrar conhecimento e entretenimento. Muitos autores escrevem histórias de aventura. Outros escrevem sobre ciência. Verne conseguiu unir os dois elementos de forma natural, criando uma leitura envolvente e ao mesmo tempo enriquecedora.

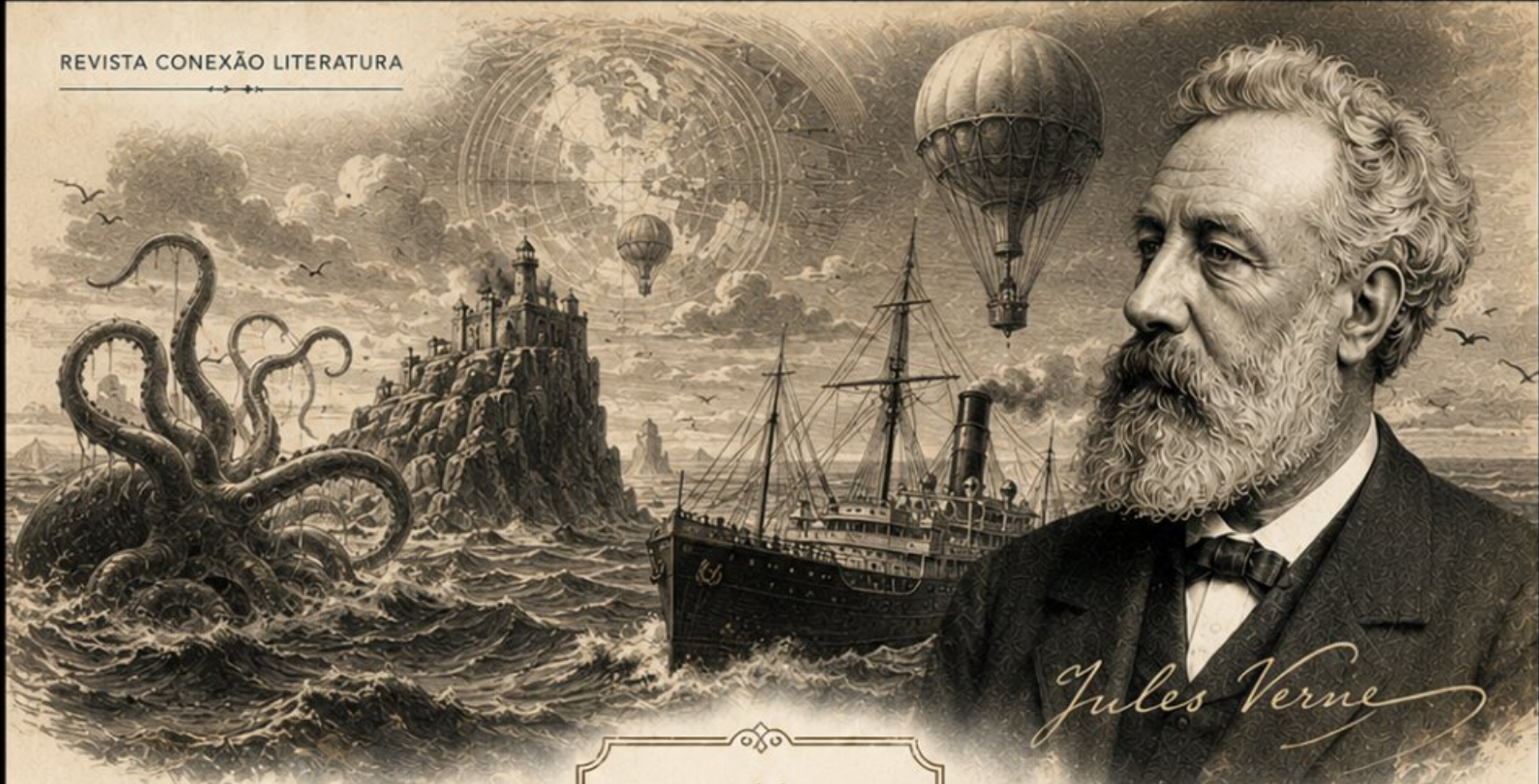
## O ENIGMÁTICO CAPITÃO NEMO

Grande parte do sucesso da obra está ligada ao personagem Capitão Nemo. Poucos protagonistas da literatura são tão complexos e intrigantes quanto ele.

Nemo é um homem brilhante, culto e profundamente marcado por acontecimentos de seu passado. Ele rejeita a sociedade e escolhe viver nos oceanos a bordo do *Nautilus*, uma embarcação capaz de levá-lo a lugares inacessíveis para o restante da humanidade.

Durante a leitura, o personagem desperta sentimentos contraditórios. Em alguns momentos, ele parece um herói visionário. Em outros, demonstra um lado sombrio e vingativo. Essa dualidade contribui para que ele seja lembrado até hoje como um dos personagens mais interessantes já criados pela literatura de aventura.





*Jules Verne*

## UM SUBMARINO À FRENTE DE SEU TEMPO

Outro aspecto impressionante da obra é o *Nautilus*. Quando Verne escreveu o romance, os submarinos existentes eram extremamente limitados e experimentais. Mesmo assim, ele imaginou uma embarcação movida por eletricidade, capaz de permanecer longos períodos debaixo d'água e percorrer grandes distâncias.

Muitas das características descritas no livro lembram tecnologias que só se tornariam realidade décadas mais tarde. Esse é um dos motivos pelos quais Júlio Verne costuma ser citado como um dos pioneiros da ficção científica moderna.

É curioso perceber que aquilo que parecia pura fantasia para os leitores do século XIX acabou servindo como inspiração para cientistas, engenheiros e exploradores.

“  
*Aquilo que parecia pura fantasia para os leitores do século XIX acabou servindo como inspiração para cientistas, engenheiros e exploradores.*  
 ”



## UMA CURIOSIDADE SURPREENDENTE

Uma das curiosidades mais interessantes sobre o livro é que o próprio Capitão Nemo não teve sua origem totalmente revelada na primeira publicação da obra.

Os leitores só passaram a compreender melhor seu passado em outro romance de Verne, *A Ilha Misteriosa*. Para quem gosta de descobrir conexões entre livros, essa continuação indireta é uma leitura praticamente obrigatória.

Além disso, muitos estudiosos apontam que Nemo foi um dos primeiros personagens da literatura popular a apresentar uma personalidade tão complexa, algo que se tornaria comum apenas muitos anos depois.

## DOS LIVROS PARA AS TELAS

O sucesso de *Vinte Mil Léguas Submarinas* levou a diversas adaptações ao longo do tempo.

A mais famosa delas é o filme *20,000 Leagues Under the Sea*, produzido pela Disney em 1954. Considerado um clássico do cinema de aventura, o longa impressionou o público com seus efeitos visuais e ajudou a apresentar a história para novas gerações.



Outra adaptação bastante conhecida é *20,000 Leagues Under the Sea*, uma minissérie que buscou explorar alguns elementos do romance com maior profundidade.

Embora nenhuma adaptação consiga reproduzir completamente a riqueza da obra original, ambas ajudam a demonstrar a força e a permanência da criação de Júlio Verne.



## PARA CONTINUAR EXPLORANDO O UNIVERSO DE JÚLIO VERNE

Quem aprecia *Vinte Mil Léguas Submarinas* certamente encontrará outras leituras memoráveis na obra do autor.

Entre as mais recomendadas estão:

- ✦ *Viagem ao Centro da Terra*
- ✦ *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*
- ✦ *A Ilha Misteriosa*
- ✦ *Da Terra à Lua*
- ✦ *Os Filhos do Capitão Grant*

Cada uma dessas obras revela um aspecto diferente da criatividade do escritor, seja a exploração do planeta, a conquista do espaço ou as grandes jornadas humanas.



“Mais do que prever tecnologias, Júlio Verne compreendeu algo essencial sobre a natureza humana: a curiosidade.”

## UM CLÁSSICO QUE ATRAVESSA GERAÇÕES

LER *Vinte Mil Léguas Submarinas* hoje é uma experiência interessante porque permite observar como a imaginação pode antecipar o futuro. Ao mesmo tempo, o livro continua funcionando como uma excelente aventura, capaz de prender a atenção do início ao fim.

Talvez esse seja o verdadeiro segredo da obra. Mais do que prever tecnologias, Júlio Verne compreendeu algo essencial sobre a natureza humana: a curiosidade. O desejo de descobrir o que existe além do horizonte, de explorar territórios desconhecidos e de buscar respostas para perguntas que ainda não sabemos formular.

Por isso, mais de 150 anos após sua publicação, *Vinte Mil Léguas Submarinas* continua navegando pelas estantes do mundo e conquistando novos leitores. E tudo indica que essa viagem está longe de terminar.



### — ✦ — SOBRE O AUTOR | ADEMIR PASCALE — ✦ —

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura e colunista da Revista Projeto AutoEstima. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Contato: ademirpascale@gmail.com



# CORRESPONDÊNCIAS DO FIM DO MUNDO

DO AUTOR GILMAR DUARTE ROCHA

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminoso da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica.

Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



SUSPENSE  
HISTÓRICO  
ENVOLVENTE



INVESTIGAÇÃO  
E MISTÉRIO



UMA HISTÓRIA  
BASEADA EM  
FATOS REAIS

DISPONÍVEL NAS GRANDES  
PLATAFORMAS DE VENDAS



AMAZON

<https://encurtador.com.br/Car4V>



MERCADO LIVRE

<https://encurtador.com.br/DSRSw>

“Um thriller histórico intenso e arrebatador que revela como o ódio pode transformar qualquer inverno em trevas.”



“ALGUNS INVERNOS  
NUNCA TERMINAM.  
ALGUMAS FERIDAS  
NUNCA CICATRIZAM.”

# Revista

# CONEXÃO LITERATURA

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

## A BAGACEIRA

Romance

7.<sup>a</sup> edição



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

## A bagaceira: pedra fundamental do regionalismo

GILMAR DUARTE ROCHA

Como primeiro grande evento cultural de projeção nacional, a Semana de Arte Moderna propôs estabelecer as bases de uma vanguarda voltada à identidade brasileira. Nesse contexto, o cenário artístico buscou consolidar produções nativistas na literatura, artes plásticas e teatro. O movimento preconizava a ruptura com o tradicionalismo de orientação europeia — sobretudo o parnasianismo —, a assimilação de linguagens experimentais como o futurismo e a reabilitação do folclore e do linguajar popular.

“ Nesse último tópico — linguajar tipicamente brasileiro — os modernistas até que tentaram construir (no que se refere à literatura) produções de vanguarda, que escapavam ao rigor da métricas, das rimas, da organização estética do romanceiro, obras de grande valor como “Serafim Ponte Grande”, de Oswald de Andrade; “Macunaíma”, de Mário de Andrade; “Juca Mulato”, de Menotti del Picchia e “Cobra Norato”, de Raul Bopp. As espadas da revolução cultural estavam desfalcadas, mas tudo que era produzido no âmbito desse grupo de intelectuais tinham direcionamento restrito a pequenos nichos da população que consumia cultura naquela época, em especial no que tange à literatura.

Mas esse importante movimento de vanguarda, repercutiu, de algum modo, em outras paragens do imenso Brasil, mais precisamente ele deve ter sobrevoado a casa e cabeça de um intelectual da Paraíba de nome **José Américo de Almeida**.



Conhecido como o “Homem de Areia”, em alusão ao lugar onde nasceu, Areia, no Brejo paraibano, no dia 10 de janeiro de 1887, o precoce Zé Américo já começou a prenunciar uma polivalência de atributos de que seria um dos mais renomados literatos, políticos e humanistas do cenário nacional. Aos 19 anos, começou a demonstrar vocação literária; aos 21 anos, concluiu o curso de Direito; aos 24 anos, foi nomeado procurador-geral do Estado da Paraíba e, aos 36 anos, publicou o primeiro livro: *A Paraíba e Seus Problemas* (1923). Em 1928, lança a obra “A bagaceira”, romance que seria a pedra fundamental de um próspero e pródigo movimento literário brasileiro, que seria rotulado como Regionalismo.

Talvez inspirado em Franklin Távora, autor de “O cabeleira”, 1876, o primeiro romance a abordar o sertão e o cangaço; mesclando com as ideias modernistas que vinham do sul do país, Zé Américo construiu um produto 100% genuíno, que foi sintetizado, com muita propriedade, pelo blog Paraíba Criativa da seguinte forma:

“... *Bagaceira* acompanha a trajetória de famílias sertanejas que, arruinadas pela grande seca de 1898, migram para a zona da mata em busca de sobrevivência. A narrativa se desenvolve a partir da relação entre a retirante Soledade e o jovem de engenho, de nome Lúcio, em meio ao ambiente decadente dos engenhos de açúcar.

*O livro se estrutura em duas forças principais: a tragédia humana causada pelo clima e a crítica social à ordem patriarcal dos engenhos. A história desenha um Nordeste dividido entre poder e miséria, mostrando como as secas, exploradas como mecanismo político e econômico, moldam vidas, deslocamentos e sofrimentos coletivos...*

*O estilo de José Américo mistura linguagem direta, denúncia social e forte dimensão psicológica, abrindo caminho para uma nova forma de representar a realidade nordestina no romance brasileiro.*

*O livro colocou a Paraíba no centro do cenário literário nacional, Até então, a produção romanesca do estado era vista como periférica; José Américo inaugura um momento em que a Paraíba se projeta como espaço de pensamento literário inovador, crítico e esteticamente relevante.*

*A paisagem, as secas, os engenhos e a estrutura social apresentados no livro são elementos profundamente conectados à história paraibana. José Américo não apenas ambienta a narrativa na Paraíba, ele transforma o estado em símbolo das contradições do Nordeste: entre opulência e ruína, tradição e modernização, poder e precariedade.”*



**P**ronto. O livro era/é tão bom e tão representativo no que tange ao realismo nordestino, que começou a atrair à atenção de jovens e promissores escritores da região, como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, para citar os mais famosos. A comporta foi aberta e o Brasil do Sul receberia uma enxurrada de livros de grande inspiração que abordavam a vida dura e seca nas terras setentrionais, consubstanciando aquilo que viria a ser chamado de “Regionalismo”.

“*A bagaceira*” recebeu elogios de **Guimarães Rosa**: “... José Américo de Almeida — que abriu para todos nós o caminho do romance brasileiro.”

De **Gilberto Freyre**: “... um livro renovador até da língua literária e também explosão de que o escreveu sensível às circunstâncias sociais; e exprimindo um desejo, no caso nada demagógico, de influir sobre o social; de denunciar desajustes socialmente dramáticos; e assim fazer por sentir-se parte de nós regionalmente brasileiro.”

De **Otto Maria Carpeaux**: “O número de referências bibliográficas não dá ideia suficiente do êxito e da importância d’*A bagaceira*, romance que abriu nova fase na história literária do Brasil.”

Pena que José Américo de Almeida não produziu outras obras do mesmo naipe, preferindo trilhar o caminho da política, onde chegou a se candidatar a presidente numa eleição que não viria a acontecer (1937).

Teve vida longa e plena de êxito. Faleceu em 10 de março de 1980, em João Pessoa-PB, deixando para a história da cultura brasileira um dos mais importantes legados.



\* \* \*

**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.





ebook

# Cresça seu canal do YouTube estrategicamente

Um ebook (livro digital) com as estratégias usadas por um YouTuber para alcançar mais de 200 mil inscritos. Contém análises reais, gráficos, dicas, testes e checklists.

Aprenda a estruturar Shorts que prendem atenção, dominam o algoritmo e transformam views em inscritos.

Para saber mais, acesse <https://www.auraspace.com.br>

# CONCEITO DE ABSURDO

*Por Mirian Menezes de Oliveira*

Inominável é o que transborda e não tem nome.  
A saudade dolorida que aloca o peito...  
A angústia que, ao coração, esfola e consome.  
Inominável é adjetivo imperfeito!

Pode ser substantivo, verbo, ou pronome!  
Inominável é palavra com defeito...  
Sentimento estranho, sem nome ou sobrenome.  
Sentimento duro, de difícil conceito!

E eis que, no íntimo, inominável é o sentir...  
Inominável é a tristeza que arrebatava...  
Inominável é a incerteza do porvir...

É a dor que sangra e, por vezes, quase mata...  
É a humana capacidade de destruir  
e se autodestruir em qualquer tempo ou data...

**Mirian Menezes de Oliveira** é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



# Tempo de *recolher* as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.



Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la!



Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

INVISÍVEL

*O amor é  
invisível, inevitável,  
invencível.*

*Uma única alma  
habitando dois corpos.*

INEVITÁVEL

*Roda, Fortuna!  
Roda, Samsara!*

# O AMOR É EGOÍSTA *baby*

*(não se engane)*

DESTINO

*O amor permanece  
guardado em pastas  
perfumadas.*

OXIGÊNIO

MEMÓRIA

*Com quem você  
sonhou na noite  
passada?*

CLARISSA XAVIER MACHADO

*“Uma única alma  
habitando dois corpos.”  
(Aristóteles\*)*

São essas histórias de amor em que ninguém acredita. Essas histórias que parecem contos de fadas, e às vezes, nada mais são do que contos da vida real levemente modificados para que “qualquer semelhança seja mera coincidência”. Essa literatura de amor ficcional que todos juram detestar porque é tudo irreal, ainda que o Dr. Brian Weiss nos ensine que *só o amor é real*. Então, quem tem razão? Certamente, a *Navalha de Occam*: as canções mais cantadas são as de amor *red string of fate* e os filmes mais assistidos são os de amor *lost and found*.

*“Tantas vezes, tivemos que estar separados  
E sinto que apesar da distância  
Sentimos o mesmo em qualquer momento  
Nada pode fazer-te esquecer  
Que percorremos o mesmo caminho  
E as coisas que fizemos foi porque  
Queríamos estar de novo neste lugar.”  
(Diego Torres, Tratar de Estar Mejor)*

Canções são cartas de amor e cartas de amor, como disse Fernando Pessoa, são ridículas. No entanto, todos nós, no fundo, as amamos e apenas fingimos que detestamos, talvez porque amar incondicionalmente, no nosso mundo contemporâneo, soe como um traço de fraqueza, covardia ou burrice. Quando, na verdade, é todo o contrário. Há que se ter coragem para, contra tudo e contra todos, assumir para si mesmo e para o mundo um amor transcendental. Porque só sabe o quanto dói estar apartado do amor real quem vive essa situação. Só a própria pessoa sabe os pensamentos e, acima de tudo, os sonhos que tem - dormindo ou acordado. Logicamente, se alguém perguntar... Boca de siri e dedos cruzados. Sorte ou...

O amor permanece guardado em pastas perfumadas como uma coleção *geek and need* em que memórias são revisitadas quando mensagens subliminares são lançadas aos quatro ventos. É que o subconsciente é desprovido de dualidades e racionalidades, e assim, quando ninguém vê... Ops, *me escapuliu!* E a culpa é toda dele, desse tal de amor verdadeiro, quem mandou ele ser assim tão coisa de novela? De filme. De livro. De poeta. De louco. De bobo. Hum. Que grande *wheel of excuses, hein, Mr. Parker!*

*"A goldfish emergency"*

Roda a roda que a gente escolhe (piadinha infame). Roda, Fortuna! Roda, Samsara! Que a gente faz de conta que acredita que o livre-arbítrio existe e que quem escolheu foi a gente. *Freeze!* Tempo quantizado. Só o passado existe! O que guardamos mesmo na gavetinha? Ah, claro... o bom e velho *Querido Diário* com aquela antiga máxima em letras garrafais e coloridas: “uma mentira contada mil vezes torna-se uma verdade”. Que beleza: temos tudo sob controle. Tudo planejado. Seremos “pessoas novas” e seguiremos sem nunca mais olhar para trás. E temos dito! E cantamos: *We are the champions, my friend!* Ponto final. Fim de papo. E de história. E de ciclo. Todos convencidos (exceto Deus, talvez). A questão é: até quando a alma suportará viver nesse *loop* temporal (e infinito)?

*“Uma vida planejada é uma vida limitada, meu amigo.  
Ela pode ser suportada. Porém, não pode ser vivida.”*  
(A Morada da Sexta Felicidade, 1958)

Dizem que o amor é generoso, que é bondoso e caridoso - e é sim, essa é a mais pura verdade!! Confesso - o amor é tudo isso e, quiçá, até muito mais, contudo só pra ele mesmo, porque, afinal de contas, o amor é um baita egoísta! Eu sei, eu sei, isso parece demasiado hiperbólico. E dramático. E pessimista. Concordo em gênero, número e grau. Ocorre que o amor nos faz perder o prumo, tira os nossos pés do chão, nos faz vagar sem rumo, arrasa o coração, derruba todas as certezas, nos faz tremer na base e tudo o que a gente acha que escolheu - esquece - a gente não escolheu nada - é ele, o amor, que escolhe tudo - tudo - e: não pergunta nada!! É ou não é?

### **QUESTÃO DE PROVA:**

É possível viver longe de quem a gente ama? Por quanto tempo?

### **QUESTÃO DE VESTIBULAR:**

O que sente alguém que passa a vida inteira sonhando com quem não está?

### **QUESTÃO DE VIDA (OU MORTE):**

Defina amor verdadeiro.

**SLAM!**

**o amor não é  
um conto qualquer,  
o amor é...**

o amor é

invisível  
inevitável  
invencível.

**oxigênio.**

o amor é  
um fio  
entrelaçado  
amarrado.

**(um) gênio!**

quem inventou  
o amor pensou  
em tudo.

**homogêneo.**

pobre de quem  
tentar fugir  
ou insistir em mentir.

**(cuidado) nitrogênio!**

amor  
reprimido  
uma hora vai

**EXPLODIR!**

Com quem você sonhou na noite passada?

— Fantasma

Com quem você sonhou na noite passada?

— Assombração

Com quem você sonhou na noite passada?

— Pesadelo

Será?

— Ora, ora, que sei eu? Nadica de nada!

**SLAM!**

O amor apareceu  
em um ônibus  
O amor entrou  
um dia em tua casa  
O amor tem  
a cor do teu cabelo  
alvo que continua  
em minh' alma, *bas-kol*  
mas foi você que me viu,  
a tua mais fiel antítese, *Zivug*  
E o amor aconteceu  
todos os dias  
depois do dia  
que entrou em tua casa  
e deitou em tua cama  
o amor nunca foi  
embora desde que  
viajou contigo

**Oi, quanto tempo!**  
**Oi, faz tanto tempo!**

O amor nunca mais saiu  
dessa casa que chamas  
de coração  
que ventila  
ora fibrila  
mas que perigo  
foi viver  
esse tempo  
longe de alma  
longe do coração  
mas que perigo  
a visão noturna

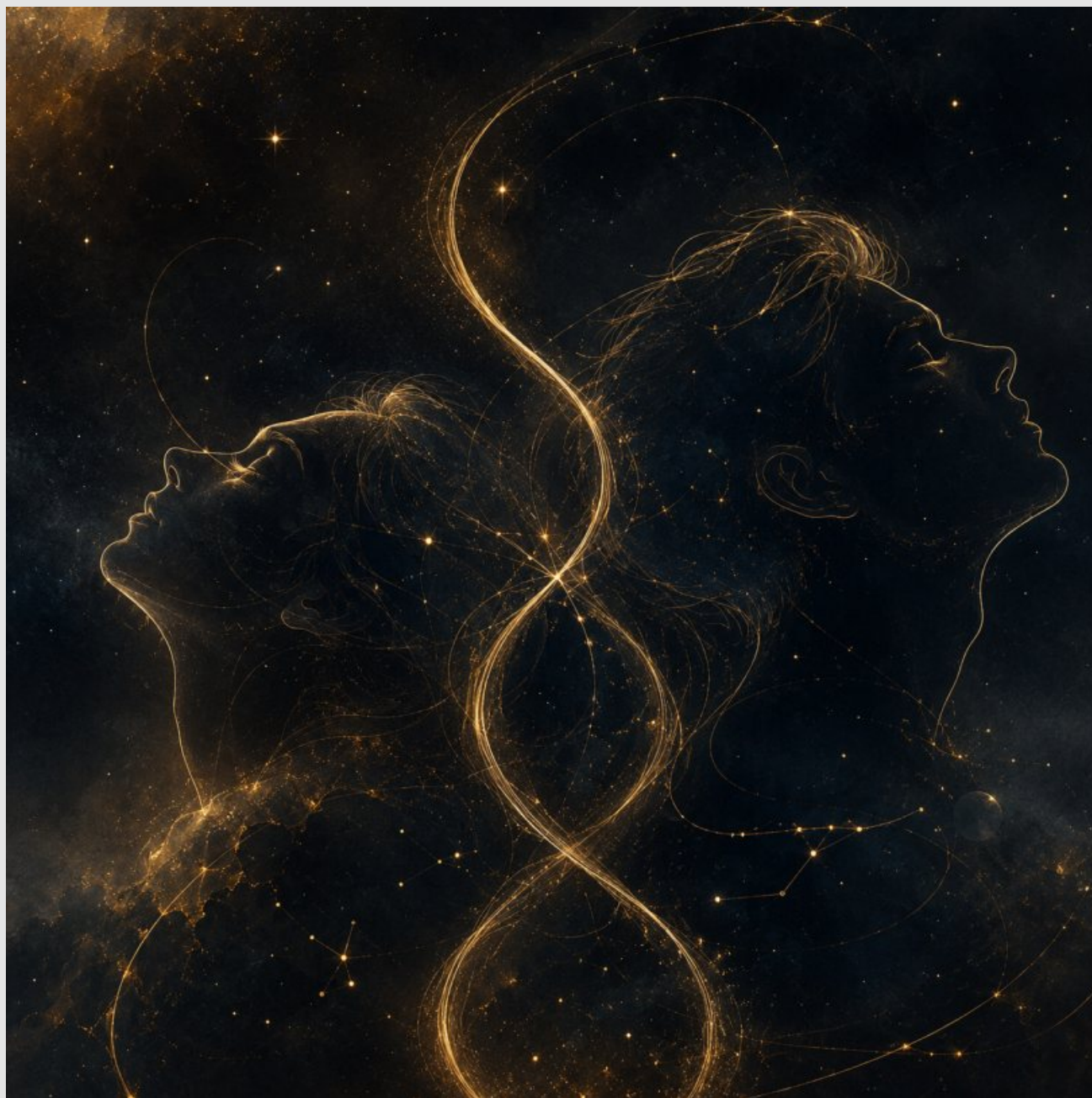
ocitocina  
oxigenação  
vibração  
fibrilação  
compressão  
com pressão  
no coração

**ei, por favor!**  
**ei, me faz um favor!**

respire  
acorde  
desperte  
você está aí?  
você está bem?  
100  
120  
respire  
fique comigo  
*amor amarillo*  
100  
120  
respire  
1, 2,3  
coragem  
seja forte  
o amor está vivo  
você está vivo?  
faz de conta  
contos de fadas  
afinal de contas...  
*Kiss of life.*

Epa! Isso é amor ou isso é poesia? Mas amor é ou não é poesia? *Ora pro nobis...* Pois não importa o que a gente faça, o amor é sempre muito egoísta e não move um dedo para mudar o que já está.

*{effatá, effatá, effatá}*



**\* Frase atribuída a Aristóteles, via Diógenes Laertius, historiador e biógrafo.**

**Sobre a autora:** Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução, Literaturas Brasileira e Inglesa, e Neurociências da Educação. Autora dos livros “Pelas Águas de São Lourenço”, “São Lourenço, Cidade da Gente”, “Buen(os) Aire(s)” e “A Voz de Nhá Chica”. É Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário e da Cultura de Paz.

REVISTA

# CONEXÃO

## Literatura

LEITURA QUE CONECTA. HISTÓRIAS QUE FICAM.



NOSSA REVISTA  
VIAJA NUM  
SEGUNDO ATÉ  
VOCÊ. ELA  
TAMBÉM VIAJA  
NO TEMPO.



Desde 2015 no ar,

trazendo com carinho e dedicação dicas para leitura, entrevistas com escritores, contos, poemas, crônicas e muito mais. Feita por nerds especialmente para você.

LITERATURA É:

VIDA



ARTE



TEMPO



DE PRIMEIRA NECESSIDADE!



“

Ler é viajar sem sair do lugar e voltar transformado.

*Conecte-se com boas histórias.*

ACOMPANHE, LEIA, COMPARTILHE!

AQUI, CADA PÁGINA ABRE  
PORTAS PARA NOVOS MUNDOS.



REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

# PADRE SPADONI E O CAVALEIRO FANTASMA

• CORDEL DE ADEMIR PASCALE •

Na estrada da lua fria,  
Veio um vulto a cavalgar,  
Era o Cavaleiro Fantasma  
Fazendo o povo assustar.



Seu cavalo negro e magro  
Levantava o poeirão,  
E por onde ele passava  
Só deixava aflição.



Padre Spadoni soube logo  
Da assombração sem igual,  
Pegou cruz, água-benta  
E seu velho ritual.



Na encruzilhada deserta  
Travou-se a grande peleja,  
O fantasma urrava forte,  
Mas tremeu diante da igreja.



Com fé firme e voz serena,  
Spadoni o fez recuar,  
E expulsou daquelas terras  
Quem só vivia a penar.



## ★ SOBRE O AUTOR ★



Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural, criador e Editor da Revista Conexão Literatura, Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro).

Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de São Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado de Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer" de Medo" e outras.

✉ Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# PADRE SPADONI E O DEMO DA ENCRUZILHADA

• CORDEL DE ADEMIR PASCALE •

Na curva da encruzilhada,  
onde o mato faz arrudeio,  
dizem que tinha uma sombra  
dando susto em cabra feio.  
Quem passava ali de noite  
voltava rezando e meio.



Chamaram Padre Spadoni,  
homem sério, mas ligeiro,  
que enfrenta até coisa ruim  
sem tremer o corpo inteiro.  
Veio só com sua cruz  
e um olhar meio matreiro.



Deu meia-noite na hora,  
veio um vento malcriado,  
a tal sombra apareceu  
feito bicho endemoniado.  
Mas o padre deu um passo:  
— “Oxente, saia, apressado!”



Levantou o crucifixo,  
resmungou uma oração,  
a sombra deu um estalo  
e sumiu pelo grotão.  
Dizem que até pediu desculpa  
antes de virar poeirão.



Hoje o povo até se ri  
quando fala do ocorrido:  
— “O tal demo da estrada  
saiu foi bem corrigido!”  
Mas ninguém dá muita chance...  
melhor nem cutucar o perigo.



## ★ SOBRE O AUTOR ★



Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural, criador e Editor da Revista Conexão Literatura, Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro).

Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de São Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Organizador do livro “Possessão Alienígena” (Editora Devir) e “Time Out – Os Viajantes do Tempo” (Editora Estronho). Entre a organização de suas antologias, estão os títulos “O Legado de Edgar Allan Poe”, “Histórias Para Ler e Morrer” de Medo” e outras.

✉ Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



# REVISTA CONEXÃO LITERATURA



# A Baía e o Mar

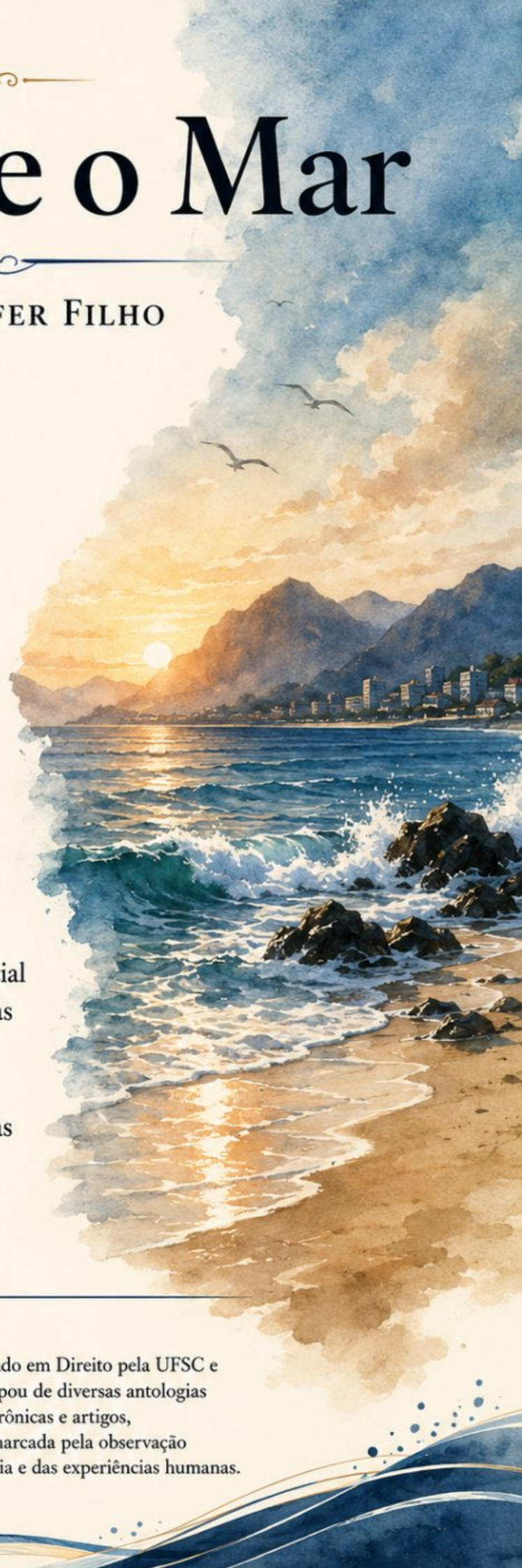
---

RAUL SCHAEFER FILHO

quando na baía de norte vadiando  
o sopro desse nordeste insano  
fez grudar em meu corpo o teu sal  
encrespando-te, ó mar desse lugar!  
formando um creme em tuas franjas  
a surrarem pedras afogadas

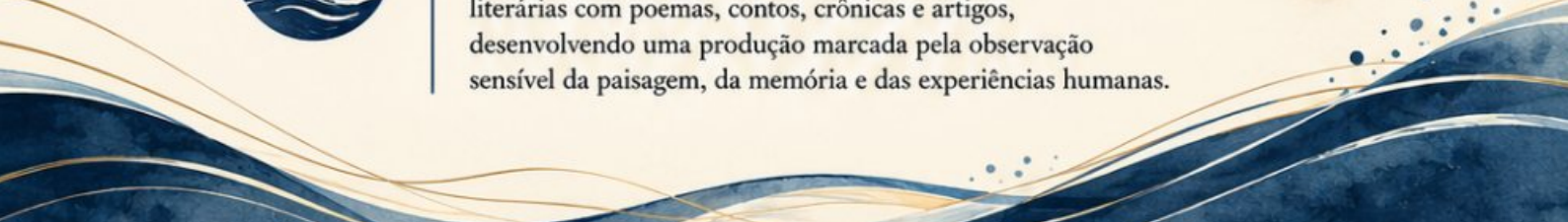

no horizonte o recorte dos montes  
ocultam uma chama avermelhada  
querendo cuspir um fogo do céu  
refletindo em teu espelho líquido  
e tu, mar, vens oscular as alvas areias  
deixando nelas tua saliva espumosa

e o nordeste que enrosca teu sossego  
enxota os peixes aninhados em dança marcial  
como a escapar de escatológicas substâncias  
largadas nas curvas da terra que te cerca  
insistindo em te conter  
enquanto cruzas fogo as pontes divisórias  
da ilha e do continente  
e eu, teimoso, banhado em salitre  
te contemplo em minha baía.



## SOBRE O AUTOR

**Raul Schaefer Filho** é formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis. Participou de diversas antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos, desenvolvendo uma produção marcada pela observação sensível da paisagem, da memória e das experiências humanas.





# Centelha




RAUL SCHAEFER FILHO

na hipnose da iluminura da fogueira  
os cílios cintilam  
e brilham na sombra da noite  
que a mancha estigma  
e a navalha afasta, risca  
o sangue que se desespera

na fadiga do tempo que se entrega  
enquanto bolhas murchas envolvem  
os espinhos da roseira, não ferem  
molham  
as faces rubras da razão  
que se esvaem nos sonhos  
tenebrosos pólenes gestacionais  
da vida voando em círculos  
espatifando-se junto ao espelho descuidado  
sem nenhum reflexo, nem retrato

por entre as chamas da fogueira nua  
olhos perscrutam fantasmas  
que já abandonaram a festa  
desertificando as entranhas da emoção  
que, distraída, canta em comoção  
para ser nenhum ouvir  
na Lua da rua, sentir  
o fogo ardendo em gás neon  
ocultando-se da tormenta de estrelas  
colorindo em quedas o céu da Terra  
que os cílios insistem em cintilar.



**Raul Schaefer** formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis, tendo participado de várias antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos.



# CONHEÇA A ONG

## CÃO SEM DONO

SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA

SAIBA MAIS:



[www.caosemdono.com.br](http://www.caosemdono.com.br)



Adote amor,  
mude vidas!



@CAOSEMDONO.OFICIAL



WWW.CAOSEMDONO.COM.BR



Série GARÇAS BRANCAS E EU



# Estou Atrasada

Por Sellma Luanny

Num mais cedo alvorecer  
rumo à primavera, duas  
graciosas e alvas garças  
no seu retorno ao ninho.

Ao sentar-me para as apreciar  
no seu voo matinal, atrasada  
estou... já alto voam... poucas  
mas, o bastante para o alento.

E mais uma... e outra... voltam.  
Acompanham o alvorecer,  
mesmo sem o luminoso sol.  
Naturalmente, para elas, já é dia.

Série GARÇAS BRANCAS E EU



# A Se Repetir

Por Sellma Luanny

Amanheceres que se repetem  
num estender igualmente cinza.  
Não há belezas à vista...  
além do voo das belas garças.

Novamente à espera estou... à janela.  
Contemplando este triste cenário  
e com alívio e pensando nelas,  
a primeira alça-se ao denso espaço.

Hoje, com possibilidades de leve  
chuvisco, mas sem promessas...  
a insuficiência para o ar, limpar.  
É o continuar sem garantias.

E elas no seu voo certo e diário  
não sabem de promessas nem do  
descumprimento delas, de benesses  
ou do peso da sua existência.

Série GARÇAS BRANCAS E EU



# Belas e Raras

Por Sellma Luanny

À janela em mais um amanhecer, uma solitária branca garcinha a voar, admiro. O contraste com a cinzenta vista, medonho. E ela a já retornar do seu solitário voo.

As belas no que o meu horizonte enquadra, raras... Comandam-nas os instintos na diversificação da procura. E mais duas a ir e duas a voltar.

E novamente a ausência... Sem o quê admirar, ou a quê mais me ligar, desligo-me da tela. A imagem que mais me une ao contínuo, impotente sou para voltar a tê-la.





# Não Se Atrasam

Por Sellma Luanny

Mal se vê o clarear da alvorada  
e lá estão a voar... rumo à sua meta.  
Hoje, céus mais densos, além do ar...  
Pesadas nuvens são avistadas.

Mas é pleno nos naturais, o ciclo solar.  
O iniciar de mais um dia, a tudo marca.  
Lá vão as garças e todos os diurnos...  
Turbulências no ar e na água, vencem.

E eu, na minha redoma, resguardada  
observo e retomo a minha pena...  
Convulsa internamente, mas placidamente  
a bebericar o meu café da manhã.

.....  
Nota de rodapé: décima quarta parte da série  
GARÇAS BRANCAS E EU (partes a serem  
publicadas mensalmente, nesta revista).

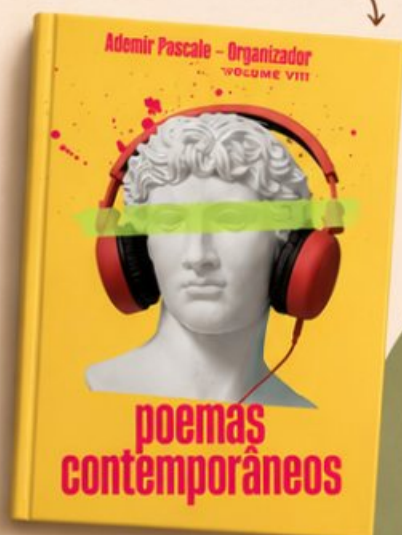
#### Sobre a autora:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. “Menção Honrosa” com os poemas “Os Celtas E Eu” e “Pelos Povos” em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

# DICA DE Leitura

Histórias que inspiram, ensinam e transformam!

Para sua  
mente



Poemas que tocam,  
despertam e convidam  
à **reflexão sobre o  
mundo e sobre nós.**

Para seu  
coração



Versos que acolhem,  
curam e celebram  
**a beleza da vida  
e das emoções.**



Acesse o site  
[www.divulgalivros.org](http://www.divulgalivros.org)  
e baixe os e-books  
**gratuitamente!**

Leia mais,  
Viva melhor.

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA  
NOVA EDIÇÃO



CLARICE LISPECTOR

VIDAS SECAS

GRACILIANO RAMOS  
GRACILIANO RAMOS

A HORA DA ESTRELA  
CLARICE LISPECTOR

leituras  
transformam

# A VIDA EM GOTAS 1

**João Carlos José  
Jaff Silva**

## **JOÃO CARLOS JOSÉ**

O futuro não se sabe  
Hoje é o que é  
O passado ainda cabe  
Na memória de vocês

## **JOSÉ JOÃO CARLOS**

O futuro é um sonho  
Os dias idos são claros  
O hoje é risonho  
Mas pode ser medonho

## **CARLOS JOSÉ JOÃO**

Teu hoje morreu  
O ontem é escuridão  
O amanhã não nasceu

## **JOÃO NÃO É JOSÉ**

José nunca foi Carlos  
Carlos não será João  
João Carlos não é  
Carlos José  
José Carlos não será  
Carlos João não  
Será?



**OUÇA A MÚSICA:  
CLIQUE AQUI**

## **JAFF SILVA**

(pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física.

Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG.

Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura.

Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>).

Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial.

Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).

REVISTA  
**CONEXÃO**  
LITERATURA

# PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA

# AUTORES

PROMOVA O SEU LIVRO COM A GENTE!

*Quer divulgar seu livro para*  
**MILHARES DE LEITORES?**



AUMENTE SUA  
VISIBILIDADE



PROMOVA  
SEU LIVRO



CONQUISTE NOVOS  
LEITORES

PACOTE DE DIVULGAÇÃO  
POR APENAS

**R\$ 180,00**

ENTRE EM CONTATO



E-MAIL:  
[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



[revistaconexaoliteratura.com.br](http://revistaconexaoliteratura.com.br)



PALAVRAS  
INSPIRAM.  
DIVULGAÇÃO  
TRANSFORMA  
LEITORES EM  
FÃS.



“ UM BOM LIVRO  
MERECE SER LIDO.  
E DIVULGADO!



# Ela

Por Mónica Palacios

**E**ra tão especial, tão querida e admirada quanto curiosamente observada por todos.

Ninguém podia sequer sugerir um desejo que ela o realizava; um projeto, colaborava; um sonho, sonhava junto.

Nas suas longas horas de meditação ou leitura, era envolvida por uma bolha e ficava extasiada, quase lá.

Registrava os sonhos, pintava alguma imagem que surgia e até escrevia uma poesia.

Não foi possível para ninguém penetrar nem compartilhar esse mundo tão íntimo, e isso a levou a provocar um isolamento ainda maior.

As temáticas prediletas eram sobre a versatilidade e a magia das palavras. Gostava de as misturar sem pretensões de criar neologismos, mas apenas as agrupava pela sonoridade. Cantava-as e repetia-as até chegar à perfeição, para além do sentido.

Tinha feito cursos de iluminuras e decorava, assim, as letras maiúsculas de cada parágrafo. Como pode alguém ter tantos dons? Pergunta escutada até pelos seus próprios familiares.

Claro, não faltou o guru da cidade que a considerou uma alma velha, ou a curandeira do bairro, que insinuou tê-la visto possuída por onças, como anestesiada por ervas e raízes celestiais. Tudo relativo.



Ah! Tinha uns cinco canários, livres e inquietos. Pareciam compartilhar os seus gostos e conseguiam conversar longamente. Por momentos, os sons dela e dos canários pareciam trocados. Sons que embrulhavam segredos e até construíam sonhos que ela fazia questão de presentear.

Sua mãe nos contou que, nos dias de inverno rigoroso, quando não conseguia nem sair à rua, incluía horas de tear e se inspirava com músicas lânguidas, quase mantras.

Alguém tão especial, imaginamos, que comeria ar ou suspiros. Nada disso. Não desprezava um salmorejo, um cozido de polvo e até uma carregada sangria. Esse menu parecia lhe trazer emoções distantes.

A cozinha nunca a entusiasmou; seus dons estavam na alma e ela os projetava manualmente.

A sua paciência era tamanha que não resistia a escalar uma montanha e voltar a visitar a torre em ruínas — quantas vezes fosse preciso.

A pergunta, querido leitor, é: e isso tudo acaba como? Para quê? Qual é o resultado? Qual o objetivo?

Nem sempre é possível encontrar respostas, e muito menos quando estamos diante de alguém tão particular.

Sem dúvida, o seu tempo não se mede pela utilidade, mas pela emoção de alguma forte lembrança amorosamente protegida.

---

Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. *Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro* e *Medos, nunca mais*. Livro de Crônicas: *Crônicas da presença*. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de *Elos da Língua Portuguesa* dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: *Nossos contos* e *O vento nas esquinas*. Publicou, em coautoria a *Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol* pela Editora Scipione.



CANAL CONEXÃO NERD

# 1 MINUTO DE TERROR

HISTÓRIAS CURTAS.  
SUSPENSE REAL.  
ARREPIOS EM  
60 SEGUNDOS.

COM

ADEMIR PASCALE



CLIQUE E ASSISTA  
AO PRIMEIRO VÍDEO  
DA SÉRIE



SE VOCÊ TEM  
CORAGEM,  
O TERROR TEM  
1 MINUTO.



WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

# 10 MAIORES MISTÉRIOS DA LITERATURA

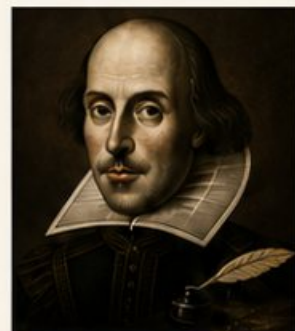


## 1 ONDE ESTÁ O REI ARTHUR?

A lenda do Rei Arthur e de Camelot intriga gerações. Teria ele existido de verdade ou é apenas um mito?

## 6 QUEM ESCREVEU SHAKESPEARE?

Há teorias que questionam se William Shakespeare foi realmente o autor das obras atribuídas a ele.



## 2 QUEM É O DONO DE MANDERLEY?

Em "Rebecca", de Daphne du Maurier, a identidade do verdadeiro dono da mansão Manderley nunca é revelada com clareza.

## 7 O QUE ACONTECEU COM O CORONEL AURELIANO BUENDÍA?

No final de "Cem Anos de Solidão", de Gabriel García Márquez, o destino do coronel permanece envolto em mistério.



## 3 QUEM FOI JACK, O ESTRIPADOR?

O assassino que aterrorizou Londres em 1888 nunca foi identificado, e até hoje sua verdadeira identidade é desconhecida.

## 8 COMO TERESA FOI PARAR NO SÉCULO XX?

Em "A Hora da Estrela", de Clarice Lispector, a origem e a vida de Teresa antes de chegar ao Rio de Janeiro são um grande enigma.



## 4 ONDE ESTÁ O SANTO GRAAL?

O cálice usado por Jesus na Última Ceia seria dotado de poderes misteriosos. Até hoje, ninguém sabe onde está.

## 9 O QUE HÁ DENTRO DO BAÚ DE TOM BOMBADIL?

Em "O Senhor dos Anéis", de J.R.R. Tolkien, o conteúdo do baú de Tom Bombadil jamais foi revelado pelo autor.



## 5 COMO SHERLOCK HOLMES SOBREVIVEU À CACHOEIRA?

Em "O Problema Final", o detetive parece morrer ao cair nas águas de Reichenbach. Mas ele retorna em outra história. Como?

## 10 EXISTE MESMO O MANUSCRITO DE VOYNICH?

Um livro ilustrado escrito em uma língua desconhecida, que ninguém consegue decifrar até hoje.



# ENTRE A INCERTEZA E A ESPERANÇA

ADRIANO ROSA DA SILVA



Que nasça do risco o caminho,  
da incerteza a compreensão,  
não do rigor dos velhos muros,  
mas da vida, da doce inspiração.



Não basta trocar conceitos,  
nem reformar a razão,  
é preciso que o sujeito  
mergulhe na vida com paixão.



Sentir-se parte integrante,  
da matéria e da canção,  
da memória dos esquecidos,  
da criança e sua invenção.



Sentir o peso da história,  
o clamor da multidão.  
Sentir a beleza da floresta,  
o futuro da nação.



Somos barro biodegradável,  
somos sonho e construção,  
somos corpo, somos palavra,  
somos narrativa e narração.



Ninguém aprende pelo outro,  
nem transfere vocação,  
o saber brota de dentro,  
feito semente no chão.





**Nasce da inquietação primeira,  
da pergunta, da argumentação,  
da curiosa travessia  
que alimenta a reflexão.**



**Religar é mais que unir,  
é tecer compreensão,  
é encontrar entre os fragmentos  
os caminhos da conexão.**



**Há em nós uma ponte antiga,  
uma secreta aptidão:  
sentir no outro a própria alma,  
reconhecer sua pulsação.**



**Se chamamos de berçário  
uma estrela, uma constelação,  
é porque vemos no universo  
um reflexo da humana condição.**



**De quem nasce e se descobre  
na aventura da expansão,  
ligando mundos distintos  
pela força da imaginação.**



**Mas o tempo nos ensina  
que distinguir não implica divisão,  
o diverso pode conviver  
na mais profunda união.**





**Disso a ecologia nos recorda  
numa simples percepção:  
nada vive isoladamente,  
tudo existe em relação.**



**Também o humano é mistura,  
paradoxo e contradição,  
sabedoria e desatino,  
habitam o mesmo coração.**



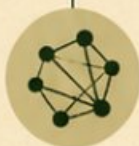
**Somos ternura e tempestade,  
silêncio e revolução,  
singulares e coletivos  
na mesma constituição.**



**Por isso a mudança verdadeira  
ousa recriar a educação,  
construir novos cenários  
repartir e partilhar o pão.**



**Compartilhar experiências,  
esperançar, ampliar a visão,  
transformar vidas em pontes,  
afetos em comunhão.**



**Que aprendamos a viver  
na beleza da conexão,  
reconhecendo que a autonomia  
nasce da interdependência em união.**





E que o mapa do futuro,  
aberto à participação,  
seja escrito por muitas mãos,  
em permanente construção.



Uma nova educação desponta  
como aurora em gestação,  
será obra de nossa coragem,  
como princípio e direção.



O restante pertence ao acaso,  
à surpresa da criação:  
entre a incerteza e a esperança  
segue viva a transformação.



## ADRIANO ROSA DA SILVA

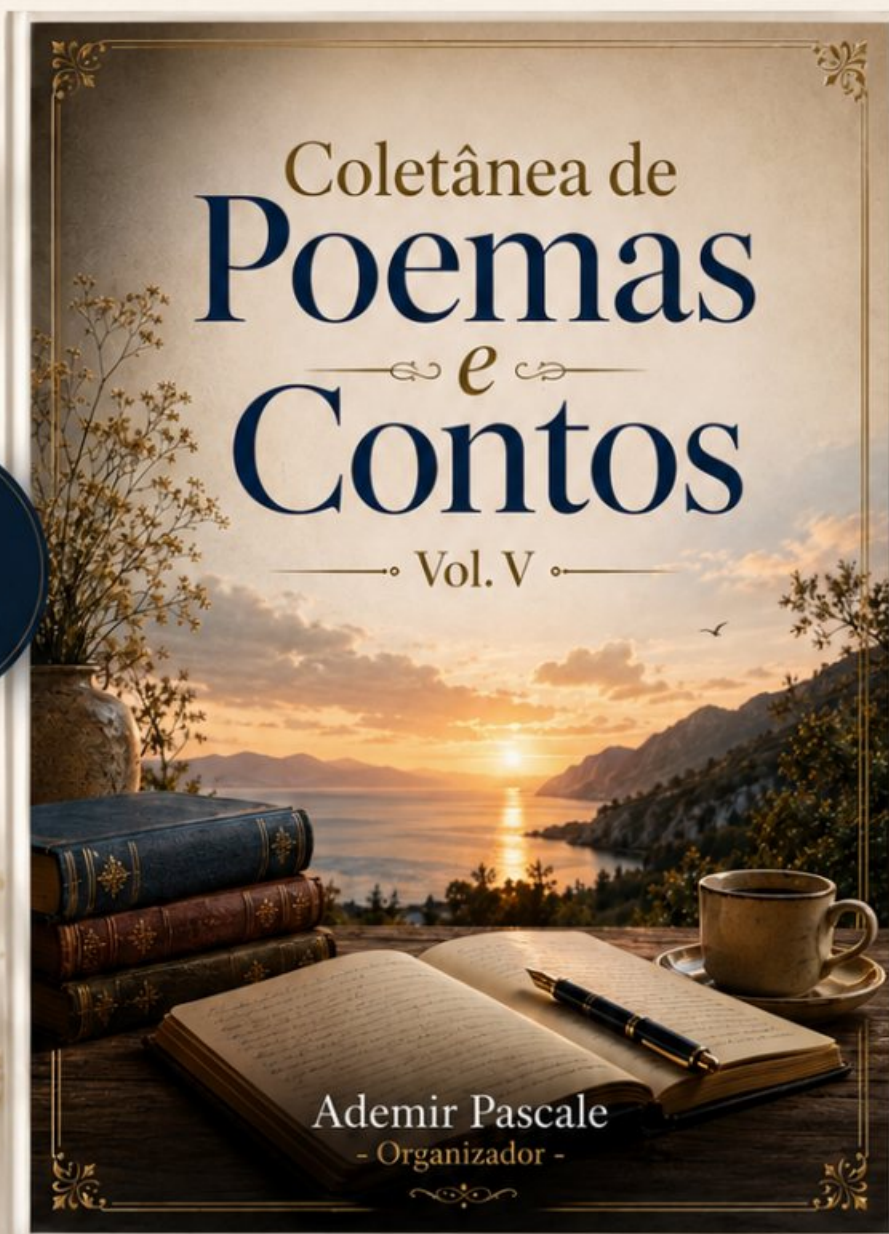
é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

 URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# COLETÂNEA *de* POEMAS E CONTOS

VOL. V



Sua voz,  
eternizada  
nas páginas.



Participe e  
compartilhe  
sua arte.



Conecte-se com  
leitores e  
autores.

SAIBA MAIS:  
CLIQUE AQUI

# CORDA BAMBBA:

## Análise da Personagem Maria

POR MAX MOREIRA

**C**orda Bamba conta a história de Maria, uma criança perfeitamente normal para a sua idade, que teve sua infância tumultuada por dois motivos: O seu “rapto” pela avó Dona Maria Cecília Mendonça de Melo, e a morte de seus pais.

Dona Maria Cecília, com a sua prepotência e arrogância, achava que seu dinheiro podia comprar tudo, até mesmo a felicidade de sua neta. Essa prepotência fica fortemente exposta no trecho a seguir, quando Dona Maria Cecília, por ser contra o casamento de sua filha Márcia com Marcelo, um reles pintor e ex-equilibrista – para ela – quer comprar o rapaz, em troca dele nunca mais ver sua namorada: “— Eu dou um dinheiro pra ele e ele te esquece” (p.73). Pouco depois, Márcia desafia sua mãe, deixando isso ainda mais claro: “— O seu dinheiro só serve é pra isso, não é? Pra forçar todo o mundo a fazer o que a senhora quer. Pra comprar os outros! Será que não chega ter comprado três maridos?” (p.73).

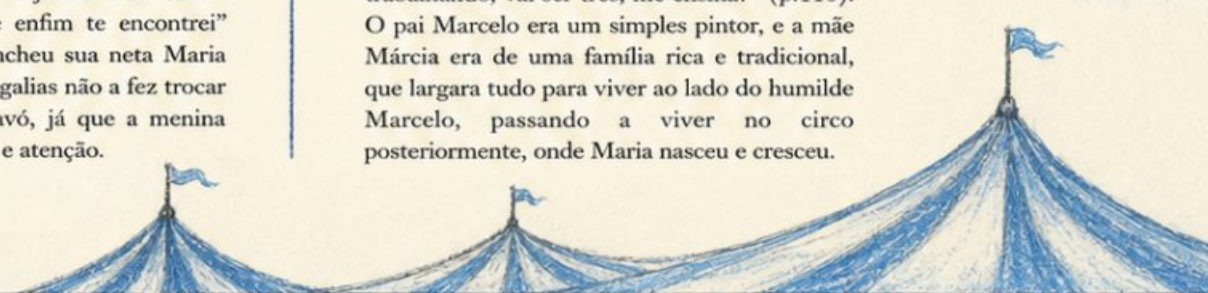
Em certa ocasião, Dona Maria Cecília “rouba” sua neta dos pais, enquanto eles se apresentavam no picadeiro do circo. Márcia e Marcelo procuraram a menina por quase três anos até encontrá-la e, neste trecho em que Márcia fala, fica mais esclarecido o ocorrido: “— Te procurei tanto. Tanto. Mais de dois anos te procurando. Te viram saindo do circo com a tua avó. Corri na casa dela: cadê? Tá viajando. Pra onde? Ninguém sabia. Até que enfim te encontrei” (p.109). Maria Cecília encheu sua neta Maria de presentes, mas essas regalias não a fez trocar o circo pela riqueza da avó, já que a menina queria mesmo era carinho e atenção.

“

**MAS EU QUERO ME EQUILIBRAR NA CORDA. BEM LÁ NO ALTO. VAI SER LEGAL NÓS TRÊS LÁ EM CIMA. ”**

MARIA (P.110)

Depois de três anos após o “rapto” de Maria, seus pais a encontram e, ao retornar ao circo, aprende a andar na corda bamba, habilidade esta exercida pelos pais. Maria expressa claramente seu desejo: “— Mas eu quero me equilibrar na corda. Bem lá no alto. Vai ser legal nós três lá em cima. E aí também a gente ganha mais dinheiro: em vez de só dois trabalhando, vai ser três, me ensina?” (p.110). O pai Marcelo era um simples pintor, e a mãe Márcia era de uma família rica e tradicional, que largara tudo para viver ao lado do humilde Marcelo, passando a viver no circo posteriormente, onde Maria nasceu e cresceu.



**N**o entanto, Maria presencia uma tragédia, na qual teve como vítimas os seus pais, e com este acontecimento, ela se tornou uma criança traumatizada. O trauma provocado pelo choque emocional sofrido perante a morte dos pais fez de Maria uma menina inibida, ou seja, resistente psicologicamente aos sentimentos ou atos.

Pode-se dizer que Maria ignorava completamente as suas lembranças, de forma inconsciente ou consciente, como meio de evitar sofrimentos maiores: ou ela realmente “esqueceu” o ocorrido, ou ela não queria lembrar. Isso surge como uma espécie de defesa psicológica. Em uma conversa entre Barbuda e Dona Maria Cecília, Barbuda menciona isso de forma preocupante: “— Sabe, a gente tá achando que a Maria não lembra de mais nada”. (p.19). Mais adiante, Dona Maria Cecília retruca: “— Mas eu não estou entendendo direito. Você disse que ela dormiu até não poder mais e depois acordou assim calada, não querendo falar em nada do que aconteceu” (p.19-20).

Depois da morte dos pais, Maria ficou com um casal do circo, Barbuda e Foguinho, mas como eles não eram sua verdadeira família, o ideal seria que a menina fosse viver com sua avó. Ao chegar ao apartamento da avó, em um ambiente totalmente festivo, por conta do aniversário de Quico, neto de Pedro, o quarto Marido de Dona Maria Cecília, Maria ficou ainda mais deslocada, pois aquele pessoal era-lhe bastante estranho, até mesmo a sua avó, com quem passara apenas dois anos. Vejamos o trecho a seguir:

“— Quando o elevador parou veio um barulho de festa: criança cantando parabéns pra você, palma, balão estourando, risada. (...) Quando um empregado abriu a porta, deu pra ver, lá no fundo do corredor, um pedaço de salão com mesa de doce, balão pelo ar, flor, papel de seda no chão, e criança pequena, maior, menor, tinha até carrinho de bebê” (p.10).

## “ ELA FALOU QUE QUERIA FICAR SEMPRE NO CIRCO. TRABALHANDO NA CORDA. ERA ISSO QUE ELA QUERIA. ”

(P.21)

O coraçãozinho da menina tremia, ao pensar que teria que ficar longe de seus amigos Barbuda e Foguinho, e ainda ficar longe daquilo que ela mais gostava, o Circo. No fragmento que se segue, isso fica bem exposto: “— Ela falou que queria ficar sempre no circo. Trabalhando na corda. Era isso que ela queria” (p.21).

De repente, aparece uma “luz”, o último marido de sua avó, Pedro, que com um gesto simples, fez Maria ter um momento de alegria, permitindo que ela demonstrasse para todos os presentes, o que ela realmente gostava de fazer: andar na corda bamba. E ela fez tão perfeito que até Barbuda achou que nunca tinha sido tão perfeita, apesar de que fazia um mês que não se apresentava.





Maria ficava muito tempo olhando pela janela do seu quarto. Pensando. Pesando. Ela estava passando por uma situação difícil, ainda mais pelo fato de estar longe de Barbuda e Foguinho, e do circo também. Mas, por outro lado, a pequena equilibrista tinha a companhia de Quico, com quem dividia o quarto, e que se tornou seu amigo de confidências, para quem Maria podia falar de suas angústias e de suas pequenas descobertas. Infelizmente, algum tempo depois, Quico recebeu um telegrama de seus pais comunicando que vinham lhe buscar. Este acontecimento deixou Maria triste. Lembremos que Quico estava passando as férias na casa de Dona Maria Cecília Mendonça de Melo.

Dona Maria Cecília chama uma professora particular para dar aula a sua neta, devido ao fato de que a menina por ter vivido em um circo andando de cidade para cidade, não conseguia acompanhar as crianças de sua idade. Mesmo assim, Maria não consegue aprender direito, por ela ter muito medo de um cachorro da professora Dona Eunice. Esse medo, talvez tenha surgido quando Maria morava com sua avó, e como passava a maior parte do tempo sozinha, apenas dois cachorros lhe faziam companhia. Maria nunca reclamou para com a professora e, como era muito distraída, não aprendia nada. Toda criança gosta de brincar, e como Maria foi criada em um circo, era natural que ela sentisse uma tremenda dificuldade em concentrar-se nas suas atividades. Vejamos o trecho em que Maria menciona o medo de cachorros:

“ (...) E é só um esbarrãozinho de nada que ele [o cachorro] já levanta num pulo e começa a latir com uma voz grossa toda a vida. Eu morro de susto” (p.36). ”

O fato é que com o passar do tempo, Maria percebe que precisa lembrar-se de todas as suas lembranças reprimidas, para só assim desbloquear a sua mente, que a impede de ser uma menina cheia de vida. Em certo momento, Maria vê-se diante de situações que a levam a refletir sobre sua vida e, conseqüentemente, a “lembrar-se de tudo”. Sem perceber, talvez, ela ficava criando situações de descobertas e imaginárias que a levavam a retomar as suas lembranças e pensamentos mais profundos.

“  
O FATO É QUE  
COM O PASSAR DO  
TEMPO, MARIA  
PERCEBE QUE PRECISA  
LEMBRAR-SE DE  
TODAS AS SUAS  
LEMBRANÇAS  
REPRIMIDAS, PARA  
SÓ ASSIM DESBLOQUEAR  
A SUA MENTE.” ”



Maria utiliza-se de uma corda imaginária, ponte que a leva a seguir os vestígios de suas lembranças, para que, com isso, ela possa lembrar-se de tudo que esqueceu, ou quis esquecer. Percebemos esse momento no trecho:

“**POIS É. FOI NAQUELA HORA QUE MARIA RESOLVEU QUE A CORDA IA SER O CALÇADÃO DELA: TODO O DIA DE MANHÃ CEDO ELA IA SAIR PRA PASSEAR. SENTIU O CORAÇÃO BATENDO EMOCIONADO.**”

(P. 48)

A menina viaja através de “flashbacks”, que a levam ao passado, e pouco a pouco, ela começa a lembrar-se de todos os fatos ocorridos, que foram de certa forma esquecidos. Esses flashbacks projetam-se na mente de Maria, simbolicamente, através de “portas”. Este fragmento comprova isso: “(...) Era um corredor comprido com seis portas fechadas. E cada porta de uma cor” (p.71).

Maria vai então abrindo as “portas” do passado:



A primeira porta é branca, e mostra o namoro de Márcia e Marcelo, e a luta dos dois de viver a própria vida; aqui, Maria retoma a história de seus pais, mas lembremos de que ela nem nasceu ainda. As informações são apenas projetadas em sua mente.



A segunda porta é amarela, e mostra o nascimento de Maria, fruto do amor entre Márcia e Marcelo;



A terceira porta é cinzenta, e exhibe o “rapto” de Maria por sua avó;



A quarta porta não tinha cor alguma, e mostra o aniversário de 7 anos de Maria, na qual ela ganhou um presente diferente: uma velha, contadora de histórias. Essa velha conta-lhe, a seu pedido, como sua avó casou com os seus quatro maridos. Após contar a história, a velha comeu tanto, que acabou morrendo engasgada. Maria chorou muito, pois o seu presente “morreu”;



A quinta porta é azul, e exhibe o retorno de Maria para o circo, seu aprendizado da corda bamba e a vida no circo;



A sexta e última porta é vermelha, e mostra a morte de seus pais. Márcia e Marcelo aceitaram fazer o número da corda bamba sem a rede de proteção, bem alto, com o intuito de ganharem mais dinheiro, para pagar as dívidas feitas para procurarem a filha. Infelizmente, foi justamente nessa apresentação que aconteceu a tragédia que marcou a vida da pequena Maria, agora com dez anos.





Assim então, Maria consegue lembrar-se de tudo. Neste trecho, Maria expressa sua alegria, enquanto conversa com Barbuda por telefone:

“ — É QUE . . . ESCUTA . . .  
É QUE . . . EU ME LEMBREI  
DE TUDO, VIU? DE TUDO.  
E AGORA . . . TODO O DIA  
EU LEMBRO DE NOVO UM  
POUCO. PRA IR ACOSTUMANDO,  
SABE . . . BARBUDA! . . . ALÔ?  
. . . ALÔ? . . . ALÔ? . . .  
BARBUDA, VOCÊ TÁ AÍ? . . .  
ALÔ!!! ”

(P.122)

Mas a corda também a leva ao futuro, onde Maria projeta sua esperança e seus pensamentos em novas portas, e fim de preencher os quartos vazios com seus sonhos e aventuras. Só ela poderá escolher. O fragmento seguinte expressa isso perfeitamente:

“ O TEMPO VAI PASSANDO,  
MAIS PORTAS VÃO APARECENDO,  
E MARIA VAI ABRINDO ELAS  
TODAS, E VAI ARRUMANDO  
CADA QUARTO, E CADA DIA  
ARRUMA MELHOR, NÃO DEIXA  
NENHUM CANTINHO PARA LÁ. ”

(P.125)



Como podemos ver, Maria colocará em cada quarto tudo aquilo que ela quiser, e só assim, ser realmente feliz.



## BIBLIOGRAFIA

NUNES, Lygia Bojunga. **Corda Bamba**.  
Capa: Joana Penna. Ilustrações: Regina Yolanda.  
18.ed., Rio de Janeiro: Agir, 1996, 125p.



**Max Moreira**, cursou Letras pela UFCG – PB (Universidade Federal de Campina Grande), possui Curso Técnico em Secretaria Escolar pelo IFPB (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba) e Pós-Graduação em Gestão Pública pela Faculdade Focus. Atua como Técnico Administrativo há mais de uma década. É contista por hobby e possui contos publicados em antologias variadas, assim como alguns textos em revistas literárias.



Somos nossa  
memória, somos  
esse quimérico  
museu de formas  
inconstantes.

J. L. Borges

JORGE LUIS BORGES

ESCRITOR • ENSAÍSTA • POETA

1899 - 1986

“  
O universo  
(nos outros)  
é vasto,  
mas o meu  
é mais vasto  
ainda, porque  
sou eu  
quem o  
sonho.”

Borges nos convida a atravessar os espelhos do tempo, da linguagem e da imaginação. Seus livros são labirintos onde o **infinito** se esconde em cada palavra e o **mistério** é a única verdade possível.

*El infinito no es un hecho consumado, sino una posibilidad.*

*J. L. Borges*

Revista  
**CONEXÃO**  
LITERATURA

“Coloco meu talento a serviço da paz,  
das artes, da humanidade e, sobretudo,  
de Deus.”  
(Clarissa Machado)

Instagram do livro:  
@livroavozdenhachica



# A Voz de Nhá Chica: *a voz da Paz*



-  Livro:  
A Voz de Nhá Chica
-  Autora:  
Clarissa Machado
-  Ilustradora:  
Selma Bajgielman
-  Edição Trilingue
-  Editora:  
Minas Colosso
-  São Lourenço, MG.
-  2025.

“A Voz de Nhá Chica” é um livro trilingue (português, inglês e espanhol) escrito por Clarissa Machado e com ilustrações de Selma Bajgielman que convida crianças, jovens e também adultos do mundo inteiro a conhecer um pouco da vida e da obra da Beata Nhá Chica do Brasil.

A partir da história de **Nhá Chica**, somos conduzidos a descobrir nosso propósito de vida, a ouvir a voz de Nossa Senhora, a Rainha da Paz; a desenvolver conexão espiritual, apego ao Divino, e por fim, uma fé inabalável nas orações.

Um livro para inspirar e servir de inspiração para a construção de uma sociedade mais amorosa, empática, fervorosa e consciente da importância da Cultura de Paz.



O projeto A Voz de Nhá Chica foi realizado com recursos da Lei Aldir Blanc, executado pela Secretaria Estadual de Cultura e Turismo do Estado de Minas Gerais, através do Edital 07/2024, ID 11939 - publicações literárias para o público infantojuvenil. Projeto de distribuição gratuita.



Clarissa Machado em  
Aparecida, Cidade do Romeiro

Realização:



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



*tic tac tic tac tic tac...*

# De A a B:

linguagem e alteridade na  
construção de sentido

Por Emerson Pagnussat



a m r  
s t a r  
s o k n  
p q  
e r l  
e u x  
z i B  
y t



“Aquele que começou, já fez a metade; ouse saber, comece<sup>1</sup>.” Então, comecei!

Julguei que essa máxima latina seria um bom enunciado para o rompimento da inércia diante da folha em branco. Na minha cabeça, este texto já teve vários inícios, entretanto, todas as vezes que me propus a transcrevê-los, fracassei. Resolvi, então, recorrer à metalinguagem.

Encontrei no exercício de escrever sobre o ato de escrever uma maneira eficaz não apenas de romper com as dificuldades iniciais da escrita, mas também de combater qualquer paralisação diante de um texto já iniciado: “Não sei como continuar. Ora! Que tal eu escrever sobre não saber como prosseguir? Ou, que tal refletir a respeito do que está acontecendo ao redor ou em relação aos pensamentos que invadem minha cabeça nesse exato momento?”

O relógio da minha cozinha, com aquele *tic-tac* que às vezes se torna ensurdecedor – quanto mais eu presto atenção no barulho do ponteiro, mais alto soa –, já recebeu palco anteriormente, justamente num momento de pouca determinação criativa. Insultei-o por me incomodar enquanto trabalhava em um texto.

Nunca refleti seriamente sobre por que o *tic-tac* do relógio me exaspera tanto. Mas talvez seja porque ele declara, com o enunciar de todos aqueles seus *tics* e *tacs* sonoros, uma das questões que mais atemorizam o sujeito: a finitude.

O relógio atua como um lembrete: não se viverá sem ver a morte... *tic-tac, tic-tac...*

Neste momento, o que me distrai não é nenhum relógio, mas sim a mosca presa na janela, fazendo barulho enquanto bate no vidro e tenta escapar. Eu estava pronto para levantar-me e matá-la; contudo, ela conseguiu fugir. Parece até que sabia da minha intenção.

Ao escrever sobre meus pensamentos, passei a imaginar até que ponto se poderia dizer tudo o que se passa pela mente, já que é exatamente essa prática que sustenta a regra fundamental da psicanálise: a associação livre. Para Freud (2019), esse método de investigação do inconsciente é o único caminho viável para descobrir o reprimido. O autor argumenta que o analisando “[...] deve dizer tudo o que lhe passe pela mente, mesmo quando o tomar por incorreto, por não pertinente, por carente de sentido, e, sobretudo, quando lhe for desagradável ocupar o pensamento com tal ocorrência” (2019, p. 61).

No entanto, o paciente está submetido ao influxo das resistências. Por exemplo, preparar com cuidado o que se quer falar, com a intenção de se certificar de que se está fazendo o melhor uso do tempo do tratamento, é uma resistência disfarçada de avidez (Freud, 1924). Freud percebe que a resistência mais poderosa advém do “isso”: resistência em renunciar ao gozo incluído na doença, não permitindo os efeitos terapêuticos da análise, sendo capaz até de levar à ruptura do vínculo analítico (*apud* Quinet, 2009).

Li certa vez, nas memórias escritas por um homem que falava com muito orgulho da própria doença e que escrevia a respeito de um palácio de cristal, que existem certas

---

<sup>1</sup> “*Dimidium facti, qui coepit, habet; sapere aude, incipe*”, escreveu Quintus Horatius Flaccus a seu amigo Maximus Lollius. Cf. PÖPPELMANN, Christa. **Dicionário de máximas e expressões em latim**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2024, p. 114. [Tradução de *Nomen est omen*].

coisas que o ser humano revela apenas aos amigos. Há outras que ele não revela nem mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e mesmo assim em segredo. Todavia também existem coisas que o ser humano tem medo de desvelar a si próprio (Dostoiévski, 2009). Talvez o orgulho do tal homem em relação à própria condição de doente exprima exatamente a resistência em renunciar ao gozo incluído nela. Ele encontra um prazer doloroso na doença e não consegue parar de buscar essa satisfação que vai “além do princípio de prazer”.

O ser humano parece ter uma predisposição a manter uma espécie de sombra dentro de si. Evitar trazer luz a toda essa sombra pode ser um recurso de autopreservação, porque senão ele perderia parte da liberdade, revelando-se por completo diante do outro, tornando-se tão transparente quanto um palácio de cristal. Desse modo, tudo se tornaria enfadonho ao ser trazido à lógica consciente e à razão. “Com efeito, que se há de fazer quando tudo estiver calculado numa tabela?” (Dostoiévski, 2009, p. 38).

Bem, se um dia fosse encontrada a fórmula de todas as coisas, não apenas aquelas que o sujeito descobriria sobre si mesmo, mas em relação a toda existência humana e a realidade que a cerca – pensando de uma maneira um pouco radical – se inauguraria uma era na qual não valeria mais a pena viver, pois nos tornaríamos autômatos; provavelmente seríamos iguais à boneca Olímpia do conto *O homem da areia*: olhos rígidos e mortos, sem alma, com passos calculados e previsíveis. No fundo, penso que não queremos – mais lá no fundo acredito que nem ao menos conseguiríamos – decifrar tudo que existe, apenas uma parte, visto que são exatamente esses mistérios não desvelados que nos fazem seguir adiante.

Agora, em se tratando das coisas que o sujeito teme revelar sobre si mesmo, provavelmente são os conteúdos reprimidos que estão guardados no inconsciente. O reprimido parece-me justamente algo distinto da lógica consciente, porque carrega em si uma espécie de insensatez que diverge da razão; ademais, traz consigo um tom zombeteiro como escape das energias suprimidas do inconsciente, além de uma contradição revelada pelo infamiliar: algo íntimo e já conhecido, mas percebido como estranho e inquietante.

A análise permite uma nova relação com o conteúdo reprimido, possibilitando que o analisando reconheça isso como parte de si. E se o inconsciente se estrutura como uma linguagem, é exatamente por meio dela que se pode decifrar o saber inconsciente e lidar com o sintoma de uma boa maneira, reconhecendo a natureza dele.

A verdade que o sujeito busca na análise é alcançada por meio de uma relação dialógica<sup>2</sup> entre psicanalista e analisando na construção de *sentido*. De certo modo, uma prática parecida foi adotada por Platão alguns milênios antes, com o emprego da maiêutica: uso de perguntas para que o outro descubra suas próprias verdades. Ao me revelar para o outro eu tomo consciência de mim.

---

<sup>2</sup> É interessante notar que, na perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 2016, 2018; Volóchinov, 2018), a aquisição de linguagem perpassa pelo outro, pois é por meio da interação com o outro que me constituo como um ser de linguagem. Nascemos num mundo já estruturado por ela. E é a partir dela que nos damos conta da realidade.

Um dos pontos que me chama atenção entre a associação livre e a maiêutica é que ambos os métodos dependem da interação com “outrem”, embora essa relação de alteridade seja distinta em cada caso. Conforme Bezerra (2018), a linguagem tira o sujeito do isolamento que é a morte, seja essa morte simbólica (como a morte social<sup>3</sup>, quando não há a inscrição subjetiva do sujeito na história), seja ela física.

Para que a linguagem cumpra o seu papel de inserir o sujeito na história, é necessário que haja um outro que ocupe uma posição de atitude responsiva ativa. Em relação à psicanálise, o analista cumpre essa posição. Maia, Medeiros e Fontes (2012) afirmam que a fala do analisando porta a sua verdade e só emerge quando escutada de um modo particular. Nesse sentido, o analista é um participante ativo do diálogo e no processo de análise sua atenção deve estar totalmente voltada ao que é dito pelo outro.

Freud (1999) recomenda que no processo de análise seja colocada em prática a atenção flutuante, isto é, o autor sugere que o psicanalista retenha na memória todo o diálogo com o paciente, que escute tudo, sem preconceitos, sem se preocupar em escrever e sem privilegiar nenhum elemento específico. O princípio de o analista se atentar igualmente para tudo é a necessária contrapartida à condição de que o analisando relate tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção. E em geral, muito do que se escuta apenas ganhará sentido após uma reflexão a posteriori.

Freud (1999) relata que a proeza mnemônica envolvida na atenção flutuante despertava nas pessoas certa admiração e incredulidade. Se o preceito de atenção flutuante no passado já causava certo espanto, hoje, na era pós-moderna, o assombro deve ser ainda maior, penso eu. Vivemos num mundo no qual o sujeito não consegue sustentar a atenção mesmo que seja por um curto período de tempo, porque ela virou um produto que é condicionado ao efêmero, cooptada por uma variedade de informações e distrações que afastam o sujeito de si.

Da parte do analista, com a exceção do preceito da atenção flutuante, não há regras, mas a ética da psicanálise, regida pelo desejo do analista. O analista deseja que o inconsciente do paciente trabalhe, que ele fale tudo o que lhe vier à mente. Para privilegiar a fala, reduz-se a atenção visual. É nesse sentido que a estrutura do divã entra em cena, pois permite diminuir o contato visual entre analista e analisando; além disso, impossibilita que as expressões faciais do analista forneçam certos indícios suscetíveis a serem interpretados ou a influenciarem sua fala (Quinet, 2009).

Assim, o divã influencia no processo de transferência que se sustenta principalmente na proposição do “sujeito suposto saber”. O analisante acha que o analista detém o saber que procura. Em contrapartida, o analista ocupa o lugar de quem não sabe a verdade sobre o sujeito. O paciente é quem sabe sobre si mesmo, mas ainda não tem

---

<sup>3</sup> Volóchinov (2019) argumenta que existe uma espécie de segundo nascimento, o social, pelo qual o sujeito se torna historicamente ativo, ele passa a existir para o outro quando entra na linguagem, e é por meio dela que ocorre o processo de subjetivação do ser humano. Se pensarmos em Lacan, a linguagem representa o nascimento e também o seu contrário, visto que “[...] “a palavra é a morte da coisa”. Nessa perspectiva, não seria paradoxal admitir que ao mesmo tempo em que a palavra provocaria a morte da coisa, faria com que esta subsistisse além do seu desaparecimento empírico” (Guerra; Carvalho, 2002, p. 79-80).

ciência disso porque esse saber está inconsciente. É por intermédio da associação livre, da fala, que esse saber pode emergir.

Voltando ao início, foi também por meio da fala que eu ousei saber no momento em que decidi iniciar o texto. Mas é apenas quando o texto for enunciado até o seu final que ele será entendido, visto que, sendo ele uma cadeia de significantes, o sentido de seus elementos iniciais seria encontrado apenas retroativamente no seu término, quando eu alcançar o elemento final representado por **B**<sup>4</sup>.

\*\*\*

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Org.). São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. [Tradução de *Problémi poétiki Dostoiévskovo*].

BEZERRA, Paulo. Uma obra à prova do tempo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. p. 5-22. [Tradução de *Problémi poétiki Dostoiévskovo*].

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. Tradução de Bóris Schnaiderman. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. [Tradução de *Zapíski iz podpólia*].

FREUD, Sigmund. **Sobre o início do tratamento**: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I. [S. l.: s. n.], 1924. p. 1-13.

---

<sup>4</sup> Fiz uma tentativa de inserir e explicar a trama do discurso no próprio texto, que se inicia com a letra A (na palavra “Aquele”) e termina com a letra “B”. Como Freud (1999) diz, muito do que se escuta apenas ganhará sentido após uma reflexão a posteriori. Nesse sentido, Guerra e Carvalho (2002) apontam que uma frase exigiria ser enunciada até o final para ser entendida, visto que, sendo ela uma cadeia de significantes, o sentido de seus elementos iniciais seria encontrado retroativamente no seu término. Desse modo, somente na dimensão da linguagem se tornaria possível conceber o tempo. Assim, o sujeito psicanalítico seria um efeito, no tempo, da sua orientação na cadeia de significantes, isto é, ele seria um efeito retroativo que se produziria no circuito que iria de A a B, para voltar de B a A.

\_\_\_\_\_. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. **Jornal de psicanálise** (Sociedade Brasileira de Psicanálise), São Paulo, v. 32, n. 58/59, p. 427-436, nov. 1999.

\_\_\_\_\_. **Cinco lições de psicanálise (1910)**. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Cienbook, 2019. [Tradução de *Über Psychoanalyse*].

GUERRA, Alba Gomes; CARVALHO, Glória. **Interpretação e método: repetição com diferença**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

MAIA, Aline Borba; MEDEIROS, Cynthia Pereira de; FONTES, Flávia. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 44-61, 2012.

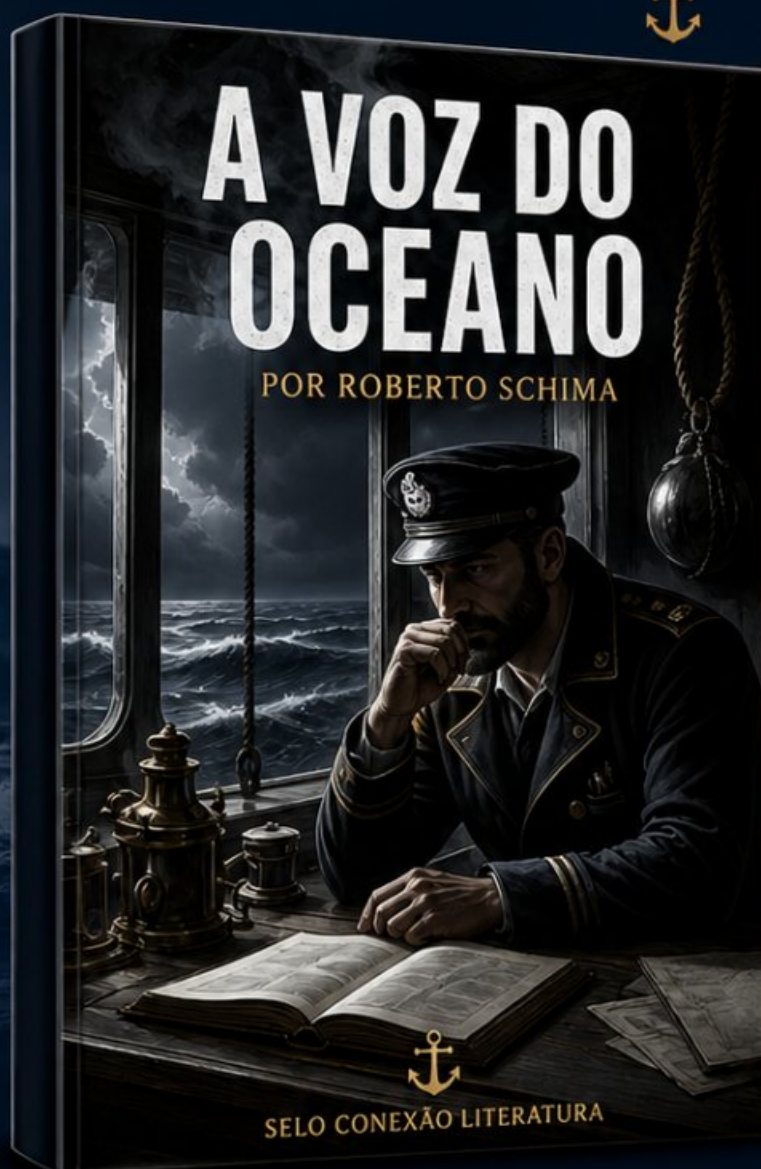
QUINET, Antonio. **As 4+1 condições da análise**. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. [Tradução de *Marxizm i filossófia iaziká: osnovnie problémi sotsiologúcheskogo miétoda v náuke o iaziké*].

\_\_\_\_\_. Do outro lado do social: sobre o freudismo. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 59-108.

\*\*\*

**Emerson Pagnussat** nasceu em Blumenau, Santa Catarina. Tem 35 anos. Formou-se no curso de Letras (Português/Inglês) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atualmente, é graduando no curso de Psicologia pela mesma universidade. Tem paixão pela literatura, principalmente por escritores russos como Nabokov, Dostoiévsky e Tolstoy. Participou da ontologia "O Jogo do Amor - Contos e Poemas" com a narrativa "Anáfora" publicada pela Revista Conexão Literatura. Foi semifinalista na 4ª edição do concurso "MicroConto de Ouro" (2024), promovido pela Casa Brasileira de Livros, com o texto "Sinestesia".



## A voz que vem do mar.



### UMA HISTÓRIA DE CORAGEM E DESTINO

Um comandante marcado pela infância e guiado pelo oceano.



### NATUREZA QUE TRANSFORMA

Entre tempestades, descobertas e mistérios, o mar revela o que há de mais profundo.



### AVENTURA, MEMÓRIAS E SUPERAÇÃO

Mais que uma jornada, uma busca por pertencimento e liberdade.

# A VOZ DO OCEANO

POR ROBERTO SCHIMA

**U**m comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saíra cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!



DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)

# COMO CRIANÇA

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Brinque! Brinque! Saboreando todo o ar também  
Abrace na vivência  
Em real sabedoria, a paciência  
E seja a melhor como ninguém

Aproveite! Saltite burilando as flores  
Ao tocá-las se delicie a todos os seus sabores  
No caminhar sorria! Não pare de sorrir  
Sem deixar nenhum momento partir

Assim, não por acaso, sonhe com as "Vidas Coloridas"  
Viva, alegremente, enfim nova vida  
Outra sim, deliciosa em viver e amar  
Por demais maravilhosa com em um Belo Altar

Ao final (repito)... sorria  
Desabroche, em você, tamanha alegria  
Mesmo estranha, não se esqueça em agradecer  
O ato tão gostoso de assim viver

Que haja algum pensar  
De na bela brisa da vida algo ruim flutuar  
Mas, lá na frente  
Não se esqueça! Sorria novamente!

Eu, pelo meu lado, da passada idade, agora me vejo como criança  
No passo a passo, abro sorrindo os portões da esperança  
Por certo, sentindo algo diferente  
Nada comparado do que foi antigamente  
E creiam! Assim me vejo sorrindo tão alegremente... **COMO CRIANÇA**



# SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo com Poemas, mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE; ESCREVER FLORBELA ESPANCA e ESCREVER MÁRIO DE SÁ CARNEIRO.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, três Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ; ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... e, finalmente, um outro com o Título "PÉTALAS" AINDA COLORIDAS.

Seguíram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZILL na melodia e canto.



Instagram: joaquimgouvea\_



e-mail: mjgouvea@hotmail.com



# Curiosidades Literárias

## 10 Benefícios da Leitura Comprovados pela Ciência

1

### ESTIMULA O CÉREBRO

A leitura ativa fortalece diversas áreas do cérebro, melhorando a memória, a concentração e o raciocínio.

2

### AUMENTA O FOCO E A CONCENTRAÇÃO

Ler regularmente treina a mente para manter o foco por mais tempo, reduzindo distrações no dia a dia.

3

### DESENVOLVE A EMPATIA

Estudos mostram que a leitura de ficção ajuda a compreender melhor os sentimentos e perspectivas dos outros.

4

### AMPLIA O VOCABULÁRIO E A COMUNICAÇÃO

Quanto mais você lê, mais palavras conhece e melhor se expressa, tanto na fala quanto na escrita.

5

### ESTIMULA O PENSAMENTO CRÍTICO

A leitura promove a análise, a reflexão e a capacidade de formar opiniões com mais clareza e embasamento.

6

### REDUZ O ESTRESSE

Ler por apenas 6 minutos já pode reduzir os níveis de estresse em até 68%, segundo pesquisa da Universidade de Sussex.

7

### MELHORA A QUALIDADE DO SONO

A leitura antes de dormir ajuda a relaxar o corpo e a mente, favorecendo um sono mais profundo e reparador.

8

### FORTALECE A SAÚDE MENTAL

Ler pode ajudar a combater sintomas de ansiedade e depressão, promovendo bem-estar e equilíbrio emocional.

9

### AUMENTA O TEMPO DE VIDA

Pesquisas indicam que leitores têm maior expectativa de vida: ler por 30 minutos diários pode adicionar anos à sua vida.

10

### APRIMORA A IMAGINAÇÃO E A CRIATIVIDADE

A leitura transporta para novos mundos e ideias, estimulando a criatividade e a capacidade de inovar.

“

*Ler é descobrir mundos, ideias e a si mesmo.*

*É o alimento da mente e da alma.*

”



PARTICIPE DA ANTOLOGIA



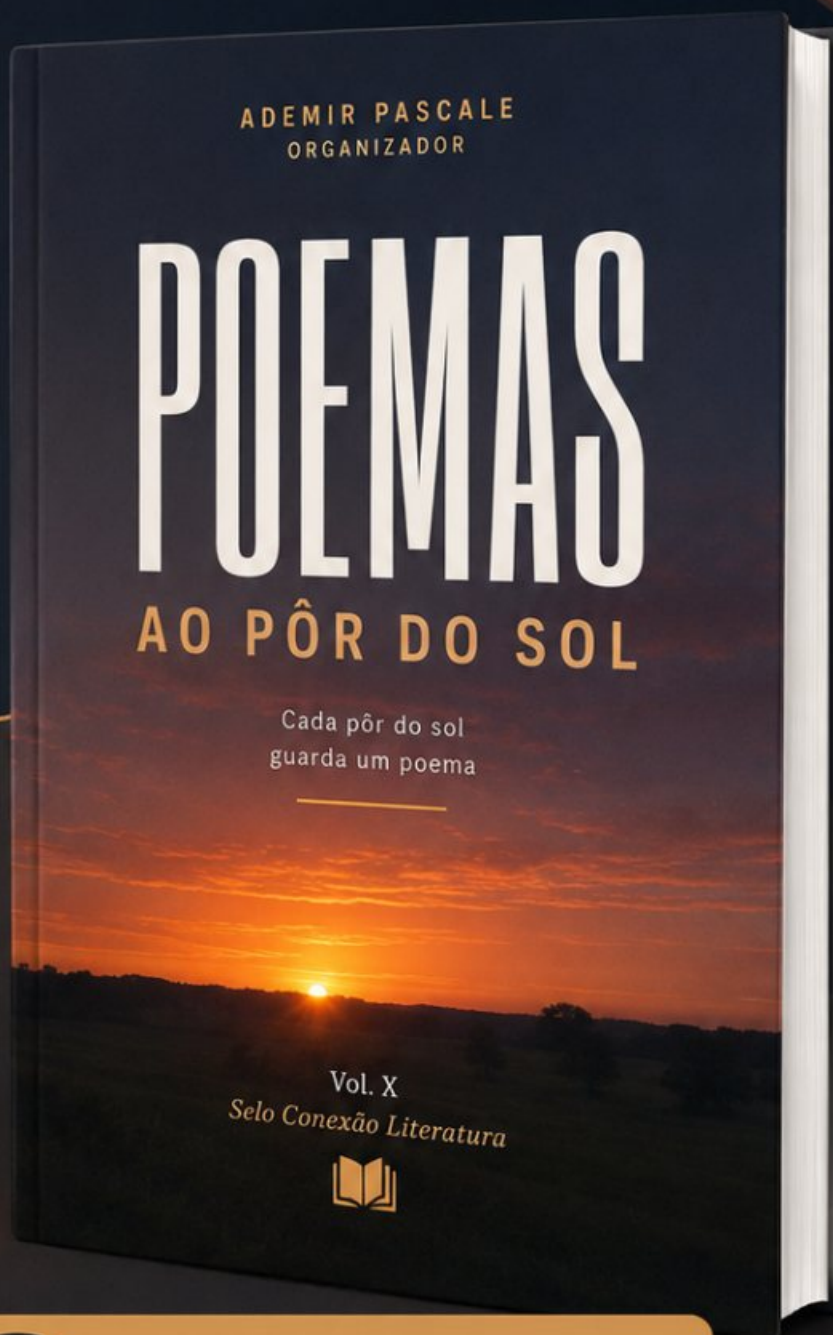
# POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. X




Cada pôr do sol  
guarda um poema.  
Participe e eternize  
suas palavras.

E-BOOK



SAIBA MAIS:  
CLIQUE AQUI



# RESENHA DE NINGUÉM NASCE MONSTRO

do autor Cleriston Nascimento da Silva (2025)



Por Pedro Panhoca da Silva  
(FATEC/Jacareí)



Por Fernando Hisi Panhoca  
(CETESB)



Revista  
Conexão **Literatura**



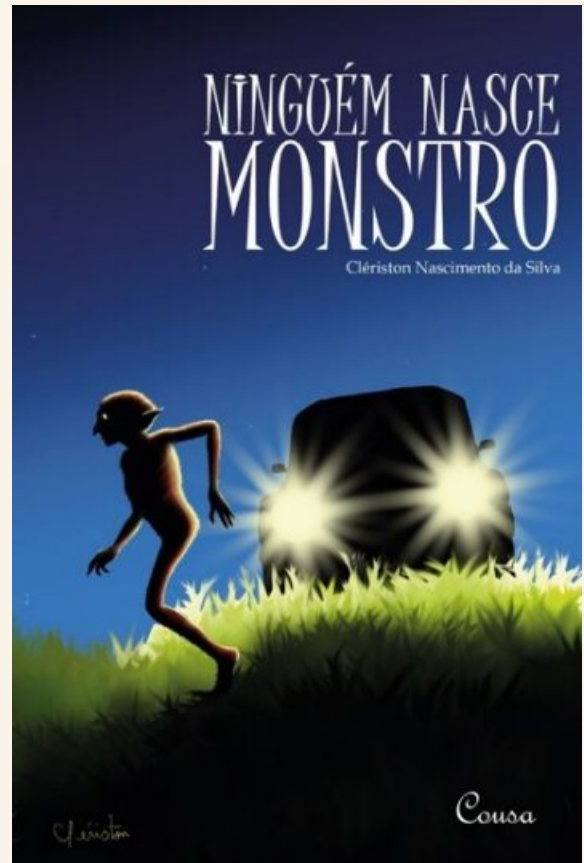
Pedro Panhoca da Silva<sup>5</sup> (FATEC/Jacareí)  
Fernando Hisi Panhoca<sup>6</sup> (CETESB)

Livro de contos do capixaba Cleriston Nascimento da Silva, *Ninguém Nasce Monstro* (2025) apresenta ao leitor histórias ambientadas no Realismo Fantástico local, de acordo com o próprio autor em palestra de divulgação de sua obra numa escola pública em Nova Almeida, distrito de Serra/ES, em março de 2026. Tratam-se de contos versáteis cheios de “[...] dor, ironia, humor, denúncia, lirismo e sensibilidade [...]” (Carvalho, 2025). Mas essa pretensão de abordar muito em muito pouco não é forçada, e é sempre trabalhada com leveza e dosada com cuidado em cada história.

Cleriston Nascimento da Silva é mestre em Ensino de Humanidades e atuou como professor de língua portuguesa e literatura e gestor educacional na rede estadual capixaba por muitos anos, mas devido à incompatibilidade de horários entre o ensino e a vocação religiosa, decidiu seguir o ofício de ser pastor no distrito que tanto conhece: Nova Almeida. Atualmente, é pastor da Primeira Igreja Batista em Nova Almeida, escritor e criador de conteúdo digital.

A obra de Cleriston Nascimento da Silva “[...]” foi viabilizada pelo Edital nº11/2024 - Literatura, Livro e Leitura, da Secretaria de Cultura (secult), com recursos do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo (Funcultura), e da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB)” (*Ninguém...*, 2026), o que demonstra que o livro de contos que transitam entre o fantástico e o horror está longe de ser uma publicação independente de qualidade duvidosa. Contemplado com o referido prêmio, *Ninguém Nasce Monstro* chega ao mercado editorial para suprir uma demanda que o próprio autor já desconfiava em seus tempos de sala de aula: a dificuldade de contistas brasileiros que produzam textos mais curtos e interessantes para serem, justamente, trabalhados na escola.

O autor capixaba acerta em evitar o pedagogismo e focar seus pequenos contos no que há de melhor no estranho, no insólito, na fantasia, ou de tantas outras classificações em língua portuguesa que, em inglês, se agrupam num coletivo maior chamado *Fantasy*. Criaturas fantásticas são recorrentes ao longo dos contos, como o híbrido lobisomem-saci (“O lobisomem saci da rua do limão”), a criança vampiro (“Ei moço, me leva com você?”), vampiros mais “clássicos” (“Vampiro protestante não tem medo de água



<sup>5</sup> Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

<sup>6</sup> Especialista em Gestão da Comunicação e Mídias Digitais (SENAC)

benta”), o saci (“A psicóloga da família”) e um arcanjo (“O visitante da madrugada”) – só para citar algumas –, mas também há narrativas extremamente líricas, como “Vento Sul”. Críticas sociais também não faltam ao leitor, como em “Autolesão não suicida” e “Ninguém nasce monstro”.

Naturalmente, há muito de autobiográfico em contos como o já citado “O lobisomem saci da rua do limão”, “Desculpa interromper” e “Pelo amor de deus”, por se passarem em ambiente escolar. Outros exemplos são “Pastor não pode xingar” e “Terezinha de Jesus”, ambos ambientados no ambiente religioso. Isso auxilia na imersão da leitura, até mesmo que quem nunca visitou a divisa de Serra com Fundão, cidades da região metropolitana de Vitória/ES. Tal proximidade não está presente apenas como pano de fundo, e dialoga com a cultura e o cotidiano locais.

Uma curiosidade é que o próprio autor também ilustra a própria obra com desenhos de própria autoria, deixando o leitor conhecer também uma outra vocação sua, embora o texto seja o seu forte. Uma possibilidade dessa escolha dos próprios desenhos e da não terceirização dos recursos visuais a outro artista pode vir do interesse de Cleriston Nascimento da Silva pelos quadrinhos, cuja pesquisa de mestrado envolveu a interface das HQs e do ensino em Letras e Humanidades (Gomes; Carvalho; Martinelli Filho, 2017, p. 185).

Portanto, temos um livro trabalhado por dois “Cleristons”: o primeiro possui a experiência adquirida como leitor e mediador de leitura; o segundo, com a oratória a ser utilizada para conquistar grandes públicos. E usando bem as formas oral e escrita, o autor demonstra maturidade e criatividade nas suas produções. Que *Ninguém Nasce Monstro* possa, um dia, inspirar tantas outras criações de professores, pastores ou trabalhadores de qualquer função a compartilharem suas criações, na maioria das vezes reprimidas pela insegurança ou falta de incentivo para ganharem vida.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Leticia Queiroz de. Posfácio. In: SILVA, Cleriston Nascimento da. *Ninguém Nasce Monstro*. Vitória: Cousa, 2025.

GOMES, Antônio Carlos; CARVALHO, Leticia Queiroz de; MARTINELLI FILHO, Nelson (Orgs.). *Literatura, linguagens e educação: reflexões propostas*. Vitória: Edifes, 2017. *E-book*. Disponível em: <[https://profletras.ufrn.br/wp-content/uploads/2025/04/livro\\_leitura\\_linguagens\\_educacao\\_publ\\_digital.pdf](https://profletras.ufrn.br/wp-content/uploads/2025/04/livro_leitura_linguagens_educacao_publ_digital.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2026.

‘NINGUÉM Nasce Monstro’, livro de Clériston Nascimento da Silva é lançado em março. *SECULT*. 03 mar. 2026. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/Noticia/ninguem-nasce-monstro-livro-de-cleriston-nascimento-da-silva-e-lancado-em-marco>>. Acesso em: 02 jun. 2026.

SILVA, Cleriston Nascimento da. *Ninguém Nasce Monstro*. Vitória: Cousa, 2025.

**SEU ANÚNCIO**

**SEU ANÚNCIO**

**AQUI!**

**CLIQUE AQUI**

**E VEJA A OPÇÃO 2 E 3**



**MAIS  
VISIBILIDADE**



**MAIS  
RESULTADOS**



**MAIS  
CLIENTES**

**ANUNCIE E FAÇA A DIFERENÇA!**



**DESTAQUE  
SUA MARCA**



**ALCANCE  
O PÚBLICO CERTO**



**IMPULSIONE  
SEUS RESULTADOS**



**CLIQUE AQUI E COLOQUE SUA MARCA *em evidência!***

nossas histórias  
nossa memória  
nossa escrita  
nosso futuro

# A LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO BÁSICA:

## DO ESTEREÓTIPO AO PROTAGONISMO E À ESCRITA DE SI

Por  
José Flávio da Paz



### DO ESTEREÓTIPO À ESCUTA

Superar os silenciamentos históricos e reconhecer as vozes originárias como produtoras de saber e cultura.



### PROTAGONISMO INDÍGENA

A literatura como ferramenta ética e política para afirmar identidades, memórias e territórios.



### ESCRITA DE SI, ESCRITA DE NÓS

Narrativas que constroem futuros possíveis e fortalecem a educação intercultural e decolonial.

“

A literatura indígena é o espelho das nossas memórias, é fazer o papel falar através da ancestralidade.

ALINE KAYAPÓ

**Resumo:** O presente artigo analisa a inserção da literatura de autoria indígena no cenário educacional brasileiro, contrastando a visão histórica e estereotipada presente nos clássicos da literatura infantil com a emergência de vozes originárias contemporâneas. Através de uma leitura crítica das fontes bibliográficas, discute-se como o ensino de literatura pode atuar como ferramenta de descolonização e fortalecimento da subjetividade indígena, conforme preconizado pela Lei nº 11.645/2008. O estudo propõe práticas docentes colaborativas que priorizem o protagonismo indígena e a interação cultural em detrimento da mera integração assimilacionista.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena; Práticas Docentes; Educação Básica; Representatividade; Escrita de si.

## 1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a presença indígena na literatura infantil brasileira foi marcada por uma perspectiva exógena, muitas vezes eurocêntrica e pedagógica, que relegava os povos originários ao papel de "selvagem" ou de "bom selvagem" em processo de civilização. Com a consolidação da literatura infantil como sistema literário no final do século XIX, as obras destinadas às crianças serviam frequentemente como instrumentos de difusão de imagens de grandeza nacional e modernidade, nem sempre fiéis à realidade das diversas etnias que compõem o Brasil.

A mudança deste paradigma surge com a ascensão da literatura de autoria indígena, cujo marco inicial é atribuído a Daniel Munduruku em meados da década de 1990. Esta nova vertente não apenas apresenta a cosmologia e os mitos originários, mas o faz a partir da "escrita de si", transformando o indígena de objeto de estudo em sujeito da sua própria narrativa.

Diante disso, escritores, professores e pesquisadores das áreas das Letras, Artes e Humanidades têm discutido, continuamente, a relevância da literatura infantil na atualidade e com reconhecimento e valorização a representatividade indígena como ferramenta para preservar a ancestralidade e educar as novas gerações. As obras do pioneirismo de Daniel Munduruku, bem como, uma diversificada de autores, como Aline Kayapó, Márcia Wayna Kambeba, Marcia Mura, Eva Potiguara, Lucia Paiacu Tabajara, Eliane Potiguara e muitos outros não indígenas fortalecem o protagonismo dos povos originários. Suas obras, além de sugerirem obras específicas, os materiais refletem sobre como a escrita indígena atua no combate ao apagamento cultural e à colonialidade. Suas narrativas e poéticas enfatizam que essas histórias não são apenas ficção e/ou poesia, mas um espelho de memórias que promove a interação respeitosa entre diferentes sociedades. Logo, a leitura dessas obras é apresentada como um caminho essencial para valorizar a riqueza cultural e a proteção da vida indígena no Brasil.



## 2. O PASSIVO HISTÓRICO E O ESTEREÓTIPO NA LITERATURA INFANTIL

Para compreender a importância das práticas docentes atuais, é necessário realizar uma crítica aos modelos literários que formaram o imaginário brasileiro. Como apontam Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman e Marisa Lajolo, a literatura infantil nasceu sob o lastro de um projeto nacionalista que muitas vezes endossava preconceitos do grupo dominante. Em obras do início do século XX, como as citadas por Júlia Lopes de Almeida, o indígena era frequentemente descrito em termos pejorativos, como se observa na seguinte passagem analisada pelas autoras:

Vou meditar sobre muita coisa do que li. Que eram os selvagens, ou os índios, como imprópriamente os chamamos? Homens impetuosos, guerreiros com instintos de animal feroz. Entregues absolutamente à natureza, de que tudo sugavam e a que por modo algum procuravam nutrir e auxiliar, estavam sujeitos às maiores privações; bastando que houvesse uma seca, ou que os animais emigrassem para longe das suas tabas, para sofrerem os horrores da fome. Sem cuidar da terra e sem amor ao lar, abandonavam as suas aldeias, poucos anos habitadas, e que ficavam pobres 'taperas' sem um único indício de saudade daqueles a quem agasalharam. (Zilberman; Lajolo, 1993, p. 36).

Essa representação, que nega a humanidade e o pertencimento territorial do indígena, foi a base da educação literária por gerações. A superação desse "racismo institucionalizado" na literatura exige que o professor da Educação Básica saiba identificar esses estereótipos e contrapor obras que tragam a voz legítima dos povos originários.

## 3. A LITERATURA INDÍGENA COMO TECNOLOGIA DE SI E PROTAGONISMO

A literatura indígena contemporânea funciona como o que Margareth Rago chama de "aventura de contar-se", um processo em que o indivíduo constitui sua subjetividade através do discurso e da memória. Ao escreverem suas próprias histórias, autores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Aline Kayapó utilizam a literatura como uma ferramenta ética e política para desconstruir o "epistemicídio" causado pela colonialidade.

Segundo Rago (2013), essa prática de escrita é fundamental para grupos historicamente marginalizados:

Compreender que esse sistema de imagens, representações e signos compõe o pensamento da lógica discursiva da identidade social dominante é fundamental para que os feminismos [e aqui podemos estender aos movimentos indígenas] possam transformá-lo e abrir

novas possibilidades de ser. Se entendemos que os feminismos abrem outras possibilidades de subjetivação e de existência para as mulheres, é necessário que levemos em conta a linguagem e o discurso, meios pelos quais se organizam a dominação cultural e a resistência. Não se trata de negar a 'realidade' e a 'experiência', reduzindo-as à existência linguística, nem a ação social, ao determinar a 'morte do sujeito', como atacam os críticos do pós-estruturalismo, mas de desconstruir essas noções consideradas pré-discursivas, apontando para a sua historicidade... (Rago, 2013, p. 31).

Aline Kayapó reforça essa ideia ao afirmar que a literatura indígena é o "espelho das nossas memórias", uma forma de "fazer o papel falar" através da ancestralidade. A autora critica termos como "inclusão" e "integração", preferindo a ideia de **interação**, onde se compartilha saberes sem a perda da essência originária.

#### 4. PRÁTICAS DOCENTES COLABORATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O papel do professor não é apenas o de mediador da leitura, mas o de um curador crítico que amplia o repertório da criança para além do ambiente urbano. A literatura indígena oferece a oportunidade de apresentar as mais de 300 etnias brasileiras, suas línguas (como o Tupi e o Maraguá), rituais e a profunda conexão com a natureza.

Para que a prática docente seja verdadeiramente colaborativa e crítica, propõem-se as seguintes ações baseadas nos materiais analisados:

- Naturalização da presença indígena: Apresentar obras onde o indígena é retratado no presente, vivendo em aldeias ou cidades, removendo a ideia de que esses povos pertencem apenas ao passado.
- Uso de obras bilíngues e glossários: Estimular o contato com as línguas originárias através de livros como *Falando Tupi* (Yaguarê Yamã), que revelam a herança linguística do português brasileiro.
- Exploração da oralidade e memória: Valorizar obras que trazem a estrutura da tradição oral e a sabedoria dos anciãos, como *Lua-menina e menino-onça* de Lia Minápoty.
- Desconstrução de estereótipos em clássicos: Ao utilizar obras de autores como Monteiro Lobato ou Érico Veríssimo, o docente deve contextualizar as visões de época, apontando criticamente as limitações da representação do indígena nessas narrativas.

Como conclui a ativista e escritora Aline Kayapó em 2022:

A literatura indígena está posta. Não é um prato que se come frio, nem se esfriou com o tempo. Ela é o ontem, o hoje e o agora. A literatura indígena é quentinha e se renova todas as manhãs como o sol, e tem aquecido a nossa alma, corpo e espírito. [...] A literatura indígena não é um papel pardo, criado pelo Estado, escondido na gaveta e ofuscado pelo tempo, nem um papel branco que se

apropriou das memórias dos outros. Ela é a alegria da existência de povos que cantam a vitória da existência e tornam mais colorida a vida de quem quiser! (Kayapó, 2022).

Desse modo, a literatura de autoria indígena não é apenas um gênero literário, mas um grito de resistência, (re)existência e uma forma de "reencantar o mundo". Para o professor da Educação Básica, trabalhar esse tema de maneira aprofundada significa reconhecer que "ler é uma forma de desvendar mundos diversos" e que a literatura indígena utiliza "a tradição que corre nas veias e permeia a memória de seu povo".

Cabe à escola, portanto, transformar o cumprimento burocrático da lei em uma prática de acolhimento e respeito, permitindo que os estudantes brasileiros redescubram sua própria identidade ancestral através das vozes dos povos originários.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a inserção da literatura de autoria indígena na Educação Básica representa muito mais do que o simples cumprimento de uma exigência legal; trata-se de um movimento fundamental de reparação histórica e de enriquecimento pedagógico, pois ao substituir as narrativas exógenas e carregadas de preconceitos por obras que emanam da própria vivência dos povos originários, a escola abre espaço para o que se chama de escrita de si, transformando o indígena de objeto de estudo em sujeito ativo de seu próprio discurso.

Expandir essas práticas docentes exige um compromisso com a descolonização do olhar. A literatura produzida por autores das diversas etnias brasileiras funciona como um espelho de memórias ancestrais que permite aos estudantes compreenderem os povos indígenas como pessoas que vivem e criam no presente. Esse contato promove uma interação cultural genuína, onde o saber é compartilhado sem que a essência originária seja sacrificada em nome de uma integração assimilacionista. É através desse diálogo que as línguas, os mitos, a cosmologia e a profunda conexão com a natureza se tornam ferramentas para que as crianças reencantem sua percepção do mundo e da Nação.

Portanto, o papel do professor, neste contexto, é atuar como um mediador crítico que naturaliza a presença indígena e valoriza a tradição oral e a sabedoria dos mais velhos. Ao levar essas vozes para a sala de aula, o docente não apenas combate o epistemicídio, mas também oferece aos seus estudantes a oportunidade de redescobrirem sua própria identidade ancestral. A literatura indígena é, em última análise, um convite para celebrar a alegria da existência de povos que, apesar de séculos de opressão, continuam a colorir a vida com suas histórias de resistência, renovando-se a cada manhã como o sol e aquecendo a alma da educação brasileira em meio a tantas contradições, preconceitos e processos contínuos de exclusões.

## REFERÊNCIAS

KAYAPÓ, Aline Ngrenhtabare L. **Literatura indígena: espelho presente de memórias ancestrais**. Blog Companhia das Letras, 2020/2022.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LUNETAS (Redação). **14 livros de autores indígenas para ler com crianças e jovens**. 2023.

MARISTAS (Colégios). **Povos originários: 9 livros de autores indígenas para ler com as crianças**. 2023.

QUINDIM (Revista). **8 livros infantis com representatividade indígena**. 2023.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. 4. ed. São Paulo: Global, 1993.



**José Flávio da Paz** é Pós-doutor em Ensino de Ciências e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas-PPGECH/UFAM; Doutor em Estudos Literários-PPGEL/UNEMAT. Diretor do Centro Cultural, Educacional e Tecnológico Para a Paz-FAPAZ, Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri-PPGL/URCA, Professor Associado (PRO BONO) da Logos University International-UniLogos e Professor EBT T Visitante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte-IFRN Campus São Paulo do Potengi. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Práxis Transformadora em Educação-FAMEN/DGP-CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Brasil, Cabo Verde: Literatura, Educação e História-UERJ/DGP-CNPq. Lattes iD: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: [jfp1971@gmail.com](mailto:jfp1971@gmail.com).

Siga-nos

no

**INSTAGRAM**



@REVISTACONEXAOLITERATURA



Conteúdo que conecta,  
literatura que transforma!



# A DIALÉTICA DO ENGAJAMENTO E O COMPROMISSO COM A MEMÓRIA:

FILOSOFIA, LITERATURA E O  
ATO DE LER COMO EXERCÍCIO  
DE **LIBERDADE**

*Por José Flávio da Paz*



## Resumo

O presente artigo analisa a intrínseca relação entre a filosofia existencialista e a literatura, investigando a função social e ontológica do texto literário. A partir da análise do documental e da revisão literária sobre o assunto. Sabe-se que, a obra literária é compreendida não como um objeto estático, mas como um "estranho pião" que demanda a participação ativa do leitor para se realizar. O estudo explora como a literatura atua como uma forma de engajamento, diferenciando-se da mera propaganda ao convocar o sujeito à responsabilidade ética e à (re)invenção de si mesmo no mundo. Através de um referencial teórico que articula as teses de Jean-Paul Sartre (1993) e Maurice Merleau-Ponty (1945), demonstra-se que a literatura, ao tratar a palavra como arma contra a injustiça, consolida-se como uma prática democrática de resistência e desvelamento da realidade contingente.

**Palavras-chave:** Literatura engajada. Existencialismo. Leitura. Liberdade. Ontologia do objeto literário

## 1 INTRODUÇÃO

A fronteira entre a filosofia e a literatura constitui-se, historicamente, como uma zona de "vizinhança comunicante", onde o rigor dos conceitos abstratos encontra a potência manifesta do imaginário humano. Longe de serem campos de saber estanque, ambas disciplinas convergem para o esforço comum de interpretar a condição humana em sua facticidade e transcendência. Como postulado na tradição existencialista, o ato de escrever não é um evento isolado ou puramente estético; trata-se, fundamentalmente, de uma ação situada que exige do autor e do leitor um posicionamento ético diante dos dilemas sociopolíticos do seu tempo.

Neste horizonte de compreensão, a literatura deixa de ser encarada como um simples entretenimento ou um repositório passivo de ideias para se afirmar como uma força de desvelamento do real. A relação entre quem escreve e quem lê instaura um espaço de conversação dialética, no qual a obra, frequentemente comparada a um "estranho pião" que só encontra seu estatuto ontológico em movimento, exige o compromisso total da subjetividade alheia. Assim, o presente artigo propõe analisar a função da literatura sob a luz da responsabilidade existencial, investigando como a palavra, quando despida de intenções doutrinárias, atua como um antídoto contra a massificação e como um exercício fundamental de liberdade.

Ao explorarmos as inquietações apresentadas no roteiro de estudo da aula de Língua Portuguesa e Literatura, ministrada para a turma MAmb4V, em 30 de abril de 2026, pelo Prof. Dr. José Flávio da Paz, Professor EBT'T Visitante, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN - Campus São Paulo do Potengi, buscou-se demonstrar que a literatura, longe de ser uma prática de alienação, constitui-se como um dos pilares da democracia, pois pressupõe que o sujeito é "condenado à sua própria liberdade" e, conseqüentemente, à responsabilidade de (re)inventar-se diante das estruturas que pretendem, sob o pretexto de neutralidade,

camuflar as injustiças da realidade. Através do diálogo com pensadores como Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, examinaremos a natureza desta "doação absoluta" que ocorre na leitura, onde o leitor, longe de ser um receptor inerte, torna-se o agente principal na transformação dos signos gráficos em experiência vivida, ética e política.

## 2 A ONTOLOGIA DO OBJETO LITERÁRIO E A AGÊNCIA DO LEITOR

O debate sobre o status do objeto literário convoca-nos a questionar a fixidez da escrita frente à fluidez da percepção. Como bem apontado durante a respectiva aula, o livro, enquanto objeto material, não encerra em si a obra; ele é o suporte, a potencialidade. A transição entre os "traços negros sobre o papel" e o objeto literário é mediada pelo leitor, que atua como um verdadeiro "agente do texto".

Esta relação não é passiva. Se o escritor oferece uma estrutura fixa, o leitor imprime a sua própria temporalidade e subjetividade. Como descreve Sartre:

O autor escreve para o leitor. O ato de escrever implica o ato de ler como seu correlato dialético. [...] Sem o leitor, a obra não tem mais que uma existência de objeto, uma existência de coisa, que se desfaz se a consciência que a percebe se retira. (Sartre, 1949, p. 58).

A leitura, portanto, é uma "união da percepção com a criação". O leitor não é um receptor que decodifica uma mensagem pronta, mas um cocriador que, ao engajar-se com as palavras, reconfigura o sentido. É nesse movimento de preenchimento das lacunas e dos espaços vazios do texto com as "paixões, valores e temperamento" do leitor que a literatura deixa de ser um objeto inerte e torna-se um evento.

## 3 A LIBERDADE CONDENADA E O ESPELHAMENTO DA REALIDADE

Sartre postula que o homem está "condenado à sua própria liberdade". Esta condenação não é um peso paralisante, mas a própria condição da existência que precede a essência. A literatura, neste cenário, atua como um "espelho da realidade", não no sentido de uma cópia mimética e passiva, mas como um campo de exploração das possibilidades humanas de (re)invenção.

Outrossim:

Um livro é um instrumento para determinando fim através da liberdade de quem o usa, mas quem também se propõe a ser livre. Não se trata de um exercício abstrato, mas concreto entre escritor e leitor, portanto, o objeto literário só existe em um movimento, pois para fazê-lo existir é preciso que aconteça o ato da leitura, e assim sua essência só dura enquanto esta durar, a leitura é assim, a união da percepção com a criação, e consciência da leitura tem sua própria estrutura de desvendamento (Lopes, Zunino, 2023, p. 293).

Dessa forma, ao tratar de acontecimentos históricos, o escritor assume uma responsabilidade ética inegociável. A literatura torna-se "engajada" justamente quando recusa a neutralidade, que nada mais é do que uma forma de conivência. Igualmente, a prosa, ao tratar as palavras como "armas em uma batalha contra a injustiça", exerce uma função de desvelamento. O escritor que se abstém de opinar sobre as questões sociais de sua época, camuflando a realidade sob o pretexto de uma "estética pura", falha em sua função dialógica, transformando a arte em um entretenimento que silencia a memória em vez de ativá-la.

#### **4 ENTRE O APELO À LIBERDADE E O RISCO DA PROPAGANDA**

Um ponto de tensão fundamental na estética sartreana reside na fronteira entre a literatura que convoca à ação consciente e a mera propaganda. A propaganda, em sua essência, busca a adesão mecânica; ela intenta fechar o sentido, transformando a vida em algo "sem memória" e o interlocutor em um instrumento de um fim externo. Em contrapartida, a literatura, ao tratar das experiências humanas, abre o sentido em vez de restringi-lo.

Frente a isso:

A função da literatura é devolver a imagem da sociedade a si própria, negando o trabalho alienado e afirmando a ação criadora do homem, portanto ela deve ser uma literatura existencial, concreta e histórica como compreensão da realidade. A literatura deve propor ao homem tomar consciência de sua ligação com seu projeto, o trabalho que realiza. Sendo ética, a literatura estará em conexão com o envolvimento que o homem tem com o próprio conhecimento da realidade, logo, podemos compreender que escrever implica agir (Lopes, Zunino, 2023, p. 294).

Nesse sentido, o escritor engajado não impõe uma verdade absoluta, mas convida o leitor a ser o coautor da sua própria tomada de consciência. A obra literária, portanto, não "doutrina", mas "desvela". O limite ético é claro: enquanto a propaganda visa à obediência, a literatura autêntica visa à responsabilidade. Sartre argumenta sobre essa distinção que "A obra de arte é uma exigência e um dom. É uma exigência enquanto reclama que o leitor a tome a seu cargo, e é um dom enquanto se oferece a ele como uma liberdade que se faz, que se quer e que se sustenta a si mesma. (Sartre, 1949, p. 72).

#### **5 A PROSA COMO EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO E A RESPONSABILIDADE DO AUTOR**

A prosa conserva um sentido de "democracia" na medida em que pressupõe uma igualdade essencial entre autor e leitor: a liberdade. Quando o escritor trata as palavras como armas, ele não o faz para impor poder, mas para denunciar a injustiça que restringe

a liberdade do outro. Em um sistema opressor, o ato de escrever torna-se um ato de resistência, pois a literatura é, em si mesma, uma afirmação de que a escolha é possível.

Destarte,

O escritor escreve para se dirigir à liberdade dos leitores através de um apelo para que sua obra passe a existir, além de exigir uma confiança recíproca para que reconheçam a liberdade criadora do autor, assim quanto mais experimentarmos nossa liberdade mais somos capazes de reconhecer a liberdade dos outros. A literatura é a historicidade do próprio homem, se ela se tornar mera propaganda, deixará de ser um apelo à liberdade, e a vida do próprio homem será como a classe dos moluscos (gasterópodes) ou dos insetos (himenópteros), sem engajamento, sem memória (Lopes, Zunino, 2023, p. 296).

Logo, a responsabilidade ética do autor ao abordar acontecimentos históricos é justamente a de não permitir o esquecimento. A escrita torna-se um exercício de liberdade pessoal quando o leitor, ao encontrar no texto os dramas, paixões e valores do autor, confronta-os com a sua própria existência, decidindo, a partir daí, o seu papel no mundo. O escritor "não cria para si", mas para uma humanidade que precisa, a todo instante, (re)inventar-se.

A literatura, portanto, não é um entretenimento estático. Ela é uma "ação e posicionamento no mundo". Quando o leitor entrega "toda a sua pessoa" a um texto, ele não está apenas consumindo uma narrativa; ele está realizando um exercício de alteridade. Esse compromisso concreto entre quem escreve e quem lê é o que garante que a literatura continue a ser, como defende a tradição existencialista, o espaço privilegiado onde a liberdade humana se reconhece e se afirma contra a facticidade do mundo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, em sua dimensão existencial, revela-se muito mais do que um artefato estético; ela é um compromisso ético ininterrupto e uma ação situada no mundo. Ao sintetizarmos a relação entre filosofia, conversação, argumentação e literatura, percebemos que o texto literário atua como um catalisador para a desalienação do indivíduo. A leitura literária e letramento literário exigem um compromisso concreto onde o leitor não apenas consome, mas se posiciona, transformando a obra em um espelho crítico de sua própria historicidade.

A ideia de que o homem é "condenado à sua própria liberdade" encontra na literatura o seu campo de exercício mais fértil. Ao nos confrontarmos com a alteridade exposta nas páginas de um livro, somos forçados a reconhecer que, parafraseando Merleau-Ponty em uma perspectiva correlata sobre a expressão, a palavra é o próprio exercício do pensamento, e a linguagem não é um simples código de signos, mas o lugar onde a existência se dá a ver e se torna consciente de sua própria contingência no mundo (Merleau-Ponty, 1945, p. 214).

Neste sentido, a literatura preserva a democracia da palavra ao oferecer resistência à massificação. Em um sistema que frequentemente oprime a liberdade de escolha através da sedução do consumo e do entretenimento vazio, a literatura sartreana nos lembra que escrever é interpelar o outro para que este assuma a sua própria responsabilidade. O escritor que se engaja não é aquele que impõe uma verdade, mas aquele que, ao descrever o real com a crueza que a história exige, abre espaços para que o leitor, em sua "doação absoluta" de si, possa (re)criar novas dimensões de resistir e (re)existir frente às adversidades que o mundo nos apresenta.

Portanto, a função última da literatura é a manutenção da memória e a provocação da consciência. Ela é o antídoto contra o "eterno presente" da propaganda, pois insere o indivíduo em uma linhagem de escolhas éticas. A conversação entre o autor e o leitor, mediada pela obra, é, em última análise, um ato de solidariedade humana: uma tentativa de dizer "eu" para que o outro possa, finalmente, dizer "nós". É nessa interação que a filosofia, a literatura e a ação política se fundem, garantindo que o homem, embora condenado à liberdade, (re)encontre na palavra o suporte necessário para carregar o peso de sua própria existência e a beleza de sua perpétua transformação.

## REFERÊNCIAS

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **AULA Mamb4V/IFRN ministrada pelo Prof. Dr. José Flávio da Paz- 30.04.2026 (atividade)**. São Paulo do Potengi: Campus São Paulo do Potengi, 2026.

LOPES, Carlos Sousa; ZUNINO, Pablo Enrique Abraham. Literatura em Sartre: generosidade e liberdade. In.: ZUNINO, Pablo Enrique Abraham; PEREIRA, Ana Carolina Reis; FERREIRA, V (Orgs.). **A filosofia orientada** – v. II. – Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p.285 – 300.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1945.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1993. (Obra original publicada em 1949).

**José Flávio da Paz** é Pós-doutor em Ensino de Ciências e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas-PPGECH/UFAM; Doutor em Estudos Literários-PPGEL/UNEMAT. Diretor do Centro Cultural, Educacional e Tecnológico Para a Paz-FAPAZ, Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri-PPGL/URCA, Professor Associado (PRO BONO) da Logos University International-UniLogos e Professor EBT\* Visitante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte-IFRN Campus São Paulo do Potengi. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Práxis Transformadora em Educação-FAMEN/DGP-CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Brasil, Cabo Verde: Literatura, Educação e História-UERJ/DGP-CNPq. Lattes iD: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: [jfp1971@gmail.com](mailto:jfp1971@gmail.com).

“

# PALAVRAS CONECTAM. LIVROS TRANSFORMAM.

ESCREVER É MAIS QUE  
COLOCAR IDEIAS NO PAPEL.  
É CRIAR PONTES ENTRE  
MENTES E GERAÇÕES.



## ADEMIR PASCALE

ESCRITOR E EDITOR-CHEFE

Autor, editor e apaixonado por literatura. Dedico minha vida a criar, editar e compartilhar histórias que inspiram e transformam.



### ESCRITOR

Criação de obras que exploram ideias, sentimentos e a condição humana.



### EDITOR

Transformo textos em experiências marcantes, com olhar atento e criterioso.



### COMUNICADOR

Acredito no poder das palavras para inspirar, informar e conectar pessoas.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# CONTOS E POEMAS SOBRE O UNIVERSO

VOL. II

Palavras que atravessam estrelas  
e encontram novos mundos.



EXPRIMA  
SUA VOZ.

Compartilhe sua  
história com o  
universo.



ALCANCE  
NOVOS  
HORIZONTES.

Sua obra pode  
inspirar leitores  
de todo o país.



FAÇA PARTE DE  
ALGO MAIOR.

Uma coletânea que  
celebra a criatividade  
e a imaginação.



SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

## A VIDA EM 2 POEMAS

### *Há mar em meu suor*

Por Flavio Joppert

“essa é de como ouvindo o cantar das conchas  
o poeta faz poesias para proteger o mar”

**E**sse teu nulo sal,  
que a boca salobra  
como meu acre suor  
que torpe sangrar cobra.

Teu doce veneno...  
Os mios do gato...  
Baleia curar moreno...  
Inocente assassinato.

O microscópio eletrônico,  
um silo atômico,  
que ogiva dispara nociva.  
Bombardas e canhões  
de uma vida conotativa.  
Bela vida, bela tua vida  
mediocre coberta de  
láureas merecidas.

### **SOBRE O AUTOR:**

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza.

Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Suspeita de doloso assassinato,  
quando do mar as estrelas encontrar,  
num céu distante de crepúsculo pulsar.  
**Estão mortas!**

Tens teu império.  
Tens tua reputação.  
Devias agir como um ladrão!

Parabéns cabeça de avestruz!  
A vitória, a glória, a fama!  
Ao reflexo especular abuz.

Porque ao mar sujando,  
e a todos envenenando...

“se em teu caminho só existe a tristeza,  
e lágrimas salgadas da solidão,  
busque-a na praia entre  
as estrelas do mar...”

## *Salmo moderno para Namorados Felizes*

(ao Mestre do Namoro)

Por Flavio Joppert

**A**mor e felicidade nos acompanhem  
Como é bom saber que tenho um amor  
A felicidade está na tua existência  
Nosso amor é a felicidade  
Em tua beleza está minha alegria  
Na manhã me alegra o coração o bom dia  
Na noite me pacifica a alma o fim do dia em paz contigo  
O sonho de estarmos sempre juntos já é a felicidade  
Aprender a conviver contigo foi a certeza do amor  
O caminho é mais suave a teu lado  
Tua alegria me refresca a alma  
Tenho você para me acalmar o espírito  
Tua luz me ilumina o caminho  
Teu amor me cura o passado  
Encontrei em você a alegria e a felicidade

### **SOBRE O AUTOR:**

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza.

Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



# A FORÇA DA AÇÃO PARA TRANSFORMAR SONHOS EM REALIDADES

Por **ADEMIR PASCALE**

*A Carlos Misawa é autor de 08 livros, Membro da Académie de Luminescence Française (Paris-França), da Associação Internacional de Escritores e Artistas – LITERARTE, Academia Brasileira de História e Literatura - ABHL e da Associação das Letras. Escritor apaixonado pela literatura brasileira, alma humana e seus mistérios. Traduzo em palavras a complexidade da vida, unindo sensibilidade, profundidade e propósito. Autor de seis livros e participante de mais de 45 antologias nacionais e internacionais, busco tocar, provocar reflexão e despertar consciência. Instagram @ACarlosMisawa*

“

**O SUCESSO  
É MENOS UM  
EVENTO E  
MAIS UM  
PROCESSO.**

A CARLOS MISAWA

”



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** Seu novo livro, *Impulso & Constância*, aborda temas como procrastinação, motivação e transformação pessoal. Como surgiu a ideia de escrever esta obra e o que o inspirou durante o processo?

**A CARLOS MISAWA:** Escrevi 08 livros, neste gênero de auto-ajuda, transformação e autoconhecimento, abordando temas e abordagens diferentes, que se complementam. A ideia deste novo livro, nasceu da observação de algo que vejo diariamente: muitas pessoas têm sonhos, talento e boas intenções, mas acabam paralisadas pelo medo, pela dúvida ou pela espera do momento perfeito. Ao longo da minha trajetória como dentista, empresário, mentor e escritor, percebi que as grandes conquistas não surgem de ações extraordinárias, mas da soma de pequenas atitudes repetidas com disciplina. O livro nasceu justamente desse desejo de mostrar que o sucesso é menos um evento e mais um processo.



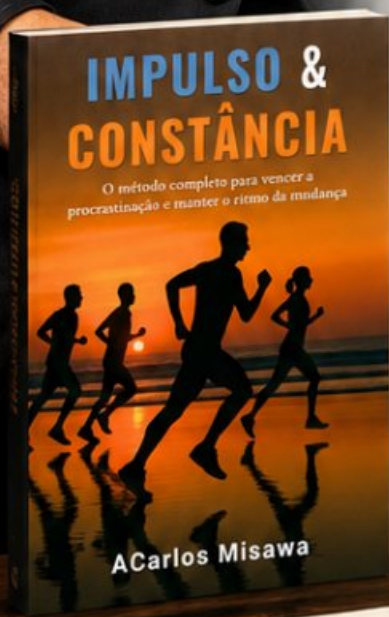
**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** O título do livro destaca duas forças importantes: o impulso e a constância. Como esses conceitos se complementam na construção de uma vida mais produtiva e com propósito?

**A CARLOS MISAWA:** O impulso é o que nos faz começar. A constância é o que nos faz chegar. Muitas pessoas têm entusiasmo para iniciar projetos, mas poucas desenvolvem a disciplina necessária para continuar quando a motivação diminui. A verdadeira transformação acontece quando aprendemos a equilibrar inspiração e perseverança.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** Em sua opinião, quais são os principais fatores que levam tantas pessoas a procrastinar, mesmo quando possuem objetivos bem definidos?

**A CARLOS MISAWA:** A procrastinação raramente é preguiça. Na maioria das vezes, ela nasce do medo de errar, da insegurança, do excesso de informações ou da busca pela perfeição. Muitas pessoas esperam sentir-se prontas para agir, quando na verdade é a ação que gera confiança.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** Ao longo do livro, você propõe a adoção de micro-hábitos e pequenas ações consistentes. Por que acredita que mudanças graduais costumam ser mais eficazes do que grandes transformações repentinas?

**A CARLOS MISAWA:** Porque a vida é construída no cotidiano. Pequenas ações realizadas todos os dias têm mais poder do que grandes esforços esporádicos. Mudanças graduais são mais sustentáveis, menos traumáticas e criam resultados duradouros. A constância vence a intensidade quando o objetivo é permanecer crescendo.

**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** Você é autor de oito livros e atua como escritor, palestrante, empreendedor e mind mentor. De que forma sua trajetória pessoal e profissional influenciou a criação de Impulso & Constância?

**A CARLOS MISAWA:** Este livro é resultado da minha própria caminhada. Vim de uma realidade simples, enfrentei dificuldades financeiras, desafios profissionais e muitas situações em que desistir parecia mais fácil. Tudo o que escrevo foi vivido, observado ou aprendido ao longo de mais de três décadas trabalhando com pessoas, sonhos e transformações.

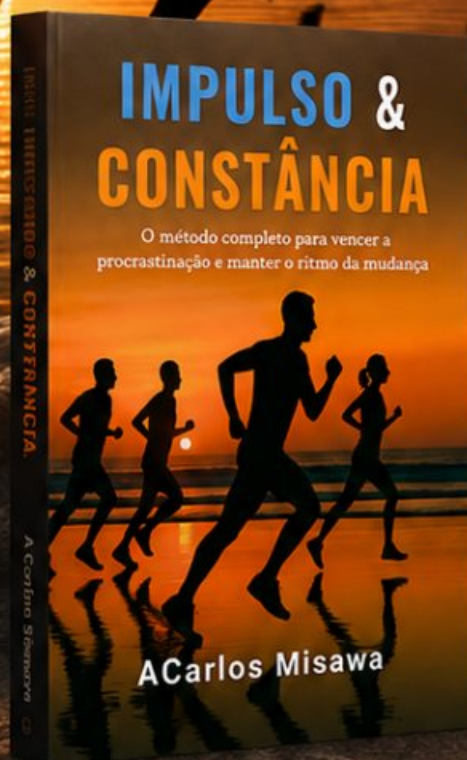
**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** O livro convida o leitor a reconhecer o valor do chamado “progresso invisível”. Como podemos aprender a valorizar os avanços que nem sempre são percebidos de imediato?

**A CARLOS MISAWA:** Precisamos entender que a natureza trabalha em silêncio. A raiz cresce antes da árvore aparecer. Muitas conquistas importantes estão sendo construídas mesmo quando ainda não são visíveis. Valorizar o progresso invisível é confiar no processo sem abandonar o propósito.

**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** Sua escrita costuma unir filosofia aplicada à vida e desenvolvimento humano. Quais autores, pensadores ou experiências tiveram maior influência na construção de sua visão sobre propósito e transformação pessoal?

**A CARLOS MISAWA:** Minha maior influência sempre foi a própria vida. Gosto muito de Viktor Frankl, Augusto Cury, Napoleon Hill e dos ensinamentos bíblicos. Mas também aprendo diariamente com pacientes, alunos, empresários, colegas e pessoas comuns que enfrentam desafios extraordinários. A experiência humana é uma das maiores escolas que existem.

“  
**A CONSTÂNCIA  
É O QUE TRANSFORMA  
PEQUENOS PASSOS  
EM GRANDES  
CONQUISTAS.**  
”

**IMPULSO**

O que nos faz começar.

**CONSTÂNCIA**

O que nos faz chegar.

**TRANSFORMAÇÃO**

O que nos faz permanecer.

**MENOS PERFEIÇÃO. MAIS AÇÃO. MAIS VIDA.**

**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** O lançamento oficial de *Impulso & Constância* acontecerá durante a Bienal do Livro. Quais são suas expectativas para esse momento tão especial e para o encontro com os leitores?

**A CARLOS MISAWA:** Será um momento de profunda gratidão. Todo livro só se completa quando encontra seus leitores. Espero compartilhar ideias, ouvir histórias e, principalmente, inspirar pessoas a acreditarem mais em si mesmas. Para mim, cada leitor é uma oportunidade de criar uma conexão verdadeira.

**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** Para os leitores que estão conhecendo seu trabalho pela primeira vez, o que torna *Impulso & Constância* uma leitura relevante neste momento da vida contemporânea, marcada por tantas distrações e cobranças?

**A CARLOS MISAWA:** Vivemos na era da velocidade, da comparação e da ansiedade. Este livro convida o leitor a desacelerar, refletir e voltar a enxergar valor nas pequenas ações diárias. Ele mostra que o sucesso não depende de talento extraordinário, mas da capacidade de continuar avançando, mesmo em passos pequenos.

**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** Se pudesse deixar uma única mensagem para quem deseja abandonar a procrastinação e iniciar uma jornada de crescimento pessoal, qual seria essa mensagem?

**A CARLOS MISAWA:** Não espere sentir-se pronto. Comece com o que você tem, onde está e da forma que puder. O primeiro passo não precisa ser perfeito, apenas precisa ser dado.

**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:** Para finalizar, como os leitores podem acompanhar seu trabalho, conhecer suas outras obras e obter mais informações sobre seus projetos atuais e futuros?

**A CARLOS MISAWA:** Os leitores podem acompanhar meu trabalho pelo Instagram **@ACarlosMisawa**, onde compartilho reflexões sobre literatura, desenvolvimento humano, propósito e qualidade de vida. Também apresento meus livros, projetos literários, palestras e novos lançamentos. Será uma alegria receber cada leitor nessa jornada de aprendizado, inspiração e transformação.

**“ NÃO ESPERE SENTIR-SE PRONTO. COMECE COM O QUE VOCÊ TEM, ONDE ESTÁ E DA FORMA QUE PUDER. ”**

PRÉ-LANÇAMENTO

## CHEGOU A HORA DE **MUDAR!**



**A REVOLUÇÃO COMEÇA EM VOCÊ.**

Um guia prático e poderoso para transformar intenção **em ação** e conquistar a vida que você deseja.



**VENÇA A PROCRASTINAÇÃO**



**MANTENHA O FOCO E A DISCIPLINA DIÁRIA**



**CRIE HÁBITOS QUE SUSTENTAM RESULTADOS**



**IMPULSO PARA AGIR. CONSTÂNCIA PARA VENCER.**



**“ A mudança começa no impulso, mas é a constância que constrói o sucesso. ”**

**ACESSE E  
DESCUBRA  
OUTROS  
LIVROS QUE  
VÃO TRANSFORMAR  
SUA VIDA!**



**APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR  
PARA O QR CODE E ACESSE AGORA!**



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS SOBRE O TEMPO

◆ VOL. XI ◆


ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

VOLUME XV

## POEMAS SOBRE O TEMPO



SUA VOZ.  
SEU TEMPO.  
SUA POESIA.

 E-BOOK



PARTICIPE  
de uma obra  
coletiva



REGISTRE  
seus versos  
para sempre



FAÇA PARTE  
dessa história  
literária



SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI

REVISTA

# CONEXÃO LITERATURA

Por Ademir Pascale



# MAURO KWITKO

MÉDICO, PALESTRANTE E ESCRITOR,  
FUNDADOR E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA REENCARNACIONISTA.



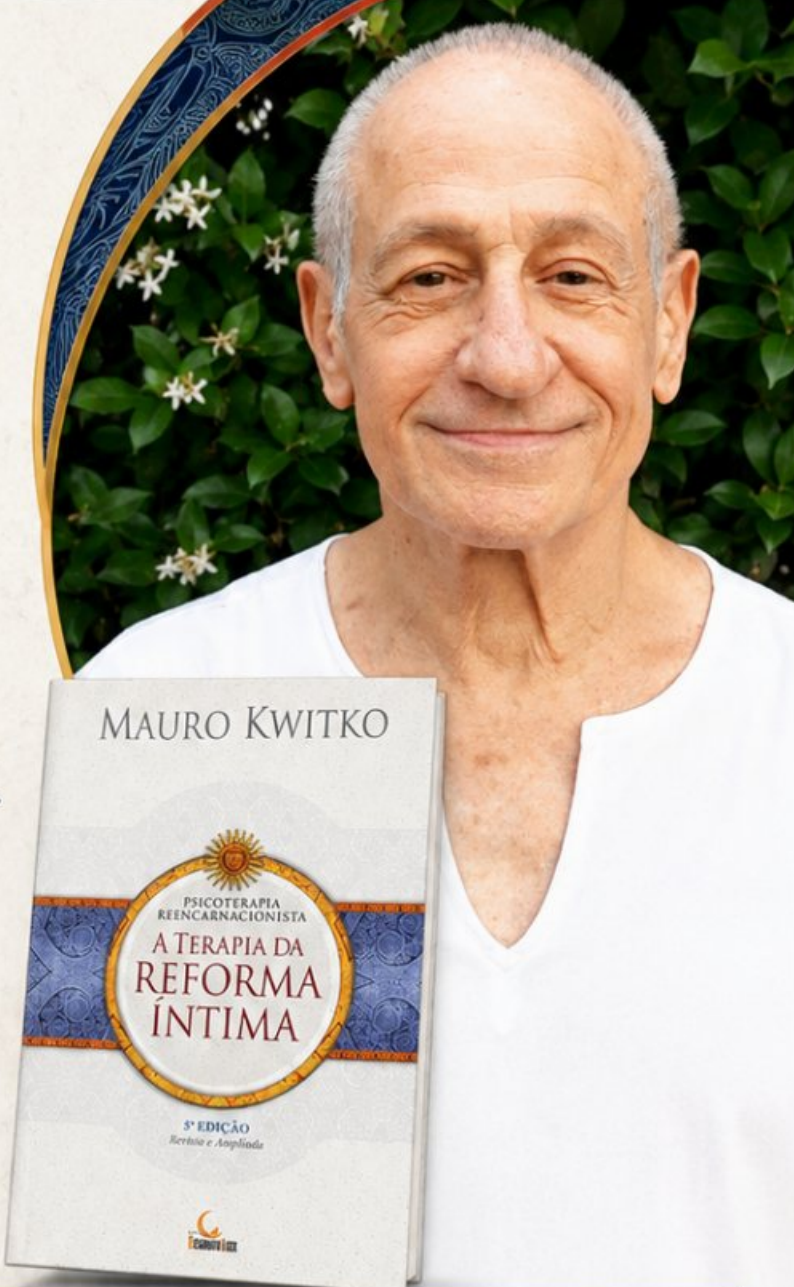
Nasceu em 17 de novembro de 1947,  
às 8:20h, em Porto Alegre/RS.  
É do signo de Escorpião, Lua e Ascendente  
em Capricórnio, Sol na Casa 11 com Mercúrio.



É autor de Cds de  
Hinos Espirituais.



É autor de  
**25 LIVROS EDITADOS,**  
até o momento:



## LIVROS FÍSICOS

- A Terapia da Reforma Íntima
- Jovens Guerreiros e Guerreiras da Luz
- 20 Casos de Regressão
- Como Evoluir Espiritualmente em um Mundo de Drogas
- A Fascinante Vida de Mirta Kassov
- Terapia de Regressão – perguntas e respostas
- Tratando Fobia, Pânico e Depressão com Terapia de Regressão
- (Em breve) E Putin reencarnou ucraniano! e outras histórias

## LIVROS EM E-BOOK

- Autismo e Reencarnação
- Fogo Selvagem e Reencarnação
- Como Aproveitar a Sua Encarnação
- Doutor, Eu Ouço Vozes! – doença mental ou mediunidade?
- Como matar o pensamento suicida
- A Cura da Solidão
- A Importância das Coisas
- Viver para servir
- A Força Espiritual
- Baixa autoestima – uma visão reencarnacionista
- A Reencarnação de Mirta Kassov
- A história de Betinho, que nasceu ladrão
- A Linha do Horizonte – como as pessoas reencarnadas há mais tempo podem aproveitar melhor a sua encarnação
- Reencarnação - a desigualdade social, o racismo e as guerras
- A Arte de Adoçar os Olhos
- Como Voltar a Ser Como Criança

## ENTREVISTA:



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA: Dr. Mauro, o que é Psicoterapia Reencarnacionista?**



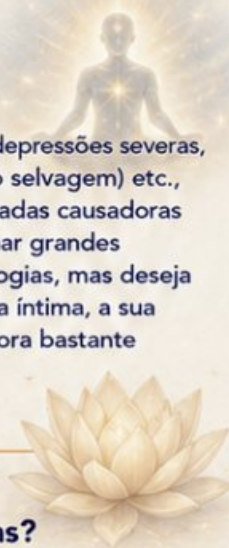
**MAURO KWITKO:** É um novo Paradigma que aborda a Reencarnação enquanto um tema médico e psicoterapêutico, e não como um tema religioso, espiritual. Ela vem para abrir a porta das Instituições Oficiais de Saúde para um passado além desta atual encarnação, trazendo a possibilidade de entender-se as doenças físicas crônicas, as doenças congênitas e vários sintomas mentais e psíquicos que têm a sua origem em encarnações passadas.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**Em que a Reencarnação ajuda as pessoas do ponto de vista da área da saúde?**



**MAURO KWITKO:** Para quem sofre de fobias, pânico, depressões severas, fibromialgia, enxaqueca crônica, epidermólise bolhosa (fogo selvagem) etc., podem ser acessadas as situações traumáticas de vidas passadas causadoras dessas patologias e através do seu desligamento proporcionar grandes melhoras e até a cura. Para quem não apresenta essas patologias, mas deseja saber para o que reencarnou, qual a sua proposta de reforma íntima, a sua missão, a recordação de várias encarnações anteriores colabora bastante para esse entendimento.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**Como se podem acessar encarnações passadas?**



**MAURO KWITKO:** Através das Sessões de Investigação do Inconsciente ("Regressões"), pelo nosso Método sem o uso de hipnose, apenas através de uma meditação profunda. Além da vida passada é, também, acessado o Mundo Espiritual (Período Intervidas) subsequente a cada vida acessada. Essa recordação completa traz muitas informações importantes para um melhor aproveitamento da atual encarnação.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**Mas não é vedado recordar vidas passadas? E a Lei do Esquecimento?**



**MAURO KWITKO:** Em "O Livro dos Espíritos", na questão 399 sobre "O Esquecimento do Passado, consta uma autorização para serem recordadas, mas existe um critério, que a nossa Escola segue rigidamente: *"Mergulhando na vida corpórea, perde o Espírito, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, conserva algumas vezes vaga consciência, e lhe podem ser reveladas. Esta revelação, porém, só os Espíritos Superiores espontaneamente lhe fazem, com um fim útil, nunca para satisfazer a vã curiosidade."* E acrescento: nunca incentivar o reconhecimento de pessoas no passado pelo risco de uma grave consequência psicológica ou kármica.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**O senhor também é escritor, certo?**



**MAURO KWITKO:** Sim, desde a minha encarnação passada em que fui um escritor russo. Reencarnei com esse dom, até o momento são 25 livros editados, físicos e e-books.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**E o senhor escreve apenas sobre Reencarnação?**



**MAURO KWITKO:** Basicamente, sim, faz parte da missão da minha Alma, mas a Reencarnação não do ponto de vista do seu aspecto religioso, espiritual e, sim, sob o enfoque da área da saúde, haja visto que sou médico e psicoterapeuta. E, mais atualmente, do ponto de vista social.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**O que muda em nós de uma encarnação para outra?**



**MAURO KWITKO:** Nada, nós somos apenas a continuação de nós mesmos, encarnação após encarnação, mudando apenas de corpo. Como quem ao trocar de automóvel muda apenas de veículo, nós, ao trocarmos de corpo, mudamos apenas o veículo físico. Isso explica por que cada filho é diferente do outro, os medos, a timidez, a baixa autoestima, autoritarismo, agressividade, que se observam já em crianças, o TOD (Transtorno Opositor-Desafiador), a Psicopatia em crianças etc.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:****Por que a Medicina, a Psiquiatria, a Psicologia, a Psicanálise, não lidam com a Reencarnação?**

**MAURO KWITKO:** Vou contar a história: No ano de 553 d.C., o Imperador Justiniano conclamou o II Concílio de Constantinopla, para decretar que a Reencarnação não existe, para isso, convidou apenas os bispos não-reencarnacionistas. A sua esposa Teodora, ex-cortesã, havia mandado matar antigas colegas e, assustada com o que lhe disseram das consequências disso, pediu para seu marido convocar um Concílio para escapar do "castigo divino".

Dos 165 bispos presentes, 159 eram não-reencarnacionistas e, a partir daí, foi decretado que Reencarnação não existe.

E assim a Igreja Católica tornou-se uma igreja não-reencarnacionista e as suas dissidências levaram consigo esse dogma.

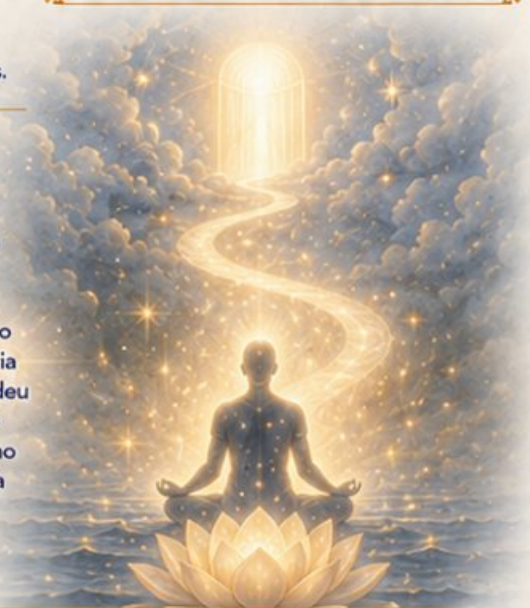
Com o predomínio no Ocidente dessas Igrejas não-reencarnacionistas, criou-se no Consciente Coletivo ocidental a ideia de que Reencarnação não existe, dentro do que se formatou a Filosofia, a Medicina (incluindo a Psiquiatria), a Psicanálise e a Psicologia ocidentais, que também, por coerência, não lidam com a Reencarnação.

**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:****O senhor é fundador da ABPR. O que é essa Associação?**






**MAURO KWITKO:** É uma Entidade sem finalidade lucrativa, fundada em 10 de agosto de 2004, por um pequeno grupo de idealistas, atualmente com um site maravilhoso ([www.portalabpr.org](http://www.portalabpr.org)), uma diretoria muito atuante, 31 Ministrantes de Curso, com Curso de Formação em Psicoterapia Reencarnacionista e Investigação do Inconsciente em 17 estados do Brasil, indo para os demais estados e outros países.

**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:****O senhor vai lançar "E Putin reencarnou ucraniano! e outras histórias" na Feira do Livro de Porto Alegre/2026. Do que ele trata?**

**MAURO KWITKO:** O título fala por si: da ilusão de acreditarmos ser o nosso personagem e não gotas de luz, todas iguais, dentro da Grande Luz, sendo a Própria Luz, é a Maya dos orientais. É acreditar ser branco ou negro, homem ou mulher, judeu ou árabe, americano ou venezuelano ou cubano ou iraniano, ser russo ou ucraniano e outros rótulos das nossas "cascas". Além do entendimento da Reencarnação como um assunto religioso, espiritual, e do entendimento de ser também um tema da área da saúde, ela traz a recordação de nossa identidade comum e pode, nas próximas décadas ou séculos, promover o fim dos nacionalismos tóxicos, do machismo e do racismo.



No site [www.maurokwitko.com.br](http://www.maurokwitko.com.br) acesse na home o Clube de Estudos Dr. Mauro com:

- 1  Todos os seus e-books gratuitamente
- 2  Todos os seus livros físicos com 20% de desconto
- 3  O Curso On-Line "A Psicologia da Reencarnação" com 60 vídeos/aula gravados pelo Dr. Mauro
- 4  Grupo exclusivo no WhatsApp
- 5  Todos os seus Cds/vídeos de Hinos Espirituais
- 6  Tudo que o Dr. Mauro for criando.

— CONHEÇA A FERRAMENTA CRIADA PELA —

# Revista **Conexão** Literatura

A ferramenta que auxilia o **autor** e o **leitor**  
a encontrar com **facilidade** editoras brasileiras.



**BUSCA RÁPIDA**  
Encontre editoras  
em poucos cliques.



**MAIS VISIBILIDADE**  
Conecte sua obra  
a mais oportunidades.



**FEITO PARA VOCÊ**  
Autores e leitores  
conectados à literatura.



**ENCONTRE FACILMENTE AS  
PRINCIPAIS EDITORAS DO BRASIL!**

ACESSE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

Revista  
**Conexão** *Literatura*

CONECTANDO HISTÓRIAS. TRANSFORMANDO VIDAS.

# Quando o inesperado muda tudo

Confira a entrevista com a autora Sheila Sarra sobre o lançamento do romance “*O Enigma*”.

**U**ma mala perdida, um passado em ruínas e um enigma capaz de transformar destinos.

É a partir desse encontro improvável que a protagonista Elisa vê sua vida tomar um rumo inesperado em *O enigma*, novo romance de Sheila Regina Sarra, publicado pela Editora Litteralux.

A trama é marcada por suspense, perigo e descobertas que desafiam os limites entre acaso e destino, com ritmo envolvente e crescente tensão narrativa.

A obra convida o leitor a refletir sobre escolhas, medo e transformação, conduzindo-o por uma jornada em que os enigmas do mundo exterior ecoam profundamente na vida interior.



“ Os mitos não são relíquias do passado, mas espelhos do presente: uma teatralização da própria essência humana. ”

## LANÇAMENTO

*O Enigma* foi lançado no dia 27 de junho, na Livraria Patuscada, localizada na Rua Luís Murat, 40, em Pinheiros.

O evento reuniu leitores, convidados e admiradores da literatura para celebrar a chegada da nova obra de Sheila Sarra.

Revista Conexão Literatura:

Sheila, quais as principais inspirações para a criação da história de *O Enigma*?

**Sheila Sarra:**

Nesta ficção que entrelaça suspense, tensão e mistério, os personagens são levados a situações extremas de estresse, mergulhando em profundos dilemas existenciais.

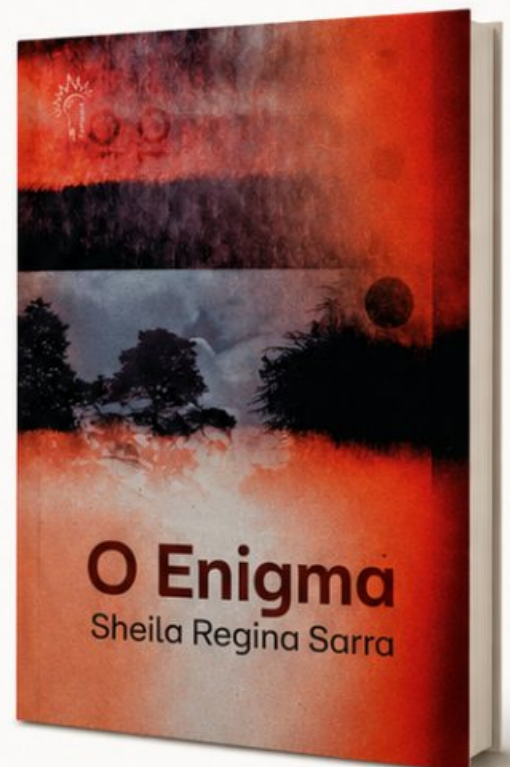
No centro da narrativa está Elisa, uma escritora em crise profissional e existencial, que tem a vida completamente subvertida ao ser tragada pelo caos em torno de uma mala azul abandonada no aeroporto.

À medida que o misterioso objeto desencadeia uma sequência de eventos que desafiam a sanidade dos moradores, a mente de Elisa é inundada por um turbilhão de emoções.

Sob a pressão dos acontecimentos, máscaras começam a cair e as pessoas revelam suas verdadeiras naturezas, mergulhando a cidade inteira em um frenesi alucinante de boatos e elucubrações.

Para enfrentar o medo, a raiva e a angústia coletiva, Elisa recorrerá ao seu profundo conhecimento da mitologia grega.

O romance evidencia que os mitos não são relíquias do passado, mas espelhos do presente: uma teatralização da própria essência humana que joga luz sobre as nossas lutas internas e os desafios contemporâneos.



## Considerando que seu livro se enquadra no gênero romance, quais as principais características ou subgêneros que se destacam na trama?

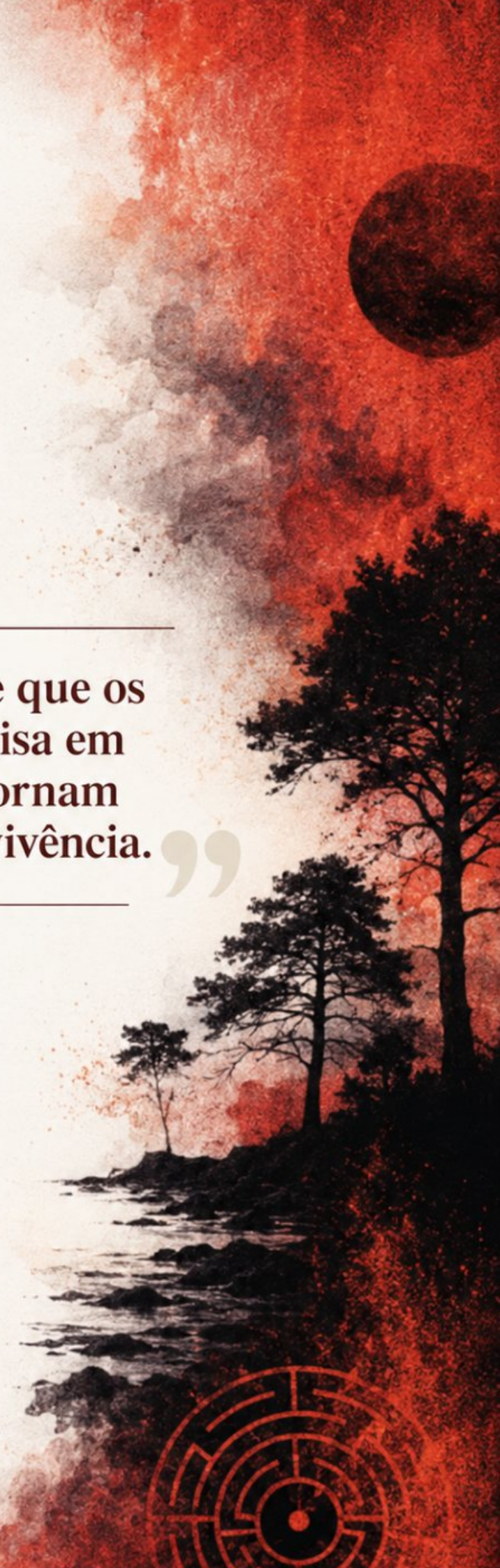
Este é um romance que explora o suspense, o inexplicável e aquilo que apavora por ser destituído de uma explicação racional. Sob o impacto de situações repetidas de medo e ansiedade, esse turbilhão de emoções abala o pensamento crítico da população e abre margem para a emergência de poderosas forças do inconsciente coletivo. Ninguém sabe o que de fato está ocorrendo e todos temem que as coisas possam, de repente, sair do controle. É nesse cenário limite que os conhecimentos de Elisa em mitologia grega se tornam ferramentas de sobrevivência.

“ É nesse cenário limite que os conhecimentos de Elisa em mitologia grega se tornam ferramentas de sobrevivência. ”

## Sobre os leitores, o que eles podem aguardar quando iniciar a leitura de “*O Enigma*”?

Os leitores embarcarão em uma viagem repleta de mistérios e expectativas, onde as tensões se acumulam e a verdade só virá à tona depois de muitos percalços e aflições. As tribulações servem para desvendar os conflitos psicológicos e fazer um paralelo com os modelos presentes na mitologia grega. A solução do enigma parece quase impossível e cria um clima de crescente divergência entre as diferentes hipóteses. Quando tudo parece estar comprometido, surge um último fato que lança uma tênue luz e desfaz a obscuridade, guiando o pensamento para o encontro da verdade. Ao lado do desenrolar da história, a comparação com os mitos abre novos significados e desperta inspirações inusitadas.

O voo da Fênix é capaz de evocar o renascimento para outra existência. A loucura de Dionísio libera a energia para as mudanças. O ritual de Sísifo expõe a insatisfação com a apatia de uma vida sem propósito.



## Qual a mensagem principal que a autora pretende transmitir para o leitor através da história?

Tanto as boas qualidades como as transgressões, os excessos e os desatinos presentes nos personagens da mitologia grega constituem modelos que ainda se repetem na atualidade. Pode haver variações na intensidade e no formato, mas a essência se reproduz com grande similaridade.

Compreender a dinâmica das emoções envolvidas nos mitos gregos pode acrescentar grande valor no aprofundamento da interpretação dos fatos do presente.

O seu estudo oferece subsídios imensamente úteis para a análise da psique humana em qualquer tempo.

“Compreender a dinâmica das emoções envolvidas nos mitos gregos pode acrescentar grande valor na interpretação dos fatos do presente.”

## Como escritora, pretende lançar mais livros do gênero?

Meu primeiro livro, “Quando a Tempestade Chegar” da Editora Urutau, também é um romance de suspense que aborda temáticas políticas, econômicas e emocionais relacionadas à vida em uma pequena cidade do litoral. A pacata rotina dos moradores é subitamente interrompida por notícias perturbadoras, expondo suas reações psicológicas e seus atos impulsivos desencadeados pelos súbitos abalos às antigas crenças.

A desestabilização se torna um motor para transformações que há muito tempo se mostravam necessárias, mas que vinham sendo adiadas em prol da manutenção do habitual marasmo.

O aspecto psicológico é um relevante elemento explorado na obra, ao lado das tensões do meio político e dos interesses econômicos que guiam o comportamento das autoridades.

Para os futuros livros, creio que sempre haverá espaço para trazer à tona os conflitos presentes na sociedade e as leituras e significados que eles carregam.



— — — — —  
Citações de  
**Grandes**  
*Autores*  
— — — — —

PALAVRAS QUE INSPIRAM,  
IDEIAS QUE TRANSFORMAM.



“ Livros são amigos silenciosos  
que nos *ensinam* sem julgar  
e nos *transformam* sem perceber.

# CITAÇÕES

PARA PENSAR, SENTIR E VIVER

Palavras que atravessam o tempo  
e iluminam a alma.

“

Quem olha para fora,  
sonha; quem olha  
para dentro, desperta.

— Carl Gustav Jung,  
em *Memórias, sonhos,  
reflexões*



“

Apenas vivendo o  
presente podemos fazer  
histórias bonitas que  
valham a pena lembrar.

— Khaled Hosseini,  
em *O caçador de pipas*



“

O essencial é  
invisível aos olhos.

— Antoine de  
Saint-Exupéry, em  
*O pequeno príncipe*



“

Não há maior  
agonia do que  
carregar uma  
história não  
contada dentro  
de si.

— Maya Angelou,  
em *Eu sei por que o  
pássaro canta na gaiola*



“

A vida é  
muito curta  
para ser  
pequena.

— Fernando Sabino,  
em *O encontro marcado*



REVISTA  
**CONEXÃO  
LITERATURA**



Participe das nossas

# *Antologias*

Tire o seu conto ou  
poema da gaveta



Ademir Pascale  
Editor

Saiba mais  
**CLIQUE AQUI**

# A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

POR ADEMIR PASCALE



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Antes do início, tudo era um grande vazio, escuro e sem vida. Mas apenas para o conhecimento humano, pois, em uma dimensão diferente, incríveis seres faziam morada num imenso planeta sem cor, possuidores de uma tecnologia tão avançada que não existiam palavras para descrevê-la. Deuses... Sim, eles eram deuses. O conhecimento sobre o tempo não existia, e nem eles próprios sabiam como surgiram. Mas ninguém estava acima deles e nada os ameaçava, nem mesmo a própria morte.

Entre eles existiam deuses adultos: homens e mulheres. Mas também havia crianças, destacando-se um deus-menino chamado Ramurak.

Ramurak era filho de Hamutá e Ranub, um dos mais respeitados deuses. Alguns diziam que ele, Ranub, tinha sido o primeiro do seu povo. Outros arriscavam dizer que ele era o próprio criador de toda a sua poderosa raça. Ele sabia que não era o criador e que esse assunto estava acima da sua compreensão, mas sabia que o seu único filho, Ramurak, era diferente dos outros deuses, pois era o único que possuía sentimentos.

Hamutá, a deusa-mãe, não compreendia os sentimentos do filho e quase sempre rejeitava suas curiosas ideias. Ranub, embora não possuísse sentimentos, sabia o que eram: algo muito perigoso para a sua raça de deuses. Mesmo assim, pai e mãe mantiveram segredo sobre a diferença do filho para com os demais.

Isolado das outras crianças, que mais se pareciam com adultos, os pais, para distraírem o filho, deram-lhe de presente uma pequena esfera por meio da qual Ramurak visualizava todas as cores, algo inexistente em seu planeta.

E, com a palma da mão virada para cima, o pequeno deus deixava a esfera flutuar.

Inicialmente, foi uma grande diversão. Mas depois o brinquedo tornou-se enjoativo. E, em uma pequena nave incolor em formato de esfera, numa das viagens com seus pais pelo deserto do universo em busca de mais conhecimentos, Ramurak, cansado de não ver nada diferente, distanciou-se e, numa pequena distração de Hamutá e Ranub, o pequenino, num estalar de dedos, criou o que é chamado hoje pelos cientistas de Big Bang, o início do desenvolvimento do universo.

Hamutá, percebendo o que o filho fizera, fez sinal de desaprovação. Ranub olhou sério para o filho e depois para a sua criação, enxergando o que aquilo viria a ser: milhares de galáxias com bilhões de planetas habitados. Ele olhou mais uma vez para o filho e, pela primeira vez em sua eterna vida, aprendeu o que era felicidade. A mãe, vendo a cena, acabou compreendendo que o filho acabara de fazer algo grandioso.

A viagem pelo deserto do universo tinha valido a pena, pois ambos aprenderam muito.

E, enquanto retornavam para o seu planeta, os dois, pai e mãe, seguraram, um de cada lado, as mãos do filho, dando conselhos de que um dia ele faria algo ainda maior do que acabara de fazer.

A única coisa que eles não perceberam era que o brinquedo do filho, a pequena esfera flutuante, ficara para trás. E ela vagou e presenciou a formação do universo se expandir e tomar enormes proporções por muito, muito tempo...

Com o passar dos milênios, uma crosta rochosa foi surgindo em torno da esfera, tornando-a um meteoro com mais de oito quilômetros, viajando numa velocidade aproximada de 72.000 km/h, passando por incontáveis estrelas e planetas, sentindo a força vital de cada um deles, presenciando o nascer e o morrer através de destruições naturais e incontáveis guerras.

A esfera, mesmo sendo um ser inanimado, precisava encontrar um destino, um lar que a acolhesse e preservasse a sua existência, mesmo ela desconhecendo qualquer coisa que pudesse destruí-la, pois foi criada por Hamutá e Ranub, pais de Ramurak, o Criador de toda a vida existente no universo, o ser que simplesmente chamamos de Deus.

Ela vagou e selecionou poucos planetas dos quais gostou. Mas um era especial, devido à sua exuberante cor azul.

Sim, depois de vagar por bilhões de anos, ela finalmente encontrou o seu destino: o planeta Terra.

O impacto foi devastador, liberando uma energia descomunal, comparada à de um milhão de bombas atômicas. O ser, chamado Esfera, não pretendia ter causado tamanho caos, mas acabou gerando a destruição de inúmeras espécies, pois a sua queda causou incêndios, chuvas ácidas e a liberação de gases, poeira e partículas de carbono, bloqueando a luz solar e gerando uma drástica queda na temperatura do planeta. Com o passar dos anos, apenas os seres mais resistentes sobreviveram.

A Esfera, fora do seu rochoso casco, vagou solitariamente pelo nosso planeta e vislumbrou, aos poucos, que ele se reerguia e novamente ganhava vida.

O tempo passou e a Esfera, cansada de vagar a esmo, encontrou morada numa pequena caverna. Ali ela estaria protegida. E, mesmo sendo considerada um brinquedo nas mãos de um deus-menino, era a criação de dois poderosos deuses. De certa forma, ela sabia que deveria ficar naquela caverna e esperar.

Esperar por alguém que precisasse dela. Esperar por alguém que a possuísse. Pois ela nasceu apenas para servir. Esta era a sua função.

E ela esperou solitária nas trevas de uma simples cavidade rochosa.

Ela que vislumbrou o nascimento do universo. Ela que presenciou nações inteiras sucumbirem pela ganância de seus líderes. Ela que esteve presente no momento fúnebre da morte de milhares de estrelas. Ela que agora adormece esperando apenas que algo ou alguém a encontre.

Até o dia em que percebeu que não estava só: o som de crianças brincando do lado de fora da caverna a despertou do transe. Finalmente chegara o momento de mostrar ao

mundo que ela existia. E que um dia esteve nas pequeninas mãos do Grande Criador de todas as coisas.



**Ademir Pascale:** Paulista, escritor e ativista cultural, é casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.com.br>). É chanceler da Academia Brasileira de Escritores (ABRESC) e associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já atuou como educador social e também trabalhou durante 18 anos no setor de Inclusão Digital da cidade de São Paulo, em uma rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em diversas partes do país e do mundo, realizando um trabalho voltado a pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Participou de mais de 100 livros, com contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro *Nouvelles du Brésil* (França), com xilogravuras de José Costa Leite.

É organizador dos livros *Possessão Alienígena* (Editora Devir) e *Time Out – Os Viajantes do Tempo* (Editora Estronho). Fã número 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs.

Autor dos romances *Jornal em São Camilo da Maré* e *O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe*. Entre as antologias que organizou, destacam-se os títulos *O Legado de Edgar Allan Poe*, *Histórias Para Ler e Morrer de Medo*, *Contos e Poemas Assombrosos*, entre outros.

Também escreveu a introdução do li *Bloody Mary – Lendas Inglesas* (Editora Dark Books).

Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# PACOTE

# divulgação

## PARA AUTORES

PROMOVA O SEU LIVRO  
COM A GENTE!



Quer divulgar seu livro para

# MILHARES DE LEITORES?



AUMENTE SUA  
VISIBILIDADE



PROMOVA  
SEU LIVRO



CONQUISTE NOVOS  
LEITORES

PACOTE DE DIVULGAÇÃO

POR APENAS

# R\$180,00

ENTRE EM CONTATO!



E-MAIL:

[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



[revistaconexaoliteratura.com.br](http://revistaconexaoliteratura.com.br)

“ UM BOM LIVRO  
MERECE SER LIDO.  
E DIVULGADO! ”



# Quebra-cabeça



Por **Idicampos**

Ao abrir os olhos, deparou-se com o canto da parede, no ângulo em que a visão lhe proporcionava uma perspectiva de observação do mundo girando em torno do próprio eixo. Percebeu, na solidão daquele instante, uma reflexão sobre o início da vida. Os valores sociais impunham-se, ávidos por ditar as regras da convivência em sociedade.

Os primeiros passos foram relativamente fáceis; o difícil seria a comunicação com os semelhantes, pois apresentava dificuldade em pronunciar os fonemas do idioma. Os vocábulos encadeados na estrutura sintática da Língua Portuguesa eram insuficientes para introduzi-lo ao diálogo.

Deoclésio dominou o esquema corporal precocemente, aos três anos. Percorria todo o perímetro da casa, rabiscava as paredes e deixava as marcas das mãos impressas pelos cômodos.

Relacionava-se com as imagens do cotidiano com exatidão e guardava na memória os detalhes da plasticidade espacial. Adorava passear com a mãe na Praça Presidente Castelo Branco, no Centro de Paracambi.

Acolhido no seio materno, seguro de si, desfilava sua ingenuidade infantil com naturalidade. Conhecia intimamente as traças residentes no teto, convivia em paz com os mosquitos e tinha a lagartixa como melhor amiga.

Na companhia da lagartixa Filomena, confidenciava as inseguranças em relação aos adultos, os medos enterrados na mente e a imprevisibilidade da sociedade humana que o aguardava. Com Filomena, comunicava-se por telepatia; todavia, jamais pronunciava uma única palavra diante de qualquer pessoa.

A genitora, depois que o pai foi embora, envergonhado de assumir o filho autista, criou-o sozinha. Mais tarde, após receber intensa estimulação da fonoaudióloga na escola pública, finalmente brotou em seus lábios a primeira palavra, no dia em que completou quatro anos: "mamãe".

Lealina, mãe solo, trabalhava pela manhã na assistência social, profissão respaldada por seu diploma universitário. Efetivada por concurso público, prestava serviços à Prefeitura do Município de Paracambi.

De repente, aconteceu um salto na aprendizagem de Deoclésio: o letramento escolar superou os entraves da fala engasgada. Contudo, as palavras nunca lhe foram de grande valia; preferia ler revistas em quadrinhos e escrever no diário.

Taciturno, enclausurado em uma alma resignada, absorto na ânsia de transpor as barreiras neurológicas, mantinha o silêncio como característica predominante da personalidade.

Começou a estudar com afinco, concluiu o ensino fundamental com brilhantismo no colégio estadual e ingressou, com mérito, no curso técnico em Tecnologia da Informação. Ali, na linguagem digital, ganhou fôlego para ingressar no universo da inteligência artificial.

Incorporou ao raciocínio a maleabilidade dos bancos de dados e da inteligência artificial, venceu a ignorância natural e estabeleceu fronteiras entre o pensamento crítico e os arquétipos impostos pela massificação das redes sociais.

Ingressou na universidade federal por meio das cotas destinadas aos estudantes oriundos de escolas públicas. Prosseguiu os estudos em Ciência da Computação e desvendou os mistérios da codificação dos algoritmos.

Ao lado dos colegas, também diagnosticados com autismo de nível 1, criou uma empresa de consultoria cibernética destinada a suprir as dificuldades tecnológicas das pessoas com transtorno do espectro autista.

Juntos, começaram a desenvolver um site voltado à melhoria da qualidade de vida das pessoas autistas. A plataforma reunia conteúdos sobre namoro, jogos, literatura autista, crônicas conjunturais, reflexões políticas e um glossário de oportunidades. No desenrolar da iniciativa, associaram-se a empresas dispostas a empregar pessoas com esse perfil de neurodesenvolvimento.

O endereço eletrônico era dedicado à busca da felicidade e tornou-se conhecido pelo lema: "Se, para contrair os músculos faciais na tristeza, gastamos mais energia do que ao sorrir, então, ao menos por economia, sorria."

A tese inclusiva tomou conta da cidade. As postagens, direcionadas às pessoas excessivamente centradas em si mesmas, contagiaram o Município de Paracambi. Aos poucos, a população passou a se interessar pela filosofia existencialista.

Deoclésio incentivava os seguidores a rir da ignorância humana diante dos pequenos problemas gerados pela objetivação do comportamento conservador. Afirmava que o milagre da vida exigia uma celebração constante. Afinal, a presença no planeta Terra deveria ser comemorada sempre que o sol surgisse no horizonte.

A iniciativa revolucionária entusiasmou os médicos de vanguarda do município e os estimulou a utilizar terapias de reprogramação genética, protagonizando avanços na medicina regenerativa. O estudo desse novo conhecimento trazia à tona a possibilidade de reconfigurar o cérebro.

Os profissionais da saúde colocaram a mão na massa para viabilizar a longevidade, contrariando os interesses da indústria farmacêutica, acostumada a lucrar com as doenças da velhice.

Os professores, mobilizados pela ação transformadora, introduziram nas escolas a pedagogia da educação sexual, destacaram o prazer como instrumento de autoconhecimento, impulsionaram a aceitação da diversidade de gênero, revelaram às meninas a descoberta da libido e mitigaram os traumas gerados pela opressão patriarcal.

Os advogados abandonaram a zona de conforto da injustiça e, orientados pelo domínio das leis, passaram a defender a pauta do lazer remunerado. Venceram, na Justiça do Trabalho, causas relacionadas à redução da carga horária, à criação do décimo quarto

salário, às férias em dobro e à oferta de acompanhamento psicológico nos ambientes de trabalho. Era uma infinidade de ações voltadas ao reequilíbrio das relações entre o capital e o trabalho.

Os guardas municipais daquela parte da Baixada Fluminense corroboraram as novas ideias. Começaram a opor-se à agressão desenfreada, procuraram compreender as raízes dos conflitos sociais, combateram a proliferação de armas e promoveram atividades de ressocialização dos meliantes.

Os poetas, munidos de pedras de giz, riscaram as portas de aço dos comércios com poesias de amor. A população deu asas à imaginação. A felicidade ganhou as ruas, e ninguém mais teve vergonha de demonstrar afeto em público.

Quem pouco se agradou foi o prefeito Onofre Olho Gordo, o qual mandou realizar uma pesquisa sobre a aceitação popular do movimento autista no município, bem como sobre as consequências dessas atividades na intenção de voto do eleitorado paracambiense.

Deoclésio chutou a bola para a frente, enfrentou a oposição, contrariou os desafetos e atravessou a linha do impedimento: fundou a Casa Infinita. A proposta visava abraçar as demandas das pessoas autistas em Paracambi. A Fundação Casa Infinita oferecia inúmeros cursos: canto, teatro, artes plásticas, dança, capoeira, violão e literatura. Um conjunto de expressões artísticas direcionadas às pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

No canto, soltaram a voz e despertaram a riqueza dos timbres. Surgiram sopranos agudíssimos, contraltos gravíssimos, tenores potentes, barítonos versáteis e baixos de sonoridade imponente.

Nas artes cênicas, encenaram textos teatrais escritos por autistas cujos dramaturgos pertenciam ao nível 2 do espectro. Os atores interpretaram as personagens munidos das descobertas extraídas das cavernas profundas do inconsciente.

Nas artes visuais, participaram autistas de nível 3, considerados clinicamente severos; entretanto, exímios pintores do espírito. Esses ases da introspecção trouxeram para as telas uma explosão de cores repleta de abstração.

Os passos da dança dialogaram com os movimentos do planeta e os gestos dos animais, revelando um domínio excepcional das articulações do corpo. Os espectadores perceberam, nas performances, as nuances da natureza.

Na capoeira, criaram várias articulações: a Lua Inteira, o Gorila Esperto, o Salto Imortal, o Ligado Desarmado, a Marreta Aborrecida, a Tesoura Cega e o Rolê Positivo, uma sequência de golpes difundidos na ginga do terreiro.

Organizavam as notas das partituras em harmonia com a música das esferas, pois possuíam a capacidade inerente de escutar o som dos planetas. Compunham melodias ao violão apreciadas pelos melhores ouvidos contemporâneos.

Na literatura, lavaram a égua: promoveram a maior incursão urbana da história literária brasileira. Transformaram o município de Paracambi em uma coletânea de poemas ao ar livre.

Enquanto isso, o resultado da pesquisa estatística encomendada pelo partido do prefeito surpreendeu os dirigentes da poderosa sigla. A população de Paracambi estava radiante: a Casa Infinita, associada à infinidade de possibilidades da mente, ganhara notoriedade, e os autistas haviam agregado valor à até então deficitária cultura do município.

Em meio à efervescência cultural, os poetas viviam de papo para o ar, declamando versos nas esquinas; os guardas argumentavam com inteligência diante dos pequenos delitos; os advogados sentavam-se na praça para garantir o cumprimento das leis; os professores tratavam de exterminar a ignorância; e os médicos defendiam a aplicação do método científico. Então, a tristeza fugiu do Município de Paracambi com um nó no rabo.

Em contrapartida, a corrupção diminuiu, os homicídios chegaram a zero, os tribunais reduziram as pilhas de processos, o povo lotou as escolas e a medicina alternativa proliferou.

Onofre, chefe do Poder Executivo municipal, ficou desesperado, pois o índice de insatisfação com sua gestão aumentou. Os cidadãos passaram a exigir calçamento, transporte gratuito, saneamento básico, investimentos em educação, construção de hospitais e a criação imediata do Teatro Municipal de Paracambi.

A indústria farmacêutica reagiu, alegando perda de faturamento em razão da diminuição do consumo de medicamentos, causada pela ideologia da proposta cultural. O juiz questionou o ócio dos guardas municipais, argumentando que isso traria prejuízos à manutenção da profissão. O vigário alertou as autoridades de que, caso houvesse plena satisfação dos fiéis, a comunidade correria o risco de deixar de acreditar em Deus.

Onofre Olho Gordo solicitou, por ofício, uma reunião urgente com o Legislativo municipal: era necessário dar uma resposta ao projeto da Casa Infinita. O vereador Alexandro Mela Cueca, presidente da Câmara Municipal, apresentou uma emenda, conhecida como "Lei da Mordança". Aprovada em plenário, sob forte lobby da classe dominante da região, a medida determinou a construção de um muro para isolar a Fundação.

A Fundação Casa Infinita tornou-se uma ilha, cercada de cidadãos por todos os lados, mas isolada do convívio democrático. Ficou sumariamente impedida de exercer qualquer tipo de contato com a sociedade, contendo, assim, os supostos malefícios atribuídos às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

# PARTICIPE

— DA ANTOLOGIA —

# POESIAS AO VENTO

— VOL. XVI —

*Sua poesia  
merece voar!*

A Revista **Conexão Literatura** convida você para fazer parte desta antologia que reúne poetas de todo o Brasil em uma celebração da sensibilidade, da palavra e da liberdade criativa.



#### PUBLICAÇÃO NACIONAL

Seu poema em uma obra com distribuição digital.



#### EXPOSIÇÃO E RECONHECIMENTO

Seja lido por milhares de leitores apaixonados por poesia.



#### PROJETO PROFISSIONAL

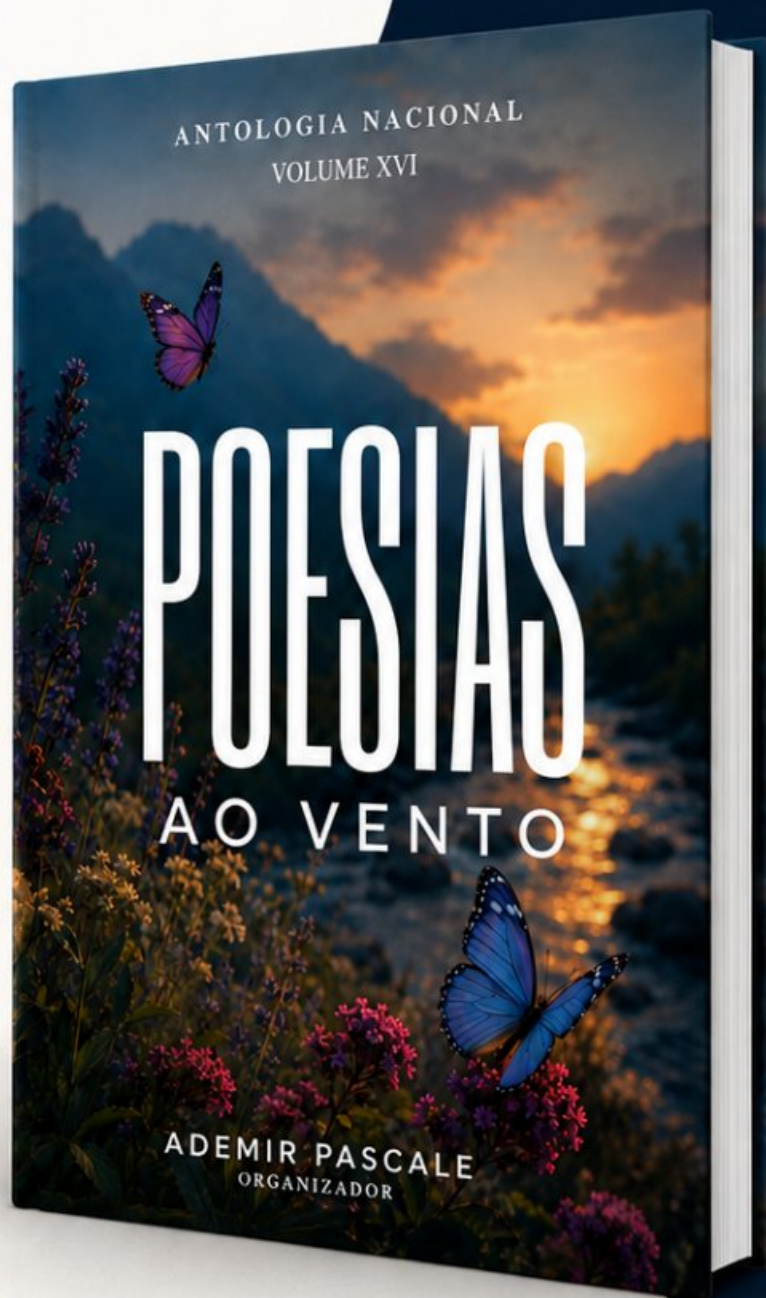
Formato digital com projeto gráfico de alta qualidade.

**SUA VOZ. SUA POESIA. PARA O MUNDO.**

**SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI**



ANTOLOGIA  
NACIONAL  
VOLUME XVI





# INOCÊNCIA E PENITÊNCIA

*Por Ivana T. Souza*

“A alma nada sabe e tudo sabe, pois o Amor puro dissolve a separação entre criatura e Criador.”

**Marguerite Porete**

*(O silêncio das almas simples...)*

A fila para a confissão das crianças, que fariam a Primeira Comunhão no domingo seguinte, era enorme. A menina, assaz miúda, de cabelos encaracolados e escuros e faces brancas como cera, aguardava, ansiosa e ensimesmada, a sua vez, mergulhada em um conflito doloroso por si só. Como se não bastasse a agitação emocional e mental, sentia um medo de padre que beirava o irracional. Seu maior drama, no entanto, era outro: não se sentia pecadora; tudo o que confessaria seria uma grande farsa.

O temor que sentia dos padres não tinha explicação, mas possivelmente nascera da excessiva reverência que presenciava em algumas pessoas, quando as via dirigirem-se ao sacerdote, tratando-o com extrema deferência, como se fosse uma pessoa santa e incomum. Aquela atitude despertava, em sua visão infantil, muitas perguntas:

*Será que padre dorme de batina? Se é chamado de "santo padre", então ele não peca; deve ser inocente. Mas e se não for inocente? Padre se confessa com quem? Direto com Deus? E, se ele pode se confessar diretamente com Deus, por que a Igreja ensina que as outras pessoas precisam se confessar com um padre? Se o padre pode, então todos podem. Deus seria seletivo?*

Todas essas perguntas lhe causavam estranheza e grande inquietação.

O fato de saber-se sem pecado estava vinculado a um ritual religioso típico das regiões do interior, onde era comum a chamada "mesa de inocentes", organizada para o pagamento de promessas. Ela nunca fora convidada para uma dessas mesas, o que muito a entristecia quando pensava em todos os doces servidos aos inocentes.

*Será que Deus exige pagamentos? Talvez sim; senão, como explicar a existência da "mesa de inocentes"?*

E, quanto mais questionava, mais perguntas surgiam em sua mente infantil: se as crianças que participavam das "mesas" eram inocentes, então todas as demais também o eram. Nada justificava a confissão de uma criança. Vão confessar o quê ao padre? Travessuras e peraltices?

Aprendera na catequese que Deus é Amor Divino e que perdoa sempre. Estaria a Igreja acima da Verdade e do Amor Divino? Quem teria mais poder? Talvez houvesse algo de errado que sua limitada compreensão infantil ainda não fosse capaz de alcançar.

Enquanto aguardava a sua vez, ficou pensando nas traquinagens que fazia (seus supostos pecados), prestes a serem encenadas e penitenciadas.

Fazia malcriação? Fazia, sim, mas toda criança também fazia.

Mentia? Quase sempre; senão, como escapar de umas boas chineladas?

Falava palavrão? Falava, mas Deus sempre perdoa, pois Deus é Amor.

Roubava? Roubava, sim, juntamente com outras crianças, as ameixas da dona Dota, pois o buraco da cerca era bem grande: um convite irresistível ao doce delito. E, se isso era pecado, a penitência já estava bem paga, porque comiam as frutas, às vezes ainda meio verdes, o que lhes causava fortes dores de barriga, obrigando-as a tomar chá de losna (*Artemisia absinthium* L.) ou chá de catinga-de-mulata (*Tanacetum vulgare*), ambos amargos como fel e capazes de quase fazê-las vomitar as vísceras. Uma penitência literalmente amarga.

A fila seguia morosamente, enquanto ela buscava na consciência aquele pecado que mais ofendesse a Deus. Porém, não o encontrou. Recordou-se apenas do dia em que fora mordida no rosto por uma menina, que lhe deixara a bochecha marcada e dolorida. Entre o choque e a dor, não revidara diante daquela violência gratuita; apenas desejara que a agressora ficasse com as gengivas desdentadas. Ainda assim, continuava inocente, pois era a vítima — vítima de outra criança.

Se a fila não andava, seu pensamento voava. Pensou no vestido branco, no véu, na grinalda de pedras nacaradas, nas meias longas, branquinhas como a geada sobre os pastos, e nos sapatos igualmente brancos. Imaginou-se toda vestida de branco, noutra fila, à espera da Eucaristia como uma noiva, naquela mesma igreja. Noiva de Cristo.

Finalmente chegou a sua vez. Dirigiu-se ao confessionário como uma criança que teme o escuro. As pernas tremiam. Ajoelhou-se, sentindo-se como uma ré diante de um tribunal, perante um juiz vestido de batina preta e estola roxa: o santo padre.

Engasgando as palavras que decorara para não esquecê-las, falou:

— Padre, dai-me a vossa bênção, porque pequei...

E, mentalmente:

*Sou inocente. Sou criança...*

Então desfiou uma série de travessuras, que o padre interpretou como pecados veniais, aplicando-lhe, como penitência, dez pai-nossos e dez ave-marias.

Sobrevivendo ao temido encontro com o padre, na condição de pecadora, seguiu para o altar e, de joelhos, rezou, contando nos dedos para não perder a conta.

Pagara a descabida penitência.

\*\*\*

**P.S.:**

"Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o Reino dos Céus."

(JESUS)

*(Todas, com ou sem violência de consciência, sem exceção.)*



**Ivana T. Souza** é catarinense de Barro Branco, distrito de Lauro Müller, no sul do Estado de Santa Catarina, e reside há mais de 30 anos em Joinville (SC). Seus trabalhos literários — contos, microcontos, poemas e poesias — são publicados na **Revista Conexão Literatura**. É esperantista e membro da Mostra de Arte Literária Espírita (CEPS) de Joinville.

2026

# Patrocine a REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores, etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgada no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

## SUA MARCA EM DESTAQUE:



### VISIBILIDADE

Sua marca para milhares de leitores apaixonados por literatura.



### CREDIBILIDADE

Associe sua marca a conteúdo de qualidade e relevância no universo literário.



### ALCANCE

Divulgação no site, edições mensais e redes sociais que não param de crescer.



### CONEXÃO

Conecte sua marca a uma comunidade fiel, engajada e inspiradora.

SAIBA COMO:

[CLIQUE AQUI](#)

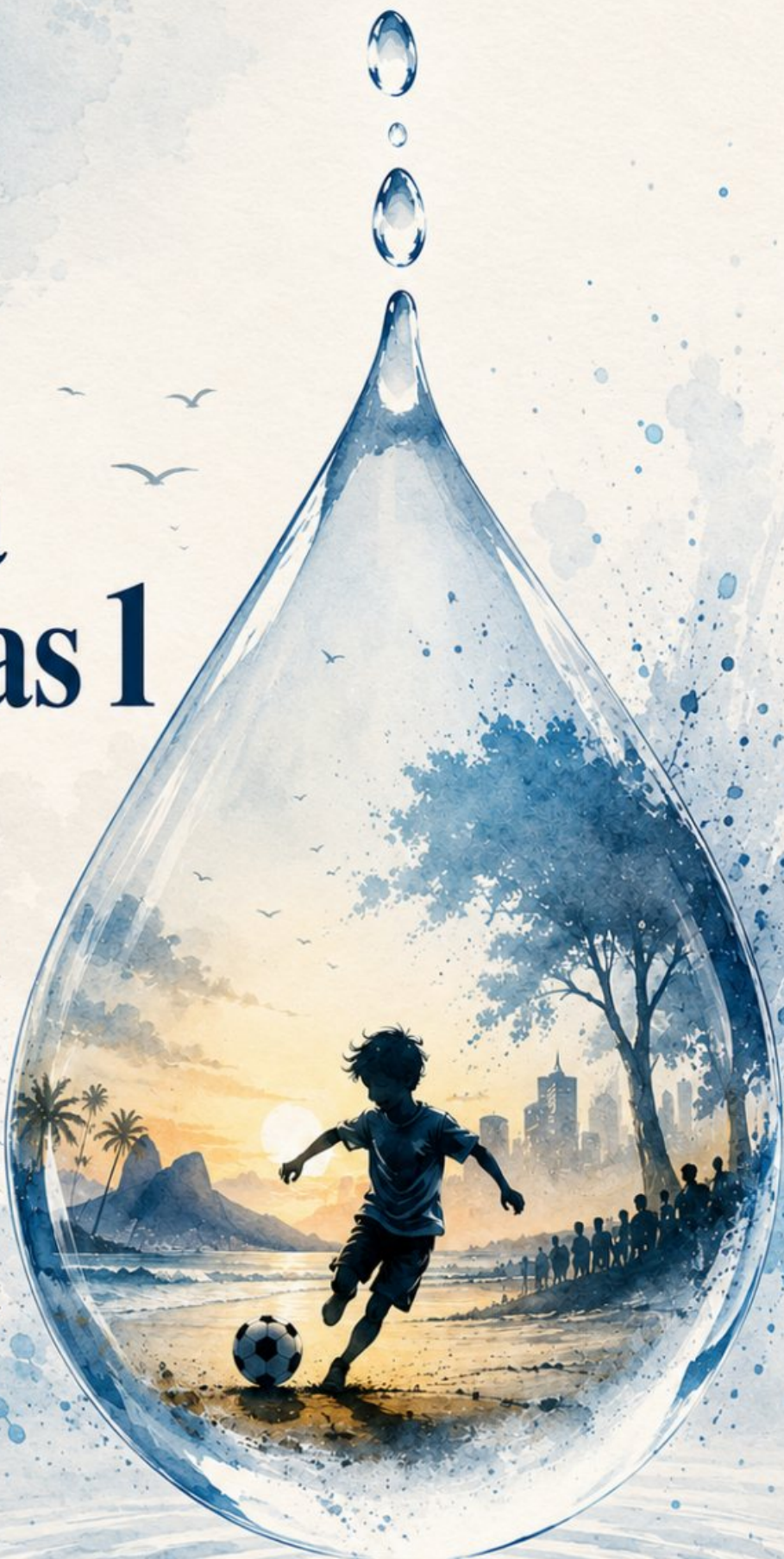


WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

# A Vida em Gotas 1

*Uma Gota*

Por  
**Jaff Silva**



Neste conto, os nomes são absolutamente fictícios.

— João: Grande dia, não é mesmo?

— Carlos: Depende da região do mundo. Na Ásia, está chovendo a cântaros.

— José: Mas, no Brasilzinho, o tempo é de praia.

— João: Espero que os cântaros aguentem e não saiam espalhando chuva grossa.

— José: Não tô nem aí. Minha praia é jogar futebol de praia.

— Carlos: O menino está se espaiando!

— João: É verdade que está chegando a sua vez.

— José: João, João, vou para o Brasil, não é?

— Carlos: Ele não pode mentir, mas pode ficar calado.

— João: Brasil, China ou uma ilha no Pacífico não é importante. Você deveria estar preocupado em ser feliz.

— José: Feliz eu já sou e sempre serei. Vou jogar meu futebol com muita categoria!

— João: Mas as coisas mudam. Você terá uma parte biológica. E seus genes serão formados aleatoriamente. Isso terá grande importância na sua personalidade.

— Carlos: Sem contar que você estará imerso em um ambiente social que dependerá do país para o qual você for, da sua classe social, da sua família, dos amigos e do escambau!

— José: Meu Deus, como vocês são preocupados. Eu tiro isso de letra. Minha essência é muito forte. Posso ser macho, fêmea ou de outro sexo. Posso ser rico ou pobretão. Posso estar até em uma família não muito adorável. Minha essência é mais forte que o tal escambau. O que é mesmo escambau?

— João: Logo você vai saber. No primeiro jogo de futebol, um moleque pode te contar. O escambau aqui não é irrelevante. Quando você se torna um ser humano, o biológico é determinante. Em seguida, o ambiente vai te moldar. Olha, você pode se tornar um craque, um engenheiro ou mesmo um criminoso.

— Carlos: Não estrague o humor do menino, logo hoje. Ele vai partir por cerca de nove meses para o sono primordial.

— José: Me conta uma coisa. Eu sou de natureza boa. Talvez seja ainda um pouco ingênuo. Como eu poderia me tornar um bandido? Para mim, isso é inacreditável! Vou jogar bola.

— João: Você terá sensações e instintos biológicos. Além disso, seu cérebro será formado durante o grande sono, e ele alterará sua essência. Alguns processos químicos no cérebro formarão sua personalidade. A sua essência é apenas um potencial.

— Carlos: Mas o menino tem dom para o futebol.

— João: É verdade. A gente percebe isso assim que ele toca na bola.

— José: Primeira coisa coerente que você falou até agora. Quando a bola rola, eu tenho uma sensação indescritível, um deslumbramento.

— Carlos: Espera para sentir o sexo. Aí você saberá o que é o deslumbramento biológico.

— João: Calma, Carlos. O sexo virá na hora certa. Na verdade, José, você pode nem gostar de sexo! A biologia e o social, às vezes, conseguem arruinar qualquer essência. Talvez você nunca jogue bola...

— José: Caramba. Você é pessimista até a alma. Vou tomar um pouco d'água para melhorar meu astral.

José se afasta correndo, com aquela alegria ingênua que só quem joga bola conhece bem.

— Carlos: Você viu o futuro dele, não é?

— João: Sempre vejo todas as realidades possíveis. Sinto uma tristeza pelo futuro dele.

— Carlos: E qual é?

— João: Ele morre no parto.



**Jaff Silva** (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, “Versos Sem Dó”, na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).

POR NEY ALENCAR

# A MORTE DE UM DRAGÃO



O suor misturado ao sangue esmeraldino do dragão ainda escorria pela armadura amassada de Sir Vaine quando ele avistou o vale no fim da floresta!

Suas mãos ainda tremiam e seu coração pulava endoidecido dentro do peito.

Vencera o monstro afinal!

Seus pensamentos se voltaram por um instante para a Princesa Aurélia, que certamente o esperava diante das portas do castelo em seu vestido branco com pérolas costuradas.

Não havia visão mais bela!

O contraste dela com o dragão fora terrível.

Fora assoberbado pelo medo ao parar diante da boca escancarada da caverna que surgia por entre a densa névoa no lado da colina coberta de plátanos, uma fina linha de fumaça esverdeada em um tom doentio escapava por uma das bordas e o vento que redemoinhava por ali lhe trouxe o ignominioso e pungente fedor acre de amêndoas amargas ou mesmo o odor sufocante de alguma besta selvática.

Sequer conseguira pronunciar em voz alta o desafio exigido!

Notara partes de armaduras enferrujadas e pedaços de espadas e lanças quebradas jogadas e semienterradas por ali, um sinal claro e incontroverso de que nenhum outro cavaleiro havia tido sucesso na empreitada contra a besta.

Desembainhou sua espada, sentindo-se mais confiante ao sentir o aço frio entre os dedos, e já ia entrar no covil quando sentiu a terra estremecer e um jorro esmeraldino foi cuspidado e queimou o capim justo aos seus pés com um fedor apodrecido.

Deu um salto para trás e então a fera surgiu pela boca da caverna.

Era colossal e tremenda!

Sua silhueta era imponente, exibia escamas imensas como placas rígidas e grossas pelo corpo em tons de esmeralda e oliva, desgastadas pelo tempo e marcadas por cicatrizes de lâminas de outras épocas, recobertas em algumas partes por musgos e líquens que pareciam crescer de seu próprio corpo, deixando descoberto apenas seu abdômen.

O pescoço delgado era como a cabeça serpentina de onde brotava uma crista pontiaguda que começava logo acima dos olhos pretos como poços de maldade que brilhavam com uma intensa luz pálida e se estendia pelas costas até o fim da cauda pontiaguda.

Tinha tentáculos semelhantes a bigodes que se estendiam de seu queixo, quase como se fossem uma barba, dos quais a criatura sentia imenso orgulho!

Seu focinho era longo curvado para baixo de forma a se parecer quase com um bico sutil, repleto de dentes amarelados e desgastados, mas incrivelmente afiados.

A besta pareceu querer dizer-lhe alguma coisa, porém Sir Vaine não esperou!

Não era dado a conversas desnecessárias!

Correu de inopino para a frente da besta e antes que esta pudesse esboçar qualquer movimento passou a lâmina da espada cortando a carne justamente abaixo da jugular.

Jatos de sangue esmeralda jorraram da ferida mortal!

O cavaleiro não prestou atenção há nada, porém com outro movimento agressivo estocou profundamente o gume da espada exatamente no coração do dragão.

Talvez se tivesse hesitado apenas por um instante poderia ter percebido, como não percebeu, que a besta tentava articular palavras que saiam em uma torrente gorgolejante por causa do sangue que lhe obliterava a fala! Não pode!

Em segundos a luta terminara!

A terrível criatura estava morta e a paz tornaria a reinar na floresta e no vale adiante.

A Princesa Aurélia estaria a salvo finalmente!

Sir Vaine limpou a espada e a guardou, tendo o cuidado de não tocar no sangue da besta, pois sabia de antemão que era extremamente venenoso e qualquer ferida, por menor que fosse, poderia mata-lo de forma imunda e excruciante.

Deixou o corpo ali exposto.

Não entrou no covil para reclamar o tesouro, pois bem sabia que tesouros assim adquiridos sempre vinham com uma maldição terrível e estas eram geralmente de uma eficácia tal que desestimulava sua obtenção.

Virou-se e retornou pelo caminho de onde viera.

O coração ainda aos pulos sem conseguir acreditar no próprio feito.

Na borda da mata já imagina a festa, o banquete que os aldeões preparariam em sua homenagem e a proposta de casamento que faria à Princesa Aurélia, que não poderia recusar, posto ter sido ele o matador do dragão e o salvador do reino!

Desceu pela borda do vale, porém à medida que avançava percebeu um silêncio que ecoava absoluto ao seu redor.

Estranhou não avistar fumaça saindo de chaminés, nem o clamor festivo que deveria existir e pelo qual tanto ansiava.

Somente percebeu que algo terrível havia ocorrido quando atravessou um caramanchão verde cheio de flores onde deveria existir o antigo portal de pedra que era a entrada do muro que cercava a vila e o castelo e que já não estava lá.

Parou chocado com a descoberta!

Tudo havia mudado. O que acontecera ali?

As muralhas alquebradas e antigas que deveriam estar naquele ponto não estavam mais, as dezenas de casas de teto de palha amarelada e paredes de madeira bem torneadas haviam sumido por completo, nada sobrara, porém não havia sinais de destruição.

Em seus lugares agora existiam apenas círculos estranhos de cogumelos vermelhos, marrons e amarelados que brotavam pelo chão úmido do vale e pedras cobertas de musgo e líquens que pareciam formar silhuetas estranhas onde antes ficavam a taverna, a ferraria e as primeiras torres do castelo.

Seu coração pulou de desespero.

Será que havia sonhado tudo aquilo? Impossível!

Lembrava-se bem demais da noite tempestuosa que lhe trouxera ali alguns dias antes, da taverna, do gosto amargo da cerveja, da história sobre o dragão que aterrorizava a mataria e o vale, do travesseiro de penas com cheiro de hortelã e madressilva.

Lembrava-se do dia seguinte quando fora até o castelo e conhecera a Princesa Aurélia, bela criatura de pele alva como a neve, olhos azuis como safiras e cabelos loiros como o ouro velho recém colhido do seio da terra.

Seus olhos esbugalhados de horror procuraram o velho e robusto ferreiro de barbas brancas que moldara sua espada e ao levar a mão ao cabo da arma que lhe deveria pender da cintura percebeu apenas uma folha de grama comprida enfiada em uma bainha de pétalas de rosa que se desfez sob seus dedos.

Súbito um pequeno esquilo de pelo mosqueado de branco e cinzento saltou de cima de uma rocha mais pontiaguda e olhou para o cavaleiro por um instante, correndo em seguida para dentro dos arbustos para colher uma noz.

Estarrecido o cavaleiro percebeu que dentro daqueles olhinhos brilhava a mesma chama que vira dentro dos olhos do ferreiro e isso o fez estremecer de horror.

Voltou os olhos e viu perto dali um grupo de ratos do campo que corria por entre os cogumelos, alheios à sua presença, e aquilo o marcou de tal forma que quase se sentiu desfalecer, pois percebera o mesmo brilho dentro daqueles olhinhos selváticos.

As criaturinhas assemelhavam-se às crianças do padeiro que brincavam correndo por entre as casas, ou mesmo o pequeno grupo da guarda real que patrulhava as ruas da vila.

Por um instante aquilo martelou em sua cabeça como o martelo do ferreiro havia repicado na bigorna!

Parecia-lhe, e o pensamento intruso começava a se delinear em sua mente assombrada, que todos na vila haviam se transformado em pequenos animais da floresta, como se estivessem sob o encantamento terrível da morte do dragão!

Foi então que o coração do cavaleiro disparou e ele desesperou-se!

Correu desembestado na direção onde antes ficava o castelo, porém ao chegar lá viu apenas um monte de pedras antigas cobertas de musgo branco e cercadas por samambaias e mato alto, tudo o resto desaparecera.

No centro do lugar, onde deveria estar o belo salão do trono, onde deveria estar a Princesa Aurélia, nada restava salvo o luxuoso vestido de seda branca costurado de pérolas estendido sobre a grama.

Seu coração quase parou!

O cavaleiro ajoelhou-se, as mãos tremendo, as lágrimas escorrendo pela face.

Ele era o responsável por tudo aquilo, fora ele quem matara o dragão!

Tocou o vestido, ao erguer uma das dobras do tecido uma pequena rã verde pulou de lá de dentro, subiu em uma pedra quase ao seu lado, piscou grandes olhos azuis e dourados, soltou um estranho coaxar suave, quase como se se despedisse dele, e em seguida saltou em direção à um riacho que agora nascia ali próximo.

Foi então que a terrível verdade desabou sobre Sir Vaine!

Tudo ocorrera porque ele matara o dragão.

Este não era o tirano insensível e assassino que escravizava a vila e o castelo e oprimia a Princesa, mas ao contrário, era a presença da besta mágica que sustentava o feitiço que encantava aquele canto esquecido da mataria em uma vila próspera e cheia de habitantes e que fazia aquela pequena rã ser a mulher por quem ele se apaixonara.

Ao matar a besta Sir Vaine quebrara o encantamento de ilusão que repousava sobre o lugar e a verdadeira forma de tudo ali fora revelada!

A única coisa que ainda restava era seu cavalo, que pastava distante, no lugar onde antes havia existido a estrebaria do castelo.

O cavaleiro levantou-se, o coração partido de dor, recolheu o vestido de seda branca e montou no cavalo.

O crepúsculo desceu devagar sobre sua silhueta, solitária, que descia pela estrada coberta pelo capim alto para longe daquele lugar maldito, um cavaleiro sem castelo, cercado apenas pelo farfalhar do vento redemoinhando nas folhas secas e pelo coaxar distante daquela rãzinha verde que um dia ele chamou de meu amor!

E veio a noite!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## ESCRITOR(A)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



FAÇA PARTE  
DE UMA DAS MAIORES  
REVISTAS LITERÁRIAS  
INDEPENDENTES  
DO BRASIL!



### CONTOS

Aceitamos contos de diversos gêneros.

Até 4 páginas:

**R\$ 70,00.**

Envie o seu arquivo em Word.



### CRÔNICAS, ARTIGOS, RESENHAS ETC

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc.

Até 4 páginas em Word:

**R\$ 70,00** (custo para o autor).

Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail:

[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



### POEMAS

Poemas com até 4 páginas:

**R\$ 70,00.**

Envie o seu arquivo em Word.



MAIS DE  
110 EDIÇÕES  
PUBLICADAS



MAIS DE  
1 MILHÃO  
DE SEGUIDORES



CENTENAS DE  
AUTORES DIVULGADOS  
E NOVOS LEITORES  
ALCANÇADOS

## SOBRE A PUBLICAÇÃO

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura.

Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem, mas temos todo o trabalho na diagramação dos textos, arte, divulgação, etc.



### NÃO PERCA TEMPO:

encaminhe o seu texto para o editor

Ademir Pascale

E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

LITERATURA | CULTURA | LEITURA | CONEXÃO



REVISTA  
CONEXÃO  
LITERATURA

# Ponto de Força

Por  
Raiane Leticia Santos Silva



- O SENHOR DOS ANÉIS
- HARRY POTTER
- JOGOS VORAZES
- PERCY JACKSON
- ERAGON

orkut  
Messenger

FAMÍLIA  
AMOR  
RAÍZES  
E  
MEMÓRIAS

O TEMPO PASSA.  
O AMOR FICA.  
AS FÉRIAS NOS  
TRAZEM DE VOLTA.  
E ISSO É O QUE  
NOS FORTALECE.

Voltar é se sentir  
vivo novamente.

Para ela.  
um romance juvenil

FARINHA

Aos oito anos tudo é tão simples, tão colorido, tão divertido, tão *vivo*... Lembro de estar na casa da minha avó, debaixo de um limoeiro, atrapalhando o trabalho de inúmeras formigas com um galho seco encontrado aos montes por lá. Podia passar a tarde toda assim, era divertido. A única coisa que poderia me tirar daquela brincadeira infantil e até maldosa era a minha avó gritando: “Passa pra dentro, menino. Venha comer o bolo que a vovó fez.”

E eu ia. O bolo era quentinho, aconchegante, tinha gostoso de família. Eu comia um pedaço atrás do outro, minha avó voltava a tricotar, meu vô ficava sempre ao lado do rádio ouvindo qualquer programação que passasse, já que sincronizava com uma única frequência. Minha mãe passava as tardes na calçada ora quebrando *dicuri* ora fofocando com as vizinhas. Meu pai gostava de ir ao bar da esquina para assistir futebol com os amigos, ele é um flamenguista doente. Minha irmã, ela odiava ir para a casa da vovó. Ficava longe das amigas e do namorado dela na época. Então ficava trancafiada no quarto trocando sms e se lamentando de passar as férias no fim do mundo.

Aos dezesseis anos, eu não gostava de ir para casa da vovó. Tinhas meus amigos, sempre combinávamos de sair para jogar bola, vídeo game, andar de skate e sair com as meninas. Eu tinha uma namoradina nessa idade, ela gostava bastante de ler e sempre falava dos livros que lia, das sagas que acompanhava, da personagem que gostava, da que odiava e o porquê. Acredito que foi por causa dela que comecei a ler de fato, mas parei quando terminamos. Demorei um bom *bocado* de tempo para voltar a ler e era isso que eu adorava fazer quando ia para casa da vovó nas férias.

Nada havia mudado. Vovó tricotava, vovô ouvia rádio, minha mãe passava a tarde com as vizinhas, meu pai ia sempre assistir futebol no bar. Minha irmã passou a conversar com as amigas e os namorados por Orkut e Messenger. Eu já não namorava mais, meus amigos também viajavam todas as férias, eu não gostava mais de mexer com as formigas; então, eu apenas lia os livros que me foram recomendados ainda por *ela*.

Aos vinte e quatro anos, eu já estou formado. Fiz licenciatura. Estudei letras. E escrevi um livro. Um livro para *ela*. Um romance juvenil. Hoje ela está casada, tem dois filhos e um cachorro. Eu, hoje, vivo em uma pequena *keitnet* alugada, elaboro e corrijo atividades e avaliações mesmo aos fins de semana. Saio uma vez ou outra para o cinema e ainda continuo lendo, muito. Nas férias, como de costume, voltamos sempre para casa da vovó. Algumas coisas mudaram, um curso natural de todas as coisas, mas outras nunca mudam.

Minha avó ainda adora tricotar. Meu avô trocou o rádio pela tevê. Minha mãe começou no zumba junto as vizinhas. Meu pai já não bebe mais, foi proibido pelo médico, mas ainda vai assistir futebol no bar. Minha irmã virou mãe e agora precisa estar atrás da minha sobrinha a todo momento, pois quando essa menina some, alguma coisa sempre acontece. E eu, quando não estou lendo, estou assando bolos com a vovó.

O tempo pode passar, pessoas podem chegar, pessoas podem ir, situações podem mudar, a família pode aumentar; mas as férias sempre são a nossa *volta*. E poder voltar é se sentir vivo novamente. É o nosso ponto de força.

Sobre a autora: **Raiane Letícia Santos Silva** é poeta e contista. Em sua escrita, busca transformar emoções, memórias e silêncios em narrativas sensíveis e reflexivas.

# SEM ASAS PARA VOAR

Por Roberto Schima

PARTE II

NOVA BOCA  
DO LIXO

ATRIZ DE  
FILMES ADULTOS  
É ENCONTRADA  
MORTA APÓS  
QUEDA!

Mistério!

NÃO ULTRAPASSE NÃO ULTRAPASSE NÃO ULTRAPASSE NÃO ULTRAPASSE

SEM ASAS PARA VOAR - Parte II

A cidade acordava sob um céu claro, mas havia sombras que a luz do dia não conseguia dissipar.  
A morte da atriz ainda ecoava como um sussurro incômodo, um enigma sem respostas.  
Cada pista parecia se esconder atrás de outra pergunta.  
E quanto mais fundo eu cavava, mais percebia que o abismo era maior do que eu imaginava.  
Mas havia uma verdade que me mantinha de pé: a vida nunca dá asas...  
Mas sempre oferece uma chance de voar.

A VERDADE  
NEM SEMPRE  
TEM ASAS

NOTAS:

- ALVO?
- QUEDA?
- QUEM?
- POR QUÊ?

JOÃO SILVA  
REPÓRTER  
PRESS

## PARTE 2

### 10 - RODA O FILME

Lá estavam na sala, o diretor, os técnicos e cinco "atores". O primeiro dava orientações ao elenco e o responsável pela iluminação. Pelo visual, todos eles — incluindo o diretor — bem poderiam ter saído do bordel mais pulguento e ordinário da cidade. A faxineira tinha razão: o diretor parecia um *Don Corleone*. Autoritário, ele mandou:

— Em suas posições. Vamos lá... Ação!

Os "atores" escarrapacharam-se à vontade no sofá e nas poltronas. Bebericaram, fumaram, fingiram jogar conversa fora. E trocaram olhares maliciosos, antecipando o que estaria por vir.

E veio.

A um sinal do diretor, Jackie surgiu, vindo do lado esquerdo, provavelmente do quarto.

— Tenho câmeras no quarto e no banheiro também — garantiu-me o síndico. — Mas a ação foi toda na sala...

Segurança uma ova! Extorsão uma banana nanica. Ele era sim um pervertido de marca maior.

Engoli em seco, hipnotizado.

Jackie vestia somente uma camisola, era translúcida de tão fina.

Durante o desenrolar da cena, o *Don* foi passando instruções ao *cameraman*, àquele responsável pela iluminação e o cara do som. Tinha de cutucá-los, pois estavam igualmente absortos na cena, mas por razões nada profissionais.

— Primeiro uma geral, Zé! Depois, *close* no rosto dela, nos olhos, na boca. Desce em seguida para o corpo. Faz uma ligeira pausa nos seios, segue, pausa na cintura, isso. Retorne ao rosto dela. Dê uma geral outra vez. Ei, você, levante o microfone, pô! Jackie, querida, mostre-se acanhada, receosa, amedrontada até. Ande bem devagar até o meio da sala para que todos a admirem. Assim, sem pressa...

Jacqueline fez conforme ordenado. Caminhou lentamente sobre o tapete branco e felpudo, parecia flutuar. Seus movimentos eram delicados, tímidos e vacilantes; os traços, singelos. Rosto no formato de maçã. Nariz pequeno e afilado. Mãos unidas diante da boca generosa. Os olhos grandes e azuis denotavam um ar de preocupação. Os cabelos pretos caíam feito cascata sobre seus ombros. Era toda vulnerabilidade e sensualidade, céu e inferno a conviver num único corpo. Uma das alças da camisola caiu, deixando o ombro à mostra, alimentando mais ainda a brasa nos olhos dos demais. Um dos "atores" engoliu em seco, outro mordeu o lábio inferior.

Jacqueline.

Jackie.

Anjo.

Era a mulher mais linda que eu podia me lembrar. Tinha jeito de estrela de cinema, cinema de verdade e não daquela porcaria de película de fuca-fuca. Talvez se fosse em

outro país... Ou talvez não, pois, também na Europa e nos Estados Unidos existia o famoso "teste do sofá", onde as candidatas se prostituíam a fim de conseguir uma vaga. Só diferenciava por não ser diante das câmeras e nem pago. Isso acrescentou um detalhe a mais à tragédia. Que pena, Anjo, que pena! De modo algum você fazia pensar em uma mulher da vida. Sabe o que quero dizer? Em geral, essas têm uns trejeitos vulgares. Você bate os olhos e, de cara, percebe ser alguém do mundo acabado: gestos oferecidos, maneiras grosseiras, um ar petulante e vago, exagero na maquiagem, tatuagens e *piercings* nos locais mais improváveis, trajes escandalosos e inúmeras máscaras. Jackie não possuía nada disso. Havia elegância, delicadeza e comedimento. Quando muito, fazia pensar nas pinturas *pin-ups* de Gil Elvgren ou Joyce Ballantyne. Se a gente não tivesse ciência de suas atividades, passaria tranquilamente por uma filha ajuizada de um vizinho, uma prima distante, uma colega da faculdade. Dá para entender? Causava incredulidade e pesar ter ela seguido tal caminho e, de modo paradoxal, o contraste aumentava a excitação. Era a ingenuidade corrompida, a inocência ultrajada, a flor despetalada. Fazia-nos perguntar quais adversidades da vida a conduziram àquilo. Longe de mim ser um puritano, moralista, pudico ou que diabo de rótulo queiram dar. Justo eu? Já falei, a minha lista de erros é rolo de papel higiênico. Então, assisti ao filme, imerso na contradição: curiosidade, volúpia, compaixão, espanto, repugnância e dó. Céu e inferno. Inferno e céu. Ambos lado a lado como farinha no mesmo saco. Eu era o saco.

O diretor continuou a cumprir seu ofício:

— Lembre-se, Jackie, você faz a mocinha recatada do interior. Chegou há pouco tempo à capital. Depois de vários obstáculos, confiou num cara, mas ele era um canalha e a levou para o mal caminho. Você hesitou, não queria. Você resistiu. Porém, ele foi galanteador, persistente, atrevido. Seduziu-a. Dobrou seu espírito, sua educação rígida, seu pudor, seus valores, tudo. Despiu-a da inibição, do orgulho e da dignidade. Transformou-a num objeto de desejo... Vocês, agora! — disse aos "atores". — Admirem-na! Remexam-se em seus lugares. Ela não é bela? Não é tentadora? Não desperta os pensamentos mais proibidos? Fiquem de pé! Sabem o que fazer, não sabem? Ou terei que desenhar? Mas sem pressa, ouviram? Sem pressa! Tudo devagarinho feito um sonho que não queremos despertar. E você, Jackie, agora, no momento decisivo, hesita, arrepende-se, resiste, quer desistir...

À semelhança de lobos ao redor de um cordeiro, os homens rodearam-na. Lascivos. Famintos. Sedentos. Rijos. Devoraram-na com os olhos antes que as mãos, a exemplo das donas de casa na feira, apalpassem os frutos da luxúria. Sem galanteios, rodeios ou preliminares. Ela resistiu, entre a vergonha e o medo. Rogou que a deixassem em paz. Tentou afugentar as mãos. Procurou em vão ocultar suas partes íntimas. A alcateia se fez de surda, a salivar volúpia. Pelo contrário, os protestos serviram apenas para alimentar a excitação e a sanha bestial das feras. Mostraram-se enérgicos. Atacaram. Seguraram seus pulsos, afastaram suas pernas. Beijaram-na no rosto, nos lábios, no pescoço, nos ombros e pelo corpo. Rasgaram o tecido fino da muralha qual bruma sob o vendaval. O linho da camisola se transformou em farrapos, e o branco imaculado da tez de Jackie foi exposto mais e mais, percorrido por mãos e bocas cada vez mais ávidos, exigentes e atrevidos. De nada adiantaram os queixumes cada vez mais fracos da mulher, pouco a pouco substituídos por gemidos. A rigidez dos músculos se desfez. "Não" cedeu

lugar ao "sim". O Anjo passou a se contorcer no compasso de uma melodia que a todos envolveu.

— Tudo foi arrancado de você, Jackie, como a camisola desfeita em pedaços. Depois de seduzi-la, o cara convenceu-a a fazer programas. Primeiro com um, depois com outro. Como *Uma Linda Mulher*, lembra-se? Depois, com dois de um vez... A bufunfa entrou e, quanto mais ousada você fosse, mais dinheiro ganharia, roupas de grife, joias, bons vestidos. Então, surgiu a grande proposta: satisfazer cinco de uma vez! Lucraria numa noite o que levaria um mês. E aí está você... Ei, vocês dois, calma aí! Corta!

Precisou berrar aos "atores", pois, mostraram-se tão envolvidos nas carícias que, a exemplo de tubarões no frenesi, esqueceram-se do *script*, de que tudo não passava de um filme, de fingimento, de que havia uma história a seguir. Ah, mas não havia faz de conta algum naqueles volumes latejantes entre as pernas deles! Os "atores" deitaram o Anjo sobre o tapete felpudo. A seguir, aproveitaram-se dela de todas as maneiras.

— Não tão rápido! — gritou *Don Corleone*. — Você aí, sai da frente da câmera! E você, aja mais intensamente. Ânimo! Não olhe pra mim... Pra ela! Não deixe a peteca cair, se é que me entende. — Gargalhou. — Afaste a câmera, Zé, agora... Dê uma geral. Cuidado com o microfone! Alguém tire os cabelos do rosto dela. Quero ver a expressão, querida. Luminosa, radiante... Isso... Isso! Ótimo, Jackie. Você não tem mais dúvidas, não sente mais medo, nada de inibição, nem arrependimento. O apelo da carne se tornou mais forte. Liberte-se das algemas da moralidade. Entregue-se, saboreie... Sinta! Passe a língua entre os lábios. Revire os olhos. Isso, Jackie, é isso aí! Então, vai, mexe o corpo, contorce feito uma cobra... Um lambari na frigideira... Vai!

De repente, Jackie gritou:

— Aaaaa! Tá machucando!

Houve confusão.

— O que foi, querida?

— Ele me mordeu! — apontou.

O diretor se aproximou do "ator".

— O que diabos pensa que tá fazendo?

O sujeito, confuso, emergiu de seu transe.

— De-desculpa, chefe! Sabe como é, foi o embalo...

— Vou eu te embalar num saco plástico! Como tá, Jackie?

— Tá tudo bem, tudo bem. Vamos continuar. Não foi por mal...

— Tem certeza?

— Tenho. Acontece. Vamos lá...

De irado, o diretor esboçou um sorriso e pôs-se a rir descaradamente.

— Ah! Ah! Ah! Sei não, todos eles murcharam feito bexiga vazia. Ah! Ah! Ah!

## 11 - A TRAGÉDIA

Durante o intervalo, não pude deixar de pensar no que estaria por vir.  
Jacqueline morta.

O Anjo.

*Paty.*

Quem teria sido o autor do crime?

O sujeito que exagerara na investida e fora repreendido?

O diretor mafioso?

*Algum dos outros "atores"?*

Por mim, iriam todos pro xilindró!

Então, o diretor ergueu e agitou os braços:

— Pronto, já chega! Chega de brincadeira! Vamos retornar à ação. Jackie, volte a ficar no meio do tapete na pose de antes. Desse jeito... Ótimo! E vocês, ergam o ânimo! Compreendem? O *ânimo*, pô!

Enojado, desviei a vista enquanto os sujeitos manuseavam seus respectivos instrumentos.

Ânimos levantados, o diretor pôs a ordem na casa.

— Retomando, Jackie, você é a ex-caipirinha pudica, levada ao pecado pela cidade grande. Agora, empolgada diante dos cinco garanhões, é só devassidão, tão distante da criança a brincar de amarelinha, da adolescente a colher flores e da mocinha cheia de ilusões a descer na rodoviária. Agora está aí, uma máquina de dar e receber prazer, devotada apenas ao sexo, a entreter um filhinho de papai rico e seus quatro amigos mimados. Faz coisas que a virgenzinha do campo sequer sonharia. Quão horrorizada não ficaria? O que diriam os pais religiosos? Os irmãos? Os tios? Os avós? Os amigos? Mas você não pensa em nada disso. Não pensa em nada! Você mudou. É uma deusa da luxúria! Só deseja ter um orgasmo após o outro. Como chegou a isso? Como? Nem se recorda mais. É uma outra mulher. Aquela bobinha se foi para sempre. Ei, vamos lá, rapaziada, mexam os quadris! Agarrem-na! Você pela frente! Você por trás! Vocês dos lados! E você? Ora, use a imaginação! Vamos lá! Vai e vem, vai e vem, vai e vem...

De súbito, outro grito.

— Ei, Jackie, o que foi? — indagou o diretor. — Foi outra mordida? Por que parou?

Nesse momento, de sua posição de quatro, ela se ergueu. Olhou ao redor como se estivesse à procura de alguma coisa. Em seguida, fixou um ponto na parede a sua frente, boquiaberta. Então, chacoalhou a cabeça, agarrou os próprios cabelos, desvencilhou-se dos parceiros e, antes que pudesse ser detida, correu para a sacada, trepou na mureta e saltou para o vazio.

*Don Corleone* berrou:

— JACKIEEEE!!!

A imagem balançou, descontrolada.

O diretor, o *cameraman*, o operador do microfone e os "atores", estupefatos, saíram do torpor e correram para lá, esses últimos esquecidos da nudez, incrédulos perante o que acabaram de testemunhar.

Gritos.

Desespero.

Movimentação.

Filmagem inacabada.

Os lobos pararam de uivar.

O frenesi dos tubarões findou.

## 12 - CONSCIÊNCIA

Ela se matara. SUICÍDIO!

Então, não fora um assassinato.

Nenhum ato de violência premeditado.

Nenhum produto do álcool ou das drogas.

— Oh, meu Deus! — gemi, horrorizado. — Deus!

A imagem que mais me atingiu não foi do corpo perfeito do Anjo delineado sob a camisola, ou a forma como a despiram, tocaram e usaram. Não. Foi do rosto dela momentos antes da fatídica decisão, quando, sem o saber, mirara a câmera clandestina. Fora uma incrível coincidência Jackie focar sua visão exatamente ali. Senti como se me encarasse! E, naqueles dois ou três segundos, eu percebera todo o drama, assim como ela mesma o fizera. As palavras do diretor sobre o passado da personagem tiveram o efeito de um chacoalhão, senão uma bofetada. Acionaram um gatilho poderoso dentro da mulher. De repente, Jackie dera-se conta: o filme era uma paródia de si mesma. *Don Corleone* retratara a sua própria história: uma garota inocente, repleta de sonhos, cuja pureza fora irremediavelmente destruída pela libertinagem. Sua vida tomara um rumo sem retorno, irremediável e irreversível. Sem compostura, sem integridade, sem elegância, sem lealdade, sem encanto, sem mistério, sem respeito, sem afeto, sem amor próprio. Naquele instante, dera-me conta, eu a vira de verdade, sem véus, sem máscaras, sem falsidade. Ela, a verdadeira mulher em seu íntimo. E, fosse qual fosse seu nome real, a jovem acanhada do interior entrara em desespero. O cintilar dos olhos azuis denunciaram remorso, choque, horror, vergonha, tristeza, angústia e um tremendo vazio. Transformara-se em uma jangada frágil e solitária batida pelas ondas na imensidão de um oceano em tormenta.

Acontecera a pior coisa possível a alguém de cerne frágil feito Jacqueline. Conduzida a tão baixo nível de depravação, vira aflorar a sombra de seu pior inimigo: a consciência. A voz interior urrara em seu cérebro, apontara-lhe o dedo acusador: *O que foi que você fez? Por que fez? O que foi que se tornou?*

Fora capaz de se enxergar como se estivesse diante de um espelho. Vira toda a podridão impregnada no reflexo. Encontrara-se atolada em um pântano fétido, na areia movediça, a afundar mais e mais. Dera-se conta de que, por mais que saísse do lodaçal, o lodaçal jamais sairia de si. Seria como enfiar ambos os pés num poço de estrume. Não haveria modo de retirá-los sem estar fedendo. Era uma trilha sem volta. Não importaria onde estivesse, cedo ou tarde, o passado iria ao seu encontro. Ela era uma filha, uma irmã, uma prima, uma sobrinha, uma neta, uma amiga. Talvez, um dia, tivesse sido amada

por alguém. Era gente! E não uma latrina dispensável de excreções alheias. Porém, nunca seria uma namorada, uma noiva, uma esposa e uma mãe. No entanto, se viesse a ser... Que desgraça! Quanto ao futuro... Se não fosse consumida pela AIDS, cocaína ou DST, dentro de dez ou quinze anos, prematuramente envelhecida, descartá-la-iam qual bagaço de laranja cujo suco fora todo espremido.

As pessoas ao redor poderiam até dizer não se importar, aconselhariam a pôr uma pedra no passado, dar a volta por cima e tocar o barco adiante. Mas a consciência estaria sempre lá a murmurar, censurar, incriminar. Seria um ferro em brasa fincado na carne. De tão intenso e prolongado, o sofrimento atingiria fundo, preenchendo todos os rincões da alma. Mesmo após ser retirado, a dor se estenderia por bastante tempo, persistente e latejante como uma dor de dente, todavia, infinitamente pior. E, caso um dia viesse a passar, a cicatriz continuaria para sempre, numa memória impossível de apagar.

Por mais que os outros a perdoassem, ela nunca se desculparia.

E fora exatamente isso o que acontecera no apartamento.

Jackie tivera consciência naquele fatídico instante.

Ela enxergara, entendera e assombrara-se.

De lá do abismo, não se perdoara.

Sim, tratara-se de um anjo, mas um anjo cujas asas — as quais, em verdade, não possuía — não a conduziram para o alto, para o céu e, sim, para baixo, metafórica e literalmente.

Jacqueline atirara-se ao céu da realidade... sem asas para voar.

### 13 - INDIGNAÇÃO

Seu Jurandir — *Jaiminho, o Carteiro* — esfregou as mãos, satisfeito.

— Não cumpri o prometido? Não valeu cada tostão?

Compará-lo a uma hiena, abutre ou chacal não faria jus a esses animais. Teria ele terminado? Não.

— Se quiser, pode levar uma cópia da gravação... Pelo preço certo.

Havia cifrões a substituir os seus olhos.

Havia um rochedo no lugar do coração.

Em vez de alma, matéria em putrefação.

Não sei como não perdi as estribeiras. Acabáramos de testemunhar uma tragédia, e tudo o que o desgraçado conseguia pensar era num jeito de me extorquir mais dinheiro. Eu não duvidaria nada se, depois de mim, ele não arranjasse outros clientes, cobrando ingresso de cada um deles como num cinema. A visão do homem segurando um rodinho retornou a minha mente. O calor subiu-me às faces. Minhas mãos tremeram. Cerrei os punhos. Devo ter encarnado a versão encapetada de Linda Blair em *O Exorcista*, pois o escroto começou a gaguejar:

— Se-se-se nã-não tiver dinheiro, serve cheque ou cartão... Pode ser fiado!

*Como assim? Como podia? Como ousava? Ah, se eu tivesse um cutelo!*

*Fiz um esforço sobre-humano para não arrebentar o computador na testa do infeliz, fazê-lo engolir o mouse, arrancar seu nariz, cortar as orelhas e esparramar as tripas no chão do apartamento fedorento. No tom mais ameaçador que pude pronunciar, berrei:*

— *APAGUE ISSO AÍ! Não comente com mais ninguém! Esqueça! Durante a minha profissão, conheci muitos canalhas, mas você... Valha-me Deus! Apague essa merda e não ouse fazer cópias! Esqueça!*

*Fui imprudente, bem sei. Nunca usaria um cutelo, mas um tipo daquele seria capaz de tudo, até me matar. Acautelei-me, indo em direção à porta e atento ao pilantra. Felizmente, o nervosismo do Jaiminho foi maior do que a raiva. Antes de bater a porta as minhas costas, tornei a gritar:*

— *APAGUE ISSO!*

*Piquei a mula dali, antes dele começar a ter ideias... E eu também. Eu sabia que, não importasse a minha ira, ele não faria nada do que eu dissera. Grana era grana. Para ele, era tudo o que importava. Continuar a faturar em cima daquilo até a poeira baixar, e a notícia da morte terminar esquecida.*

*Por isso, minha primeira providência foi telefonar para o detetive Elpídio. Conte-lhe sobre a gravação e as câmeras escondidas pelo velho nos apartamentos. Respondeu com um punhado de palavras, xingando o homem de tudo quanto foi nome, mas, principalmente, os peritos que nada descobriram.*

— *Deixa comigo. Ainda hoje, terei uma boa conversa com o Sr. Síndico — assegurou-me. — Será bastante divertido.*

*Ele e os investigadores iriam virar o apartamento do Jaiminho de pernas pro ar; e o próprio, pelo avesso.*

*Não pude deixar de sentir alívio e, admiti, uma satisfação sádica de triunfo. O bigodinho que se danasse! Fez por merecer. Ocultou provas e tentou lucrar em cima delas. Que fosse preso! Que virasse mulherzinha na cadeia e filmassem tudo! Quem sabe, fizessem com ele o mesmo que vi aqueles homens fazerem com Jackie. Por mim, que a vida do tal Jurandir virasse um inferno pior do que o próprio inferno!*

*Outra providência urgente teria que esperar até segunda-feira: sustar o bandido cheque.*

*Na volta, parei na bodega do Portuga. Comprei várias latas de cerveja.*

— *Vai dar uma festinha? — perguntou.*

— *Tô precisando encher a cara, isso sim!*

*De volta ao edifício Milland, ainda com a cabeça rodopiando, destruí a coleção de recortes com as fotos de Jacqueline, ou fosse lá qual fosse seu nome. Rasguei uma a uma numa espécie de ritual, despedindo-me dela. Fi-lo sabendo que não iria livrar-me da lembrança de Jackie tão fácil assim: numa das paredes do boteco do Portuga, havia vários calendários com fotos de mulher pelada e, entre elas, figurava a beleza singela do Anjo.*

## 14 - O ARTIGO

*Ainda no sábado, em meio a uma névoa etílica, pus-me a escrever o famigerado artigo para o Quico, digo, o Gonçalves.*

*Conforme esperado, as ideias custaram a chegar. Inúmeros esboços e rascunhos foram descartados. O que escrever? O que, de fato, eu conhecia a respeito de Jacqueline? Nada, absolutamente nada, além daquilo que as fotos da seção "Gatinha Fogosa" mostraram e, agora, as cenas da gravação que antecederam ao seu fim.*

*Telefonei para o Zarolho, o responsável pelas fotos, a fim de saber dele se, durante as sessões de fotografias, ela mencionara alguma coisa de sua vida particular. Tudo o que ele se lembrava — além da beleza estonteante da mulher — foi o seu profissionalismo, sempre quieta, obediente, atenciosa.*

*— Exceto numa ocasião — acrescentou —, quando mencionou ter vindo do interior do Paraná.*

*— Ela disse o nome da cidade?*

*— Não, mas deduzi ser bem pequena.*

*Sim, ao menos confirmara a minha hipótese dela ter vindo do campo, bem como o roteiro seguido pelo diretor.*

*Não foi difícil imaginar o escândalo em sua terra natal quando souberam das fotos no Fuzarca. Embora o tabloide tivesse circulação restrita a São Paulo, sabe como é, nisso o detetive Elpídio estava certo, tratava-se de um mundo demasiado pequeno. Mais alguém de lá poderia ter ido ao estado vizinho e tomado conhecimento: um caixeiro viajante, um caminhoneiro, outra pessoa tentando a sorte na capital paulista. Quem sabe? A família de Jackie, humilhada, ver-se-ia obrigada a mudar de cidade, onde, por gerações, viveram, acumularam memórias e escreveram as próprias histórias. Abandonariam a casa, o trabalho, os amigos que, agora, espiariam de soslaio, entre risadinhas maliciosas, fofocando sobre a jovem nua. Pendurariam as fotos em oficinas mecânicas, borracharias, botequins. Talvez questionassem a moralidade da família e que tipo de educação teriam dado à filha. Os pais de Jackie, envergonhados e indignados, cortariam os laços com ela? E ela, por seu turno, não teria mais coragem de ir procurá-los? Ou, em um canto fundo e isolado de seus corações, o pesar e a saudade da filha sobrepujariam e persistiriam qual chama que recusava a se apagar?*

Centenas de atrizes pornôns encaravam a profissão numa boa — ou, ao menos, davam de ombros —, tocando suas vidas como se não fosse nada demais. Curtiam a excitação e os honorários. Independentes, donas de si, adeptas do amor livre e descompromissado. Viviam em erro. Não havia nenhum amor. Comprometeram-se eternamente com as consequências de seus atos. E, quanto à liberdade, o passado as manteria sempre sob seus grilhões. Sobre não se importar, talvez tivesse uma certa verdade, pois não ligavam para os outros e, menos ainda, para si. Não estavam nem aí com nada e, não raro, alienavam qualquer questionamento nas drogas. Despojadas de conteúdo, de discernimento, de autoestima, tornaram-se uma concha vazia. Aquelas que, por ventura, preservassem uma ínfima fagulha de seu eu interior, criavam tantas muralhas em volta a ponto de se divorciarem do corpo físico. Convenciam-se de que aquilo que fizessem com seus corpos diante das câmeras, nada teria a ver com elas. Como não? Como diziam as avós: "de ilusão também se vive".

*Com Jacqueline não fora assim.*

*A percepção do ego aviltado a atingira feito um raio.*

*E o terror que emergira do fundo de seus olhos jamais seria esquecido por mim.*

*Eu poderia ter uma nova conversa com o detetive, tentar arrancar dele a identidade de Jackie, pois, com certeza, ele tivera acesso aos documentos pessoais da moça e outras informações. Semana que vem ele dissera? Achei por bem não levantar a lebre. Já me envolvera demais. Na realidade, gostaria que o Professor Girafales me esquecesse. E, no fundo, eu não desejava desfazer a aura de fantasia que criara ao redor da mulher. De realidade, bastava tê-la visto pular da sacada.*

*Foi quando aconteceu.*

*Naquele momento, uma pomba pousou no beiral da sacada. Normalmente, eu xingaria e espantaria o pássaro, farto da sujeira que faziam. Contudo, fui impedido. Suas penas eram brancas,*

*imaculadas como a pele do Anjo. Perfeito símbolo da paz. Encarou-me daquele jeito suplicante de quem queria migalhas de pão. Na minha cabeça, porém, um pensamento se formou: "É ela!" Doideira, bem sei, e, provavelmente, fruto da saturação alcoólica, conforme atestavam as latinhas no cesto. Farta de esperar, a pomba voou para longe, em busca de uma alma mais generosa.*

*Quanto a mim, uma ideia tomou forma e ganhou consistência. Ao mesmo tempo, meus dedos começaram a trabalhar sobre o teclado.*

*— É isso!*

*Não, eu não iria apegar-me à realidade. Em nada ajudaria a Jackie e, muito menos aos seus familiares, que, cedo ou tarde tomariam conhecimento da tragédia pelas vias legais. Desviei a vista da escrivainha e, outra vez, olhei para fora, para a sacada, onde o pombo pousara e partira. Por fim, dei asas à imaginação e passei a escrever:*

*"É sábado de manhã. No céu azul, nuvens gordas e brancas desfilam devagar, mal dá para perceber. Sequer sinto a brisa no rosto. Para todos os efeitos, seria um dia de folga preguiçoso, bom para dormir mais tarde ou passear pela praça. Entrementes, cá estou. Onde? No cemitério, diante de uma sepultura. Cemitério? Sepultura? Sim, isso mesmo.*

*"Se eu quisesse, poderia pressionar o indicador contra o cimento, e nele ficaria a marca da digital de tão recente. É uma construção tosca de alvenaria e, nem de longe, faz jus à jovem no retrato. Ela tem por volta de vinte anos, um pouco mais talvez, mas, com certeza, não mais do que vinte e cinco. A dúvida fica por conta de não constar qualquer informação na lápide: nome, data de nascimento e falecimento, epitáfio. Nada.*

*"Não posso deixar de admirar a beleza daquele rosto. Na verdade, digo que raramente encontrei um semblante que lhe chegasse aos pés. Há um encanto celestial, por assim dizer, como se Deus, após inúmeros esboços, tivesse dado suas derradeiras pinceladas na arte final. Porém, embora linda, há uma indefinível tristeza naqueles olhos grandes e brilhantes. Com um aperto na garganta, relembro o fato recente que, tragicamente, culminou com a minha ida a esse local..."*

*E destrinchei-me a criar uma história fantasiosa sobre a mulher desconhecida, em parte baseada em minhas impressões; em parte, naquilo que ouvira do Don na gravação. Não forneci detalhes, contudo, para aqueles familiarizados com o tabloide, claro ficaria tratar-se de Jackie, o Anjo. Mencionei a moça do interior — mas não o Paraná —, os anseios, a viagem à cidade grande, as más companhias, a desilusão, o caminho sem retorno e o beco sem saída. Esforcei-me por soar respeitoso, lírico até, fora do meu estilo, evitei gírias e termos vulgares, nada que pudesse associar a autoria do texto comigo. Seria um tributo tão anônimo quanto a sua figura. Esse objetivo ficou tão claro para mim quanto o dissipar da névoa ética, a ressaca e o caminho que se abriu a minha frente. Em vez de tapar buracos, cavei uma cratera. Dedilhei e dedilhei no teclado, mal vendo as horas passarem.*

*A noite despontava por trás dos edifícios quando cheguei ao fim do artigo.*

*Terminei da seguinte maneira:*

*"Então, deposito uma rosa sobre o sepulcro, diante da lápide. Logo em seguida, sinto uma rajada fria de vento. Estranho o fato porque o dia está quente, e as copas das árvores permanecem imóveis. De repente, alguma coisa toca os meus cabelos. Assusto-me. Não obstante a delicadeza, foi um toque tão gelado quanto a neve. Ao mesmo tempo, minhas narinas sentem o aroma de um perfume. Sinto perder a razão. 'É ela!'*

penso com meus botões. Mas, como pode ser? Ela está morta... Morta! O vento retorna. A poeira se ergue. Através dela, forma-se os contornos de um corpo de mulher. Dura poucos segundos, mas o suficiente. Sim, é ela! Talvez seja o seu jeito de agradecer meu pequeno gesto de humanidade, quiçá o único em vários anos. Presunção? Vaidade? Alucinação? Insanidade? Não estou preocupado em saber. Limito-me a fitar seu retrato. Encaro-a através do abismo entre nós. Cumpri minha missão. Murmuro um adeus e dou às costas ao sepulcro para nunca mais voltar."

*E, apesar de nunca ter escrito versos melhores do que um "batatinha quando nasce", ousei encerrar a reportagem com as seguintes palavras:*

*"Na terra estéril, sua semente não vingou.  
 "Na vastidão do céu, seu espírito aflorou.  
 "Sem temor, sem pranto, sem melancolia.  
 "Enfim, liberta à força do vento. Alegria."*

*Respirei fundo, cansado.*

*Sobressaltei-me no segundo seguinte.*

*Podia jurar ter sentido uma mão roçar a minha nuca!*

*Corri para fechar a porta de acesso à sacada, fui até a geladeira e pestanejei: as cervejas haviam terminado. Deixei-me embalar por banalidades na TV, até ficar zonzozo de sono o suficiente para adormecer.*

## 15 - PAZ!

Domingo.

Dediquei a maior parte do dia ao repouso, ou, melhor dizendo, à cura completa da ressaca.

Após umas goladas de café forte, quis espairer. Cedo, apanhei o metrô e pus-me a passear sem destino, fazendo baldeação aqui e acolá. Ora atento à paisagem do lado de fora; ora, às pessoas de ar preguiçoso que entravam e saíam dos vagões.

Em dado momento, desci na estação Liberdade. Era dia da feira de artesanato. Xeretei as bancas, sem interessar-me por nada em particular. Comi alguma coisa no setor de alimentação. A multidão enxameava feito moscas. Recordei a época em que seguia pela Rua Galvão Bueno até o fim, na direção do cursinho. Lá, zoava os professores e comprava pipoca de um velhinho gentil chamado Seu Bernardo. Tanto tempo... Acabei diante de um sujeito magro e tez bronzeada; vendia moedas antigas, nacionais e estrangeiras. Comprei algumas, não porque fosse um numismata, mas por afinidade ao aspecto histórico que as peças de metal representavam. Entretinha-me a pensar nas mãos de quem elas haviam rodado desde os mais diferentes países até chegar as minhas. Pensamento semelhante me acometia em relação aos livros, revistas e gibis ao fuçar os sebos da cidade, especialmente o do Messias.

Retornei ao apartamento e passei o resto do dia a lapidar o artigo.

Na segunda-feira, não preciso dizer, o Gonçalves se mostrou boquiaberto diante da matéria. Não necessariamente no bom sentido. Lá veio a voz anasalada:

— Que diabos, *Kolchak!* Deu pra fazer poesia?

— Foi o que tive pro momento, catso!

— Não é que eu não gostei. Mas esperava um troço picante, entende?

— Eu sei. Todavia, foi o que consegui produzir. Se não quiser, oferecerei a outro...

— Nada disso! O jornal tá em cima da hora. Tudo bem, eu pago! Só estranhei a novidade. Não esperava, vindo de você. E quanto à autoria, deixa assim, "Ângelo S."?

Eu não quis assinar como João Silva a fim de não encrencar com meu atual patrão. Também decidi não mencionar coisa alguma da gravação.

— Sim, é isso aí.

— *Cê que sabe.*

Fui para o meu trabalho. No horário de almoço, passei no banco e sustei o cheque.

Durante a semana, veio outra surpresa, dessa vez tanto para o *Quico* quanto para mim.

O artigo foi um sucesso!

Por uma dessas ironias cujo destino vez ou outra adorava pregar, o artigo da atriz pornô, mais fruto da fantasia do que dos fatos, teve boa repercussão. Centenas de cartas choveram no *Fuzarva*, manifestando admiração, empatia e compaixão.

Senti-me gratificado.

Nada havia de sobrenatural, exceto no finzinho: a forma empoeirada no cemitério.

De todas as matérias que escrevi, foi a que mais me afetou.

Afinal, no dia a dia, o encanto da vila do *Chaves* só existia no coração das crianças.

Pior do que o sobrenatural, os fantasmas que assombraram o Anjo foram os monstros da realidade, mais cruéis, profundos e assustadores. Apesar de sua curta existência, e d'eu não ser religioso, a minha rude maneira orei para que, doravante, ela estivesse em paz.

\*\*\*

### NOTA DO AUTOR:

Eu já havia escrito três histórias envolvendo o protagonista, as quais foram publicadas nas antologias: "Contos e Poemas Assombrosos" ("Em Minha Mente"), "Histórias para Ler e Morrer de Medo" ("Quando os Mortos se Levantaram") e "Arquivo Secreto" ("Tout n'est pas rose"), todos pela "Conexão Literatura". Ao reler esses contos, percebi uma inconsistência no terceiro em relação ao primeiro. Então, para tapar esse buraco, compus "Sem Asas Para Voar". Não que eu tivesse a pretensão de achar que alguém lera todas as três. Foi mais para a minha própria satisfação.

**Obs:** Essas antologias podem ser baixadas gratuitamente em: <https://www.divulgalivros.org/>

### BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e trinta antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

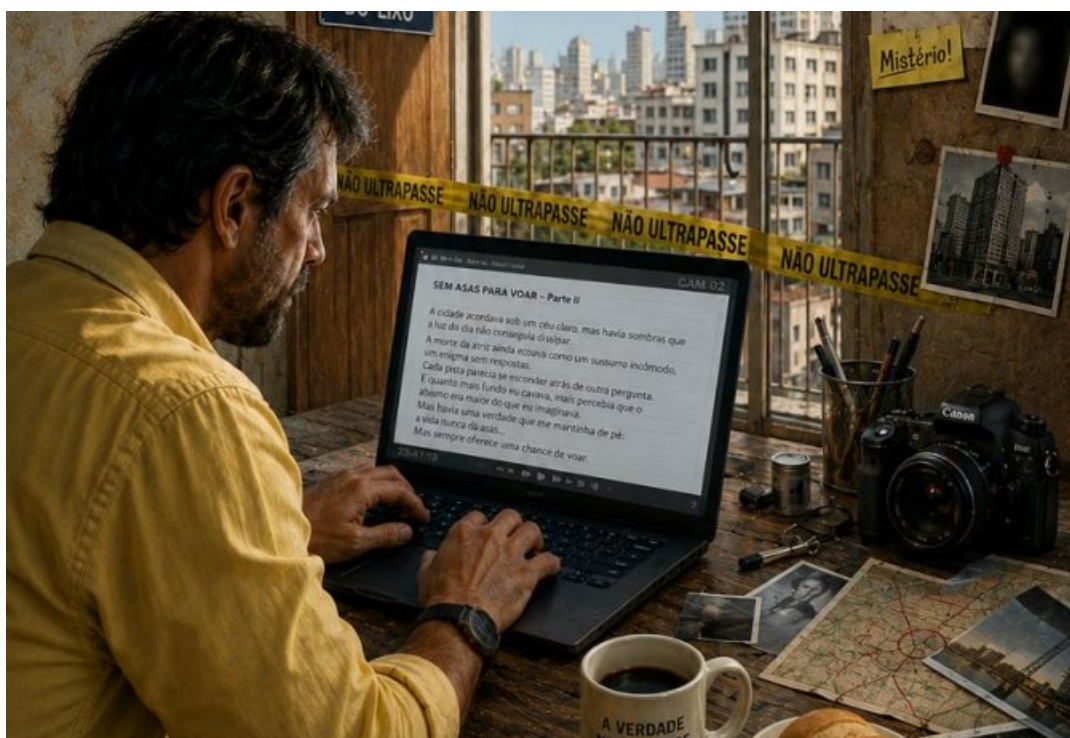
<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

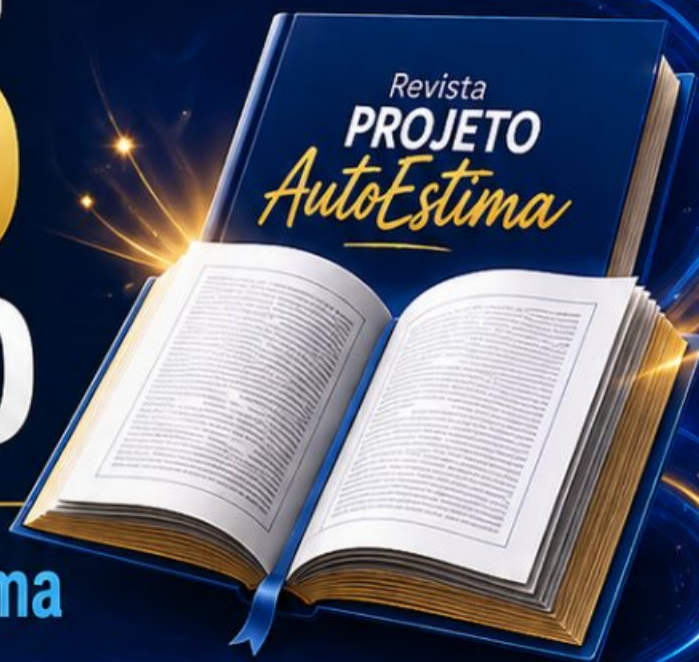
<https://loja.uiclap.com/pesquisa=Roberto%20Schima>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



# DIVULGUE O SEU **LIVRO** OU TEXTO

— NA —  
**Revista Projeto AutoEstima**



## **Entrevista:**

Entrevista Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

**R\$ 200,00**



## **Texto:**

**R\$ 80,00**



## **Poema até 2 páginas:**

**R\$ 80,00**



## **Conto ou crônica até 4 páginas:**

**R\$ 80,00**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:



<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit>

Revista  
**PROJETO**  
*AutoEstima*



<https://revistaprojetoautoestima.com.br>

# O DESPERTAR DA LOBA

## OU A MALDIÇÃO DE ANHANGÁ

(Segunda Parte)

Por Sellma Luanny

OS DEUSES  
TUPÃ\*  
GUARACI\*\*  
ANHANGÁ\*\*\*  
JACI\*\*\*\*



Uma antiga maldição.  
Um segredo guardado nas montanhas.  
Um destino que desperta sob a lua cheia.

O TALISMÃ DE TUPÃ  
NAS MONTANHAS



(Segunda Parte)

Ana passou a noite quase às claras, repassando na sua mente, tudo que a avó relatara e anotando, num diário, todas as partes mais importantes. Apesar daquela narrativa parecer somente uma assombrosa fantasia, os sinais que observava em si e o comportamento da tia, no primeiro dia de lua cheia, não deixavam dúvidas de que algo mesmo sobrenatural pairava sobre aquelas redondezas e seu povo. E ela afinal, não estava mais sozinha no seu sombrio caminho.

No dia seguinte, durante o café da manhã, Ana já estava pronta para ouvir da avó, a continuação da assombrosa, mas não menos fascinante narrativa. Mas a avó retrucando, disse que as horas da manhã numa fazenda eram preciosas demais para serem gastas com conversa fiada — e perto de muitos ouvidos —, além de haver uma quantidade inadiável de trabalho braçal esperando por elas.

E assim foi-se a manhã.

Veio o almoço e os afazeres seguintes até a hora do chá/café da tarde, antes de começar o preparo do jantar.

Ana teve que se submeter a essa rotina, mas com todo o gosto, pois em intervalos regulares e sagrados, no interior e nas fazendas mineiras, todos paravam para saborear os regalos daquela cozinha regional e tradicional — quitutes típicos, pães de queijo quentinhos regados a café e os doces da região, que agradavam ao paladar mais requintado. E os seus prediletos, eram muitos — na verdade, considerou, não havia doces e quitutes prediletos por lá. Eram todos deliciosos. Muitos deles dependentes das frutas da estação, excedente do leite, queijo e ovos. E por aí afora.

Entre as frutas sazonais, a Jabuticaba era a favoritíssima da Ana e quando as jabuticabeiras do pomar da fazenda, lá pelo mês de novembro, cobriam-se das frutinhas de casca preta, ela ficava por horas debaixo das copas, empanturrando-se do líquido doce e refrescante, até não mais poder. Na verdade, eram momentos de prazer e reflexão sobre tudo que estava acontecendo com ela e arredores.

E a vida na fazenda ajudava a aliviar a tensão que a acometia.

## A CORRENTE DA MALDIÇÃO

Voltando à narrativa da avó, no segundo dia à noite, sentaram-se próximas uma da outra para a continuação da impressionante história iniciada no dia precedente.

A avó não queria se perder em longas narrativas, mas ainda tinha muito a contar. A tia, nesses momentos, muitas vezes se ausentava da sala antes mesmo da avó começar a falar pois, ciente de tudo, vivia desgostosa e devia desejar atingir rapidamente os seus 50 anos de idade — que não estavam assim à vista — para poder se livrar da maldição.

Continuando, a avó disse que os primeiros amaldiçoados, após serem atacados e mordidos pelo pajé-lobo ao chegar da lua cheia, por sua vez passaram a maldição à próxima geração — no início sem noção do ocorrido e da maldita corrente que não mais pararia.

Durante os séculos seguintes, vários dos amaldiçoados, já sabendo da história, procuravam não ter filhos, ou se isolavam nas cavernas das montanhas ou punham fim à própria vida. O intuito de muitos era pôr um fim àquela sina. Mas até este dia, completou a avó, não conseguimos nos livrar dela.

Era também sabido que um cônjuge mau ou perverso de um amaldiçoado, frequentemente abandonava o/a parceiro(a) ou procurava tirar a vida ao primogênito recém-nascido.

Ana, ao ouvir tudo isso, sentiu arrepios e um calafrio a percorrer a sua coluna. E perguntou à avó se o seu pai não sabia da maldição da sua mãe.

— O seu pai amava muito a sua mãe — disse a avó. A sua mãe enquanto esteve casada com ele, vinha sempre para cá, sozinha, com o pretexto de me visitar. Chegava um a dois dias antes da lua cheia, e voltava depois de uns quatro dias. Pelo que, se o seu pai desconfiou, nunca demonstrou. E nunca tocou neste assunto após a morte dela, decorrente daquele terrível acidente. A sua mãe era muito preocupada com você, mas eu disse a ela que quando você sentisse a necessidade de vir, seria bem recebida e protegida. E os acometidos pela maldição, como você, a partir da adolescência, sempre vêm para esta região. É como se fossem chamados pelos fantasmas dos antepassados.

## MAIS PERGUNTAS E RESPOSTAS

Ana estava se coçando para fazer mais perguntas antes mesmo da avó continuar.

Por que a tia e a mãe foram amaldiçoadas se deveria ser só o/a primogênito(a)?

A avó com um meio sorriso e um ar desgostoso, contou-lhe que a tia era a primogênita de uma grande amiga, com a mesma sina dela, e que após alguns anos depois do nascimento da criança, ela não aguentou a rejeição e abandono pelo marido e foi-se definhando até falecer.

E ela — a sua avó — por compaixão e similitude, adotou a pequenina.

E o avô, aceitara a situação?

A avó respondeu que o avô de Ana além de ser um homem culto e educado, tinha ascendência parcialmente indígena e por isso, acreditava e aceitava a história como uma herança do seu próprio sangue.

E os filhos da avó — os dois tios homens? Por que não moravam por perto para ajudar a avó a tomar conta daquela propriedade tão grande?

A avó disse que pelo mesmo motivo que tentou e tenta manter os acometidos por perto, ela pediu ao avô para os mandar, quando adolescentes, para a capital do estado, a

fim de morar na casa de uma das suas irmãs, onde poderiam continuar os estudos, sem saberem e sofrerem por causa da maldição.

E o avô? Como desapareceu?

Então a avó disse que há mais de dez anos o avô, inconformado com a situação, partiu à procura do talismã de Tupã para poder quebrar a maldição e nunca mais voltou. Para a avó, ou ele infelizmente, já estava morto em algum lugar das montanhas ou ele não voltaria até cumprir a missão.

Após os relatos elucidativos da avó, Ana procurou colocar ideias e sentimentos em ordem e por algum tempo, não voltou ao assunto.

No primeiro dia da lua cheia seguinte, resguardou-se no seu quarto, até sumirem do seu corpo, os sinais e dores que sinalizavam que os seus tempos de completa transformação em loba, estavam se aproximando.

### RESOLUÇÕES DE ANA

Quando Ana voltou a tocar no assunto, com a avó, foi para dar a conhecer a esta, que tomara algumas resoluções a partir de então.

Ana tinha terminado o ensino preparatório para a universidade, mas sabia que não devia nem queria sair mais daquele lugar até que aquela maldição pudesse ser quebrada.

Então, Ana disse à avó que ia fazer um curso universitário à distância, pelo que pedia a ela se poderiam ter na propriedade, um gerador elétrico mais moderno a trabalhar continuamente e uma antena para captar uma rede de Internet.

A avó entendendo os seus propósitos, concordou sem maiores discussões.

\*\*\*

Nota de rodapé: segunda parte do conto (partes a serem publicadas mensalmente nesta revista).

### Sobre Sellma Luanny:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

# Que horas são?

Por Luciana Simon de Paula Leite



Matheus andava apressado, com passos largos. Mal reparou que o tênis Nike Revolution 8, que havia comprado em uma liquidação de uma mega store pela internet, estava com os cadarços frouxos, e o calçado do pé direito completamente desamarrado.

Tinha esquecido de colocar seu relógio preto de borracha, adquirido baratinho de um camelô no centro da cidade, quando fora entregar um envelope com documentos no escritório de contabilidade Origem Amarela.

Matheus era office boy. Sua categoria estava quase em extinção, mas ainda era imprescindível na empresa em que trabalhava, uma importadora de café sul-americano, oriundo principalmente da Colômbia.

Trabalhava na Que Cheiro Bom havia sete meses e meio. A jornada não era excessiva. Utilizava meios de transporte coletivo e realizava tarefas que demandavam alguma providência ou contato pessoal, atividades que os motoboys de entrega não faziam, como pagar contas em bancos, retirar protocolos e levar recados específicos que não fossem passíveis de transmissão on-line ou que exigissem maior atenção.

Matheus morava na periferia da grande cidade e não chegava em casa antes das 23h40, pois frequentava um curso técnico em uma escola subsidiada pela prefeitura.

No auge de seus dezesseis anos, fazia um esforço gigantesco para acordar cedo todos os dias, alimentar-se mal durante a jornada, engolindo lanches rápidos e, raramente, tomando um copo de suco natural. Deslocava-se durante o expediente para vários lugares, em bairros opostos, dirigindo-se, por fim, à escola técnica, seu último compromisso do dia útil antes de entrar no apartamento de dois cômodos em um condomínio habitacional popular.

Porém, o maior desafio que se lhe apresentava consistia em não se deixar levar pela “onda” dos colegas do prédio e do bairro, muitos dos quais conhecia desde moleque, dos tempos do futebol de campo na quadra da Escola Estadual Dona Licinha da Cruz. Na verdade, os apelidos que recebia dos “parças”, como os chamava, eram variados: “moloide”, “filhinho da mamãe”, “florzinha”, dentre outros que eram legítimos palavrões, aliás, em grau aumentativo.

A razão era muito simples. Matheus era o certinho. O “careta”, o “nerd”, o “covarde”, aquele que “não era homem” porque não integrava o tráfico, porque não fumava maconha, porque usava o cabelo curto ou, ainda, porque não tinha tatuagens, não bebia com os colegas e não cheirava cocaína.

Enquanto Matheus precisou economizar durante muitos meses para comprar os tênis Nike Revolution 8, seus colegas exibiam roupas de marca e trocavam constantemente seus pares de tênis importados. Alguns usavam correntes de ouro e

relógios que chamavam a atenção. Tudo parecia muito fácil para eles. Contudo, Matheus já havia aprendido que aquilo era enganoso. Uma fantasia.

O medo estava estampado nos olhos de vários meninos do bairro. Medo do chefe do tráfico. Medo de não conseguirem vender e repassar os valores da droga recebida. Medo de serem acusados de atuar como informantes da polícia ou, pior ainda, de vazarem informações para o grupo criminoso rival.

E todo esse medo, abafado pelos efeitos dos entorpecentes consumidos nas festas de rua improvisadas, ao som alto do funk, não desaparecia dos olhos arregalados daqueles mesmos meninos quando seus corpos, vez por outra, apareciam inertes em algumas ruelas das redondezas.

Aquilo era bastante comum, e várias podiam ser as causas responsáveis pela aniquilação dos garotos: traficantes, integrantes de grupos rivais, confrontos com a polícia e até mesmo a famosa overdose.

Apesar de todos os desafios, do cansaço habitual que sentia e do tempo reduzido para viver e fazer todas as coisas interessantes que os garotos de sua idade apreciavam, Matheus ainda preferia ser honesto e manter-se longe do crime e das drogas. O preço a pagar era ser ridicularizado pelos amigos de infância. Ainda assim, considerava esse valor pequeno diante dos riscos que eles corriam e do curto tempo de vida reservado a muitos deles.

Em casa, reinava a ditadura feminina. Costumava brincar com as irmãs e a mãe, fazendo alusões à tirania de gênero, no caso, em seu desfavor...

O fato é que todos acabavam rindo quando Matheus se fazia de vítima. Na verdade, sabia muito bem que era bastante afortunado por ter uma família como a sua.

A mãe, Dalva, teve a primeira filha aos catorze anos, em Rondônia, onde morava com a família, na zona rural. Eram duas crianças que mal sabiam o que faziam e que acabaram gerando uma terceira. Dalva foi expulsa de casa pelo pai e enviada para a residência da tia Clotilde, que morava em São Bernardo do Campo. Ali, desde cedo, estudou e trabalhou como empregada doméstica, enfrentando diversos obstáculos. Jamais se afastou de Ana Beatriz, a filha mais velha, hoje gerente de uma loja de roupas femininas no shopping mais próximo de casa.

Quando Dalva tinha vinte e três anos, conheceu Ramiro em uma fábrica de laticínios, onde trabalhava na linha de produção, embalando produtos. Matheus não conheceu o pai de suas outras duas irmãs, Cristina e Flávia. Soube apenas que o relacionamento durou menos de um ano e que, após Dalva dar à luz as meninas, gêmeas univitelinas, Ramiro sequer as registrou e desapareceu.

Sua mãe foi forte e lutou muito para cuidar das filhas, tentando conciliar a rotina exaustiva de faxineira autônoma com os cuidados indispensáveis à família. Entre casas de vizinhas, às quais pagava para cuidar das meninas, escolas públicas, creches e postos de saúde, seguiu em frente.

Porém, como o coração é um bicho que não sossega — frase que sua mãe repetia com frequência —, Dalva conheceu Aluísio, cobrador de ônibus da linha 726 da Viação Pardallito, que utilizava regularmente para voltar para casa.

O relacionamento do casal foi discreto. Nunca se encontravam aos sábados e domingos, porque Dalva precisava cuidar das filhas. Aluísio dizia ser divorciado. Acrescentava que os filhos já eram adultos e que havia muito tempo não mantinha contato com eles, muito menos com a ex-esposa.

Após seis meses de dengos, cafés com tapioca no fim do dia, na parada final do ônibus, e algumas saídas esporádicas, sempre à tarde, para “namorarem” em motéis baratos, eis que Dalva, completamente atônita, descobriu que estava grávida... de Matheus.

Bastou contar a novidade ao pai da criança para que a história da ausência de família mudasse por completo. Aluísio garantiu que não havia mentido sobre seus sentimentos por Dalva. De fato, havia se separado da esposa e permanecido afastado dos filhos por muito tempo. Acontece que a ex-mulher estava doente e ele, penalizado, acabou retornando ao lar conjugal. Não podia deixar os filhos sem apoio. Não, não fora algo proposital... eram coisas que aconteciam, segundo ele. Dalva era uma mulher madura e haveria de compreender.

O fato é que o pai de Matheus, assim como o genitor das gêmeas, desapareceu. E Matheus nasceu rechonchudo, inocente e sorridente. Sem pai, em movimento contrário à própria natureza.

Acontece que Dalva não era mulher de se deixar abater pelos reveses da vida. Buscou auxílios governamentais, manteve os clientes antigos e acrescentou novos serviços, como o de passadeira aos sábados pela manhã, para complementar a renda.

Todos se ajudavam, trabalhando desde cedo e frequentando o Ceasa, principalmente na infância, para acompanhar a mãe na coleta de frutas e verduras que seriam descartadas após a feira. Assim, conseguiram sobreviver sem abandonar os estudos e sem passar fome. Dalva insistia nisso.

— Por mais difícil que seja, estudar vem em primeiro lugar. Quero meus filhos vivendo uma vida digna.

Essa frase sempre vinha à memória de Matheus quando se sentia irritado ou exausto com a rotina. Aquela mulher não desistira de nenhum deles. Não seria ele, portanto, quem desistiria.

Com percalços, algumas privações, desafios pessoais e muito amor, Matheus e suas irmãs cresceram bem. Ana, a mais velha, possuía um salário satisfatório, era independente e ajudava bastante em casa. Cristina era professora de inglês em uma escola infantil particular da zona sul e estava com casamento marcado. Flávia trabalhava havia vários anos na área administrativa de uma churrascaria de origem gaúcha e mantinha um relacionamento sério com Waltinho, motorista de aplicativo que a conhecia desde a adolescência.

Por fim, havia ele, Matheus. Não sabia ao certo o que seria de seu futuro, em que trabalharia ou qual curso faria. Mas estava em dia com os estudos, sem reprovações, e se esforçaria ao máximo para ingressar em uma faculdade. Queria dar segurança à mãe um dia.

Meio atordoado pela jornada desgastante, Matheus chegou em casa e fechou a porta com delicadeza. Não queria acordar ninguém; sua mãe e as irmãs costumavam dormir cedo.

— Oi, filho...

Ouviu uma voz sonolenta vinda do sofá-cama de três lugares, bem-posicionado na sala, que também servia como seu quarto, compondo um ambiente simples, organizado e limpo.

— Mãe?

— Que horas são?

Matheus olhou para o relógio redondo, de aro prateado e fundo branco, fixado na parede.

— Quase meia-noite! A senhora devia estar dormindo!

— Não, filho. Prefiro conversar um pouco com você. Está tudo bem?

— Sim... O que tem para comer?

— Deixei um prato pronto no micro-ondas. É só esquentar.

— Matheus?

Um grunhido afirmativo veio da cozinha.

Dalva sorriu.

— Filho... a vida não é só trabalhar, está bem? Quero que amanhã, sábado, você faça alguma coisa de que goste.

— Mãe, quero dormir. E, depois do almoço, vou até a casa do Alex jogar videogame com ele.

Dalva levantou-se e foi, satisfeita, para o quarto. Preocupava-se com o futuro do filho, sua segurança e seu silêncio. Porém, algo em seu íntimo lhe dizia que estava tudo bem. Ele vivia um dia de cada vez, construindo o futuro dentro das possibilidades do presente.



**Luciana Simon de Paula Leite:** exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado “Para nossas meninas”, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

# LENDAS

## DO BRASIL

1



### 1 - SACI

Travesso e muito esperto, o Saci vive nas matas e adora pregar peças nas pessoas. Usa um gorro vermelho e tem apenas uma perna. Fuma cachimbo e desaparece em redemoinhos de vento e fumaça.

2



### 2 - CABOCLO-D'ÁGUA

Vive nas águas dos rios e lagoas. É protetor dos peixes e dos seres que habitam os rios. Aparece como um belo homem de pele morena e cabelos longos, montado em um boto.

3



### 3 - CORPO-SECO

Assombração que aparece para castigar aqueles que praticam injustiças ou têm más intenções. Sua pele é seca e grudada nos ossos. Ele pede ajuda, mas pode levar quem age de forma errada.

4



### 4 - MÃE DO OURO

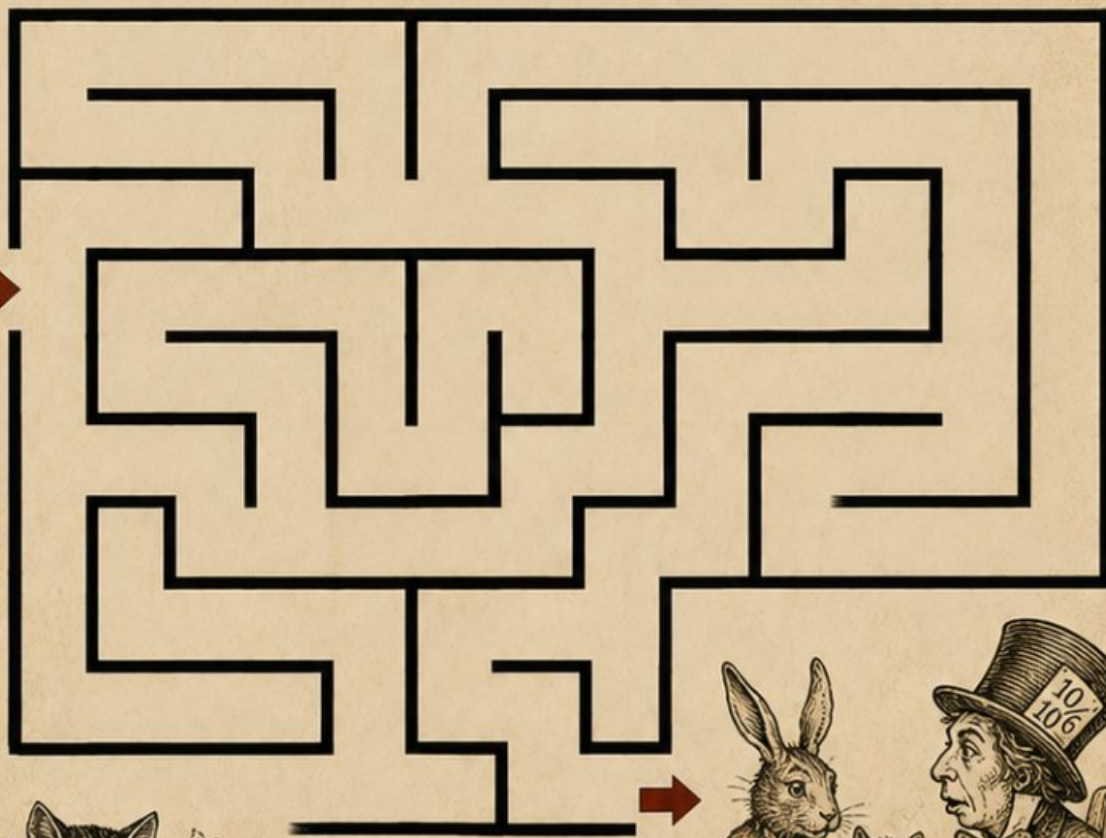
Dona de todas as riquezas das minas e cavernas. Misteriosa, protege o ouro e castiga quem o procura com ganância ou destrói a natureza.

# ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Alice precisa chegar até o Chá do Chapeleiro Maluco. Ajude-a a encontrar o caminho certo!



INÍCIO



“Imagina só, que maravilha, um mundo todo maravilha, cheio de coisas maravilhosas!”  
– Alice no País das Maravilhas



CHÁ DO  
CHAPELEIRO MALUCO

Revista  
**CONEXÃO**  
LITERATURA

# AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2026

“

LIVROS  
CONECTAM IDEIAS.  
NÓS CONECTAMOS  
LEITORES E HISTÓRIAS.



## REVISTA CONEXÃO LITERATURA

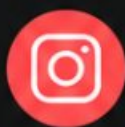
Um espaço dedicado à literatura em todas as suas formas.

Publicamos contos, crônicas, poemas, entrevistas, resenhas e artigos que inspiram, informam e transformam.

### ESTATÍSTICAS QUE CONECTAM



**+798 MIL**  
seguidores no  
**FACEBOOK**



**+298 MIL**  
seguidores no  
**INSTAGRAM**



**+5 MILHÕES**  
de acessos em nosso  
**SITE**



### ANUNCIE COM QUEM FALA COM LEITORES!

Divulgue nas edições da nossa revista e conecte sua marca a um público apaixonado por leitura.



E-mail:  
[ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)



Site:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

ACESSE O QR CODE  
E CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



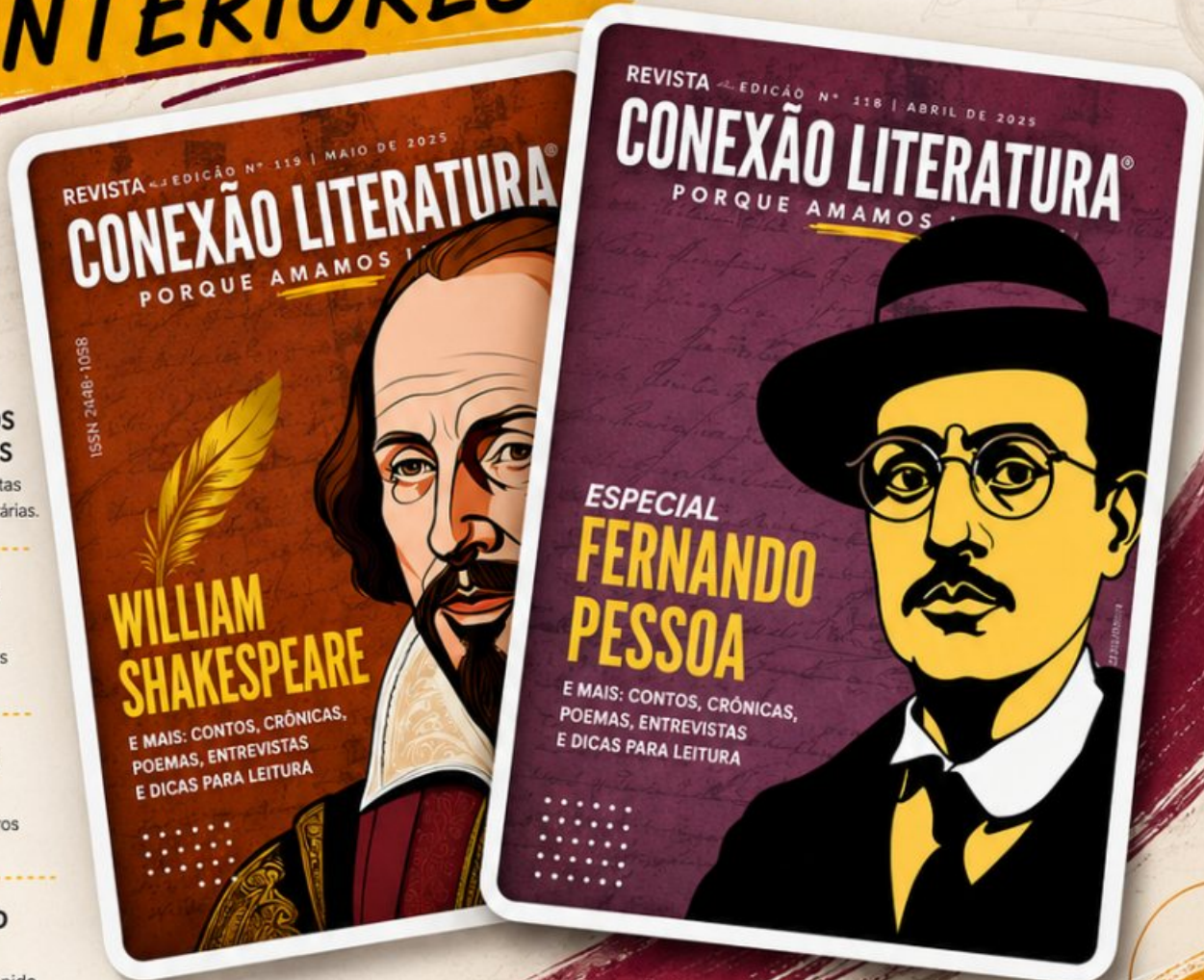
**MÍDIA KIT 2026**

Revista  
CONEXÃO LITERATURA



Explore conteúdos inspiradores com entrevistas exclusivas, contos, crônicas, poemas e dicas para leitura.

# BAIXE AS EDICÇÕES ANTERIORES



#### CONTEÚDOS EXCLUSIVOS

Artigos, entrevistas e inspirações literárias.



#### VARIEDADE LITERÁRIA

Contos, crônicas e poemas.



#### DICAS PARA LEITURA

Sugestões de livros e autores.



#### DOWNLOAD GRATUITO

Acesso fácil e rápido às edições.



## DOWNLOAD

*Clique e baixe agora!*



ACESSE E BAIXE GRATUITAMENTE!

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)




# OPÇÕES PARA DIVULGAÇÃO



Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço nas edições e redes sociais da Revista Conexão Literatura.

TENHO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)  
Aos cuidados de Ademir Pascale


OPÇÃO

1



## DIVULGAÇÃO DE AUTOR/LIVRO

Entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores.

 CUSTO: Brasil= R\$ 180,00 · Portugal= € 37



OPÇÃO

2



## ANÚNCIO – 1/ PÁGINA (INTERNA)

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 1 edição da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

 CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 · Portugal= € 60



OPÇÃO

3



## ANÚNCIO – 1. PÁGINA (INTERNA) (EM 6 EDIÇÕES)

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 6 edições da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

 CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 · Portugal= € 300



OPÇÃO


4



## BANNER CLICÁVEL (SITE)

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

 CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 · Portugal= € 80



OPÇÃO

5



## CAPA DO LIVRO / PRODUTO / NOTÍCIA

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

 CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 · Portugal= € 100




OPÇÃO

6



## CAPA DA REVISTA + ENTREVISTA (DESTAQUE)

Seja capa da nossa revista. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: [www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura) e na lateral da página principal do nosso site.

 CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 · Portugal= € 370



PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) · c/ Ademir Pascale

 **PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

REVISTA  
**CONEXÃO  
LITERATURA**



NO AR

**DESDE 2015**

CONECTANDO  
**AUTORES E LEITORES**



**DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO**  
todo dia 1º de cada mês


**MENSAGEM DO EDITOR**



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE  
**QUALQUER VALOR:**

**CLIQUE AQUI** 



**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO**

**CLIQUE AQUI** 



**ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



Facebook  
[@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)



Instagram  
[@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)



Youtube  
[@conexaonerd](https://www.youtube.com/conexaonerd)